

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**MARIO ABEL BRESSAN JUNIOR**

**A MEMÓRIA AFETIVA E OS TELESPECTADORES:  
UM ESTUDO DO CANAL VIVA**

**PORTO ALEGRE**

**2017**

**MARIO ABEL BRESSAN JUNIOR**

**A MEMÓRIA AFETIVA E OS TELESPECTADORES:  
UM ESTUDO DO CANAL VIVA**

Tese apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Doutor em Comunicação,  
pelo Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação Social da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Finger

PORTO ALEGRE

2017

### **Ficha Catalográfica**

B843m Bressan Júnior, Mario Abel

A memória afetiva e os telespectadores : Estudo de caso do Canal Viva / Mario Abel Bressan Júnior . – 2017.

178 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Finger.

1. Comunicação. 2. Televisão. 3. Memória Teleafetiva. 4. Redes Sociais. 5. Canal Viva. I. Finger, Cristiane. II. Título.

**MARIO ABEL BRESSAN JUNIOR**

**A MEMÓRIA AFETIVA E OS TELESPECTADORES:  
UM ESTUDO DO CANAL VIVA**

Tese apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Doutor em Comunicação,  
pelo Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação Social da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

---

Prof. Dra. Cristiane Finger (Orientadora)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

---

Prof. Dra. Beatriz Dornelles

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

---

Prof. Dr. Flávio Porcello

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Prof. Dra. Fabiana Piccinin

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

---

Prof. Dra. Christina Musse

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Dedico esta pesquisa a todos (e a tudo) que  
constituem minhas memórias.

## AGRADECIMENTOS

Com o término desta pesquisa, agradeço aos que contribuíram para a conclusão desta etapa. Um sonho realizado, um capítulo encerrado, uma nova trama iniciada. Neste enredo, muitos foram os atores que permitiram que eu chegasse aqui.

Agradeço, primeiramente, à minha família, esposa e filhos, pela cumplicidade e compreensão nestes quatro anos. Minha ausência foi inevitável em alguns momentos, mas perto deles minhas forças foram renovadas e o carinho transmitido enriqueceram meus dias.

O meu muito obrigado à professora Cristiane Finger que, com paciência, determinação e entusiasmo, ensinou o que é fazer uma pesquisa de doutorado. Aprendi que é possível persistir e encarar os erros como se fossem degraus que levam ao topo e que uma tese pode abrir horizontes, desvendar o que está escondido e ampliar os olhares sobre o mundo.

Obrigado à UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina – por permitir e acreditar nesta minha qualificação profissional.

Aos alunos e professores dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, o meu eterno afeto por compreenderem minhas ausências, incentivarem a conclusão desta etapa e por proporcionarem tantas alegrias nestes últimos quatro anos, tempo em que estive à frente da coordenação dos cursos.

Ao professor Francisco Rui Cádima e toda equipe do Centro de Investigação em Comunicação, Informação e Cultura Digital - CIC.Digital, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, meu agradecimento pelo acolhimento e por permitirem minha pesquisa em Portugal.

Agradeço a todos os amigos e demais familiares que estiveram presentes e auxiliando de alguma forma para que eu conseguisse chegar ao título de Doutor em Comunicação Social.

“Corro, rompendo laços, abraços, beijos. Em cada passo é você quem vejo. No tele-espaço pousado, em cores no além”. (trecho da música *Teletema* de Antônio Adolfo/ Tibério Gaspar)

## RESUMO

Esta tese de doutorado possui como objetivo geral analisar como é constituída a memória afetiva dos telespectadores do Canal Viva no Brasil. Procuramos responder de que forma acontece a conquista da audiência, como a memória afetiva pode interferir neste processo de aceitação, quem são e como interagem esses telespectadores nas redes sociais e que memórias e afetos aparecem nas publicações. Utilizamos a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011), a qual estabelece a investigação sobre os sentidos semânticos dos comentários, observando os verbos, os adjetivos e expressões que proporcionam um sentido na conversa publicada na rede. Com a análise de conteúdo foi possível construir categorias que permitiram compreender as manifestações dos telespectadores sobre o Canal Viva. Analisamos os comentários postados pelos telespectadores, no site de rede social *twitter*, sobre as telenovelas *Cambalacho* e *Laços de Família*. Para isso, empregamos como ferramenta de coleta dos dados o software *Grid Monitoramento*. No percurso metodológico, as postagens foram classificadas em dois momentos. No primeiro, em positivas, negativas e neutras. No segundo, obedece aos critérios de categorização apresentados na metodologia. Após a realização dessas divisões, os dados foram analisados a partir das coocorrências de termos que aparecem incidentes ou não. Os resultados mostraram que, além da afetiva, há uma memória teleafetiva, resultante dos efeitos emocionais advindos da televisão, da socialização e dos afetos construídos com os grupos de referência. O Canal Viva passa a ser um lugar de revisitação, que evoca as memórias e as afetividades do público. Há um prazer em voltar ao passado por constituir um laço social reconstruído pelas lembranças, das quais a TV fez parte em momentos particulares e coletivos das pessoas.

Palavras-Chave: Comunicação. Televisão. Memória teleafetiva. Redes Sociais. Canal Viva.

## ABSTRACT

This doctoral thesis has as general objective, to analyze how Canal Viva viewers' affective memory is constituted in Brazil. We try to answer in which way the audience conquest happens, how the affective memory can interfere in this process of acceptance, who are and how these viewers interact in social media and what memories and affections are shown in the posts. We use the Content Analysis of Laurence Bardin (2011), which establishes the research on the semantic meanings of comments, observing the verbs, adjectives and expressions that provide meaning in the conversation published on the network. With the analysis of content it was possible to construct categories of analysis that allowed to understand viewers' manifestations about Canal Viva. We analyzed the comments posted by viewers on *twitter website* on the telenovelas *Cambalacho* and *Laços de Família*. For this, we use *Grid Monitoring* software as a data collection tool. As a methodological course the posts were classified in two moments. The first one was positive, negative and neutral, and the second was in accordance with the categorization criteria presented in the methodology. After these divisions were made, the data were analyzed with the co-occurrences of terms that appear incidental or not. The final results showed that, in addition to being affective, there is a tele-affective memory, resulting from the emotional effects of television, socialization and the affections built with reference groups. Canal Viva becomes a place of revisitation, which evokes the memories and affectivities of the public. It is a pleasure to return to the past because it is a social bond reconstructed by remembrances, in which the TV was part of the private and collective moments of people.

Keywords: Communication. TV. Tele-affective memory. Social networks. Canal Viva.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Laço social reconstruído com as recordações .....	75
Figura 2 - Vibração com a memória teleafetiva .....	76
Figura 3 - Conjunção de métodos.....	77
Figura 4 - Nuvem de palavras da programação Viva .....	81
Figura 5 - Funcionamento da ferramenta Grid .....	84
Figura 6 – Ilustração visual de como aparecem, no Excel, as mensagens a serem categorizadas .....	94
Figura 7 – Modelo gráfico da aplicação dos termos coocorrentes .....	95
Figura 8 - Desenho Metodológico .....	96
Figura 9 – Coocorrência – Categoria 1 .....	156
Figura 10 – Coocorrência – Categoria 2.....	158
Figura 11 – Coocorrência – Categoria 3.....	160
Figura 12 – Coocorrência – Categoria 4.....	161
Figura 13 – Grupos de referência e movimentos da memória teleafetiva .....	163
Figura 14 – Coocorrência – Categoria 5.....	165

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária da audiência do Canal Viva, trimestre out – dez 2016 .....	17
Tabela 2 - Características da hipertelevisão .....	38
Tabela 3 - Datas de estreia e término das telenovelas no Canal Viva, a partir de 2015.....	82
Tabela 4 - Exemplo de termos para menções positivas e negativas .....	86
Tabela 5 - Resumo dos conceitos .....	87
Tabela 6- Quadro das classificações elaboradas com o método exploratório .....	89
Tabela 7 – Distribuição de conceitos base para as categorias .....	90
Tabela 8 - Período para a coleta dos dados no <i>twitter</i> .....	93
Tabela 9 - Classificação dos <i>tweets</i> na 1ª coleta com o termo <i>Cambalacho</i> .....	97
Tabela 10 - Dados quantitativos das categorias: positivos, negativos e neutros sobre <i>Cambalacho</i> .....	98
Tabela 11 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 1 - Ativação.....	99
Tabela 12 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação .....	101
Tabela 13 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 3 - Diversão.....	105
Tabela 14 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 5 - Informação .....	106
Tabela 15 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 1 - Ativação.....	108
Tabela 16 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação .....	110
Tabela 17 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 3 - Diversão.....	113
Tabela 18 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 5 - Informação ....	113
Tabela 19 - Classificação dos <i>tweets</i> na 1ª coleta com o termo <i>Laços de Família</i> .....	125
Tabela 20 - Dados quantitativos das categorias: positivos, negativos e neutros sobre <i>Laços de Família</i> .....	126
Tabela 21 - Temas abordados nos comentários positivos – Classificação 1 – Ativação.....	127
Tabela 22 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação .....	128
Tabela 23 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 3 - Diversão.....	136
Tabela 24 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 5 – Informação ....	136
Tabela 25 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 1 - Ativação.....	139
Tabela 26 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação .....	140

Tabela 27 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 3 - Diversão .....	142
Tabela 28 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 5 - Informação ....	142

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>TELEVISÃO: CAMINHOS, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.....</b>	<b>22</b>
2.1	TELEVISÃO SEGMENTADA E TELEVISÃO ABERTA.....	33
2.2	NOVAS FORMAS DE SE VER TV, INTERATIVIDADE E CONEXÃO .....	37
2.3	OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA TELEVISÃO.....	46
<b>3</b>	<b>DA COLETIVIDADE À AFETIVIDADE: A FUNÇÃO DA MEMÓRIA AO RECORDAR O PASSADO .....</b>	<b>53</b>
3.1	A MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA SOCIAL .....	53
3.2	MEMÓRIA, EMOÇÃO E AFETO.....	70
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>77</b>
4.1	ANÁLISE DE CONTEÚDO: COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS .....	79
4.1.1	Procedimentos iniciais da análise de conteúdo .....	79
4.1.2	Sistematização e ferramenta para a coleta dos dados.....	83
4.1.3	Critérios para a categorização dos dados .....	85
4.1.4	Coleta dos dados.....	92
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>97</b>
5.1	PRIMEIRA ANÁLISE - <i>CAMBALACHO</i> .....	97
5.1.1	Análise dos comentários positivos e negativos.....	99
5.1.1.1	Comentários positivos .....	99
5.1.1.2	Comentários negativos .....	108
5.1.2	Análise dos comentários da Recordação .....	115
5.2	SEGUNDA ANÁLISE – <i>LAÇOS DE FAMÍLIA</i> .....	125
5.2.1	Análise dos comentários positivos e negativos.....	127
5.2.1.1	Comentários positivos .....	127
5.2.1.2	Comentários negativos .....	138
5.2.2	Análise das falas da Recordação .....	143
5.3	ANÁLISE DAS RELAÇÕES E DAS COCORRÊNCIAS.....	155
5.3.1	Análise das coocorrências – classificação positiva e negativa .....	155
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>167</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>174</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos da memória vêm ganhando destaque atualmente em função da quantidade de trabalhos publicados e apresentados sobre o tema e o interesse social em recuperar formas de lembranças, buscando algo do passado para recordar e viver.

São mais de 150 livros publicados sobre memória nas áreas das Ciências Sociais, Filosofia e Comunicação. Em 2014 e em 2015, foram mais de 40 publicações, nas diferentes áreas do conhecimento<sup>1</sup>.

Outro exemplo que evidencia a relevância dos estudos de memória no Brasil são os dados do 10º Encontro Nacional de História da Mídia<sup>2</sup>, realizado em 2015, com o tema “A Memória na Era Digital”, organizado pela Rede ALCAR<sup>3</sup>, cujo número de participantes no evento ultrapassou 600 inscrições, com mais de 550 trabalhos acadêmicos aceitos e 10 mesas temáticas. Grande parte das discussões foi voltada à história da mídia e sua relação com a memória.

As lembranças coletivas, bem como a identidade social dos indivíduos, marcam uma trajetória no tempo e espaço. Mesmo sendo subjetiva, a memória é um tipo de narrativa que volta a ser rememorada com as percepções e lembranças.

Nesse sentido, a lembrança e a percepção estão juntas, uma depende da outra para acontecer, como explicado por Bergson (1999, p. 70). Para ele, as “nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança [...] não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere”. Desta forma, diz o autor, a memória fica inseparável da percepção, intercalando o passado no presente, condensando momentos variados e que, com isso, percebemos em nós a matéria, ou seja, o conjunto de imagens e a sua relação com os objetos exteriores.

Entender a memória é essencial para as diversas áreas em que a sociedade participa, pois cada vez mais se percebe a volta de elementos do passado, configurando um presente nostálgico, composto por lembranças e memórias. Na moda, na arquitetura, no design, constatamos esse movimento. Objetos de decoração e produtos da “linha retrô”, por exemplo, também fazem parte deste contexto.

---

<sup>1</sup> Levantamento realizado por este pesquisador em sites de buscas e em livrarias virtuais.

<sup>2</sup> Fonte: Informativo Alcar, n.º 19, 30/05/2015, disponível em:  
<http://www.ufrgs.br/alcar2015/informativos/informativo-no19>

<sup>3</sup> Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia, criada em 2001, com o objetivo de discutir questões voltadas à história e memória da mídia.

Há um indício, nesta conjuntura, de que é preciso olhar para este universo e observar que tipo de memória se estabelece nesta relação, se afetiva, racional, temporal ou outra manifestação sociocultural. A memória, como observa Huyssen (2000), é um dos fenômenos culturais e políticos que vem ganhando destaque nas sociedades ocidentais. Esse movimento “caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX”. (HUYSSSEN, 2000, p. 9).

Estamos cada vez mais nostálgicos e a prova disso é a venda de produtos relacionados ao passado de forma lucrativa. Huyssen (2000, p. 24) afirma que está na moda o consumo dos “remakes originais” e, assim, “como os teóricos culturais e os críticos, nós estamos obcecados com re-re-presentação, repetição, replicação e com a cultura da cópia, com ou sem original”. Para ele, por exemplo, o passado é mais vendável que o futuro. Só nos resta saber o tempo que isso durará.

Huyssen (2000) lembra que a memória da sociedade é acordada no corpo social dos valores, crenças, instituições e rituais. Os museus, memoriais e monumentos, por exemplo, formam memórias públicas, desfazendo o esquecimento por parte do próprio público. O recordar é que nos liga ao passado e a forma como lembramos define como estamos no presente. “Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar identidades e alimentar uma visão do futuro”. (HUYSSSEN, 2000, p. 67).

É desta necessidade de compreender a relação da memória que esta pesquisa se justifica. Na televisão, especificamente no Canal Viva, o que se vê são arquivos sendo exibidos tempos depois, evocando uma memória que, para nós, é afetiva. Há um prazer ao reassistir um programa. Se a recordação é um dos elementos que explicam como vivemos o presente, como dito por Huyssen (2000), é preciso olhar para o atual telespectador e tentar perceber a importância que este tipo de programação possa ter na sua construção da sua identidade e na sua relação com o mundo.

Percebemos a televisão como um instrumento que transformou hábitos sociais e globalizou culturas. Desde a sua implantação, várias foram as suas fases e surgem distintas discussões, mas ela permanece como meio de comunicação influente na transmissão de informação, cultura e entretenimento.

Talvez um caminho para se entender a construção da memória afetiva é buscar compreender os acontecimentos emocionais dos indivíduos. Para Ribeiro, Fuso e Bueno (2006, p. 69), todos têm “experiências emocionalmente estimulantes, memórias duradouras, marcantes por sua vivacidade, duração e detalhes”. Aquilo que cada um vive confirma o grau

de importância das emoções e com isso das recordações. Os momentos vividos com mais afetividade são os mais lembrados.

A televisão, como observa Ferrés (1998), consiste num instrumento de transmissão de ideias, de sentimentos e de comportamentos e que influenciam no processo de socialização e construção do ser humano, por evocar mais emoção do que reflexão e por atingir o inconsciente. Por isso, para o autor, são as emoções que condicionam as percepções da realidade. "Sabe-se que as crianças pobres tendem a estimar ou lembrar as moedas como maiores do que são na realidade, em comparação com as crianças ricas. Seu próprio desejo modifica a percepção". (FERRÉS, 1998, p. 30).

Estudar esta relação afetiva e emocional da memória dos telespectadores nos interessa para compreendermos como isso pode alterar um comportamento e provocar reações a partir de uma programação reexibida tempos depois.

Para conseguirmos os resultados necessários na investigação, traçamos os seguintes objetivos:

- Objetivo Geral:

Analisar como é constituída a memória afetiva dos telespectadores do Canal Viva no Brasil.

- Objetivos Específicos:

Analisar o perfil do telespectador que assiste ao Canal Viva;

Analisar os elementos da memória dos telespectadores encontrados nos comentários em sites de redes sociais e que são capazes de justificar a audiência;

Verificar como ocorre a aceitação da programação do Canal pelo público jovem, tendo em vista que não assistiram à primeira exibição do programa no canal aberto (Rede Globo).

Em maio de 2017, o Canal Viva completará sete anos no ar. Estreou no dia 18 de maio de 2010. A programação, na sua maioria, consiste de produtos que pertencem ao arquivo da Rede Globo de Televisão. Essa grade é formada por telenovelas, programas de humor e musicais, seriados, filmes antigos e algumas produções do próprio canal.

Segundo dados do Ibope (VEJA.COM, 2015), em 2014, o crescimento da audiência junto ao público adulto chegou a 52% em relação ao ano de 2013. Ou seja, aumentou o número de maiores de 25 anos que acompanham a programação. Em junho de 2015, com a estreia de *Despedida de Solteiro*, no horário das 15h30min às 16h20min, o Viva, segundo dados do Ibope, ficou em terceiro lugar dentre os canais mais assistidos na TV paga (CTV AUDIÊNCIA, 2015). Com a exibição da nova *Escolinha do Professor Raimundo*, entre

23 e 27 de novembro, o canal obteve seu recorde, sendo líder de audiência, às 23h15min (F5, 2015).

Em 2016, na média de audiência de toda a programação, o Canal fechou o ano como o quinto mais assistido na TV Paga (MEDEIROS, 2017), sendo que, com a exibição de *Pai Herói*, conquistou nas duas primeiras semanas<sup>4</sup> a liderança no horário das 23h30min à 0h20min (MEDEIROS, 2016).

Segundo dados de audiência fornecidos pela empresa GFK<sup>5</sup>, o perfil do telespectador do Canal Viva em relação à faixa etária, no último trimestre, entre outubro a dezembro de 2016, é constituído da seguinte forma:

Tabela 1 – Faixa etária da audiência do Canal Viva, trimestre out – dez 2016

<b>Idade do telespectador</b>	<b>Audiência (%)</b>
De 35 a 49 anos	24%
De 50 a 59 anos	24%
Mais de 60 anos	18%
De 25 a 34 anos	13%
De 18 a 24 anos	8%
De 04 a 11 anos	7%
De 12 a 17 anos	5%

Fonte: GFK (2017)

No Brasil, estes dados são significativos se pensarmos no alcance do canal no universo das TVs pagas.

Por isso, esta tese investiga o fenômeno da memória afetiva do público que assiste ao canal e procura responder aos seguintes questões problemas de pesquisa:

- De que forma o Canal Viva conquista a audiência, tanto aquela que já assistiu a programação tempos atrás, quanto os que assistem pela primeira vez?
- Como a memória afetiva interfere neste processo e aceitação da programação?
- Quem são e como interagem os telespectadores nos sites de redes sociais?
- Que memórias e afetividades aparecem nos comentários postados por eles no *twitter*?

<sup>4</sup> De 17 a 27 de outubro

<sup>5</sup> Empresa que presta serviço de pesquisa de mercado, contendo informações sobre consumidores e mercado. Dados enviados a este pesquisador no dia 10 de janeiro de 2017, pelo analista de mercado, Sr. Leonardo Scantaburlo.

Neste cenário, a função que a memória traz para o contexto televisivo merece ser investigada, visto que a TV pode ser um meio condutor de lembranças. É possível pensar que as imagens apresentadas pela televisão, diante da organização em grade, estabelecem o que Bergson (1999) destaca sobre teoria da memória. O espectador é um corpo diante de um objeto que é a programação. Entre eles há reagentes motores, que impulsionam as percepções, e as lembranças, que podem ser coletivas e afetivas. Halbwachs (2003) explica que nossas lembranças se constituem na coletividade e são sempre lembradas por outros, porque nunca estamos sós.

Sobre isso, Lopes e Mungioli (2013, p. 161) explicam:

As lembranças fazem parte de um arquivo ao mesmo tempo pessoal e coletivo, e como tal são retratadas e reproduzidas pela mídia a fim de eternizá-las. Assim, além dos fatos históricos, documentais e das práticas culturais cotidianas, a memória pode surgir ou ser reativada pela televisão, que, por participar ativamente do processo de construção e resgate de um momento específico, gera uma relação emocional e afetiva muito mais intensa. Essa afetividade, no caso da televisão, adquire proporções coletivas.

A televisão, como observado por Wolton (1996, p. 16), apresenta a função de estabelecer o laço social, cuja força está “no religamento dos níveis da experiência individual e da coletiva”. Com o Canal Viva, essas experiências passam a ser vividas com a rememoração, ou seja, a volta de algo que faz parte do passado. As lembranças são evocadas por este arquivo pessoal e ativadas com as imagens da TV.

O telespectador, hoje, vive com uma infinidade de opções de canais, podendo assistir em diversos suportes midiáticos, escolher o que quer ver com a TV sob demanda e eleger sua própria programação. No entanto, a televisão organizada por uma grade vertical e horizontal continua forte. Pelo menos é o que apresentam alguns dados de audiência do Canal Viva.

É de Cádima o conceito que conduz e serve de base para a compreensão e as respostas nesta investigação. Isso porque, segundo o autor, presenciamos as mudanças no hábito de assistir TV. Os dispositivos móveis e a interação com os sites de redes sociais possibilitam novos modos de consumo e participação do público. Assim, para Cádima (2011), estamos na era da **pós-televisão**<sup>6</sup>, aquela em que permite uma cultura participativa, híbrida, também interativa e imersiva.

---

<sup>6</sup> Grifo nosso

Com esta tese de doutorado procuramos comprovar que, mesmo vivendo numa fase pós-televisão, na qual estamos diante da conectividade e convergência no meio televisivo, há uma memória afetiva do telespectador. Essa consiste em um recurso necessário para o sucesso da audiência entre um público que já assistiu uma programação e aquele que a vê pela primeira vez, porque o passado e as recordações evocadas pela televisão trazem uma nostalgia que agrada e satisfaz ao espectador.

Contudo, não só como laço social, convergente e interativa, podemos entender a função da televisão. Para Ferrés (1998), por exemplo, ela funciona como elemento socializador, sendo um dos fenômenos sociais e culturais mais relevantes da história humana. "É o maior instrumento de socialização que jamais existiu. Nenhum outro meio de comunicação na história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, e nenhum havia demonstrado um poder de fascinação e de penetração tão grande." (FERRÉS, 1998, p. 13).

Estudar a relação deste meio, que socializa, transmite emoções, que une as pessoas por um fio invisível (laço social) com a memória dos telespectadores, faz esta pesquisa necessária para o compreendermos como função social, informação, diversão e elemento ativador de lembranças.

Para chegar à conclusão e responder às questões desta pesquisa, optamos em analisar os comentários dos telespectadores do Canal Viva que foram publicados no site de rede social *twitter*, a respeito de duas telenovelas: *Cambalacho* e *Laços de Família*. Coletamos os dados com o auxílio da ferramenta *Grid Monitoramento*, que permite inserir os termos pesquisados e obter a primeira classificação das postagens.

*Cambalacho* foi ao ar na Rede Globo no ano de 1986 e reexibida no Canal Viva em agosto de 2015, 29 anos depois da primeira exibição, portanto. *Laços de Família* foi transmitida no ano 2000 e sua estreia no Canal aconteceu em fevereiro de 2016, 16 anos depois.

Como procedimentos metodológicos, utilizamos a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2011). Com ela é possível classificar e categorizar as mensagens. Definimos por estudar os sentidos semânticos descritos, avaliando verbos, adjetivos e expressões, que direcionam um entendimento sobre o que pensam, fazem e recordam o público que assiste às telenovelas analisadas.

Separamos as postagens com sentidos negativos, positivos, neutros e não se aplica<sup>7</sup>. Esta primeira divisão possibilita entender a aceitação do público e avaliar as suas expectativas. Foram elaboradas cinco categorias de análise: - Ativação; - Satisfação / Insatisfação; Diversão; Recordação; e Informação; embasadas em conceitos chave apresentados na fundação teórica.

Esta tese é dividida em seis partes. Nesta introdução apresentamos os objetivos, justificativa e os problemas da pesquisa. A fundamentação teórica é composta por dois capítulos. Um sobre televisão, que descreve as características, as linguagens, os aspectos emocionais e as novas abordagens de consumo. Utilizamos como principais autores e conceitos: - Wolton (1996), a televisão é imagem e laço social e as experiências individuais e coletivas; - Ferrés (1998), a TV como socializadora e que aciona emoções despercebidas; - Cannito (2010), espaços de debates públicos e de identidades; - Orozco (2014), a TV como tecnologia de ebulição; - Fachine (2014), o sentido de presença com a programação e o "sofá estendido", atribuído ao ato de comentar sobre a programação em sites de redes sociais; - Scolari (2014), a hipertelevisão, a adaptação de programas nos ambientes midiáticos, exibidos na internet e que permitem interações; e Cádima (2014), a fase da pós-televisão, que configura uma lógica participativa, biunívoca, imersiva e criativa, como também o do “não-lugar”, das hibridações e das discursividades.

No terceiro capítulo (segundo da fundamentação teórica), pontuamos os estudos sobre memória, memória afetiva, emoções e afetos, com os autores e seus respectivos conceitos base: - Izquierdo (2011), memória como aquisição, conservação, formação e evocação de informações; - Bergson (1999), a memória se manifesta na relação corpo e matéria (conjunto de imagens); - Halbwichs (2003), a formação da memória em função do grupo de referência, dentro de uma conexão coletiva. - Pollak (1992), há uma memória “herdada” e “vivida por tabela” que é acionada por personagens e lugares; - Le Breton (2009), os afetos são configurados por um conjunto de acontecimentos significativos, tanto de ordem pessoal, quanto coletiva.

No quarto capítulo explicamos os procedimentos metodológicos, justificando a utilização da Análise de Conteúdo e as categorizações elaboradas, descrevendo os critérios para a seleção, coleta e interpretação dos dados.

---

<sup>7</sup> Identificamos nos grupos do “não se aplica” as postagens de veículos de comunicação ou conteúdos que não direcionaram ao objetivo investigado. No capítulo da metodologia serão apresentados e justificados todos os caminhos seguidos para a coleta e análise dos dados.

No quinto, na análise dos dados, apresentamos os comentários dos telespectadores postados no *twitter*, organizados num primeiro momento de forma quantitativa e analisado, posteriormente, o conteúdo destas postagens. Está subdividido por telenovela pesquisada e no final expõe as coocorrências encontradas nas “conversas” via rede social.

Por último, nas considerações finais, expomos os resultados alcançados, que permitem compreender o fenômeno da memória afetiva no Brasil. Mostra que as recordações são compostas por afetos e que a televisão funciona como um lugar para revisitação. O voltar ao passado é algo que agrada ao público. Há a presença de sentimentos que explicam o sucesso do Canal. Apresentamos um conceito de memória teleafetiva, evidenciada pela reformulação de um laço social e fortalecida pelos grupos de referência, que auxiliam na constituição de memórias e afetos.

Este estudo visa contribuir não só para os apaixonados por televisão e memória, como também para pesquisadores, estudantes e leitores que desejam conhecer um pouco mais sobre as recordações e as afetividades provocadas pela programação televisiva.

## 2 TELEVISÃO: CAMINHOS, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS

Entender a televisão em seu âmbito social, cultural e histórico se faz necessário para compreendermos os caminhos que a levaram a ser um dos meios de comunicação de massa mais importante do século XX.

Segundo Cannito (2010), para saber sobre o futuro do meio, é fundamental apreender o seu presente e o seu passado. Assim sendo, este capítulo objetiva pontuar algumas fases, os conceitos atribuídos à televisão, suas características e função social. Para isso, dividimos em cinco partes, sendo que esta primeira discute os estágios e denominações do meio televisivo. Na segunda, explicamos as diferenças entre TV aberta e segmentada; a terceira expõe os novos hábitos da audiência e terminologias sobre a atual fase da televisão. A quarta sessão apresenta o contexto da televisão portuguesa e brasileira, bem como a relação do consumo da ficção seriada e a participação do público em sites de redes sociais. A última fundamenta os aspectos emocionais e afetivos provocados pelo meio.

Foram com imagens que a televisão passou a exibir e narrar fatos e acontecimentos. Durante sua existência, percebemos a maneira como modificou lares e comportamentos sociais. Desde a alteração dos cômodos da casa até as múltiplas telas e formas de assistir, acompanhamos sua história, no Brasil e no Mundo.

Nesta perspectiva histórica, salientamos a importância de registrar algumas fases e classificações do modo como a TV veio sendo estudada. Umberto Eco (1984), por exemplo, divide a televisão em duas fases e a classifica em *Paleotelevisão* e *Neotelevisão*. A *PaleoTevê*<sup>8</sup> consistia na construção da informação de forma verdadeira, sem contar mentiras, segundo o autor. Então, poderia listar protagonistas e programas, em função da pouca oferta e demanda. Nela, não deveriam aparecer os elementos que a constroem, como microfones, câmeras e demais aparelhos. A televisão existia para apresentar a realidade e, com isso, não permitia expor os aparelhos que a sustentavam. “Com a *PaleoTevê* havia pouca coisa para ver: antes da meia-noite, todos para a cama” (ECO, 1984, p. 203).

A *Neotelevisão* é diferente, pois fala menos do mundo exterior e mais de si mesma, fazendo e mantendo contato com o público. A característica da *NeoTevê* é que ela

---

<sup>8</sup>Optamos por utilizar o termo *PaleoTevê* e *NeoTevê* quando conceituado por Umberto Eco com esta grafia, não abreviada, seguindo o termo original de seu livro. Quando apresentado os conceitos por outros autores, seguimos a ortografia apresentada por eles, *NeoTV* e *PaleoTV*.

pôde conversar com o público, entretê-lo e anunciar as surpresas e novidades. “Não interessa o que diga ou sobre o que ela fale (também porque o público, com o controle remoto, decide quando deixá-la falar e quando mudar de canal).” (ECO, 1984, p. 182).

Com a *NeoTevê*, visualizamos como a televisão era feita. Os “artifícios” (ECO, 1984) deram credibilidade e veracidade à produção e exibição. Ao exibir as câmeras, por exemplo, a televisão diz: “Eu estou aqui e, se estou aqui, isso significa que à sua frente está a realidade, isto é, a tevê transmitindo”. (ECO, 1984, p. 192).

É com a *NeoTV*, segundo Scolari (2014), que se anulam as oposições entre informação (realidade) e entretenimento (ficção), e termina com as diferenças culturais, inserindo o telespectador em um fluxo contínuo. “A televisão, nessa fase, começa a olhar e representar a si mesma”, acrescenta o referido autor (2014, p. 40).

Estes dois estágios nos mostram dois percursos para se entender que, primeiro, havia a preocupação com a autenticidade, e depois com o verossímil. De certa forma, há estes dois lados na televisão que conhecemos atualmente. Talvez, por isso, ela perdura por tanto tempo.

Em ambos os casos, o que vimos são representações reais e fictícias de uma sociedade que sofre interferência no cotidiano, capaz de provocar mudanças de comportamento, que, na visão de Hoineff (1996), chega a ser um dano. Para ele, estamos diante de um prejuízo social causado por um controle centralizado, ainda mais em sistemas capazes de influenciar as pessoas, como é o caso da televisão, mesmo reconhecendo-a com uma legitimidade histórica na sociedade brasileira.

Percebemos que, mesmo a TV possuindo esta legitimação e interferência social, não corresponder às expectativas da sociedade pode levar a um contexto de não aceitação do que se produz. Estes padrões estéticos se constituem com linguagens e formatos que se encaixam na perspectiva do telespectador.

Estamos sempre diante de algo que é contado. Orozco (2014, p. 97) observa que na TV há uma série de narrativas inesgotáveis de histórias, “algumas com pretensão de serem reais, outras apenas ficção”, que transformam a TV em uma “tecnologia em ebulição”. Considerada um objeto desejado e mobilizador de boa parte de um país, é nesta ebulição que se situam as expectativas da sociedade em relação ao que é exibido.

Para Orozco (2014), a TV foi e continuará sendo uma instituição educadora, mesmo que, às vezes, atue de forma involuntária. “A TV nos ensinou, nada menos, do que sermos espectadores!”, diz ele (2014, p. 98). Espectadores bons ou ruins para o desgosto dos críticos da mídia e alegria dos anunciantes. Somos, neste sentido, espectadores conformados

com a audiência e aprendemos a gostar do tipo de espetáculo que nos faz chorar e rir e acreditar no que é dito. (OROZCO, 2014). No entanto, por todas as discussões que possam surgir sobre a televisão, positivas ou negativas, ela constitui uma ligação com o grande público ao oferecê-la não mais somente em sua casa, mas também em aparelhos móveis uma oferta contínua de imagens.

“Com a televisão foi o milagre da imagem”, já descrevia Wolton (1996, p. 5) referente ao aparelho técnico que revolucionou o contexto da informação, da cultura e da comunicação. Dentre todos os meios de comunicação de massa, foi a TV a responsável por trazer a imagem e som num sistema de emissão, transmissão e recepção da informação. Ela é uma instituição social, pública ou privada, distribuidora de imagens, como conceituado por Orozco (2014).

Falamos em imagem por ser este um dos fatores para o sucesso da televisão e que, para Wolton (1996), consiste em um conjunto, uma diversidade e uma oferta contínua de cenas<sup>9</sup> oferecidas a um grande público anônimo e heterogêneo. O autor critica que “debruçar-se sobre o *status* da imagem de televisão é, portanto, debruçar-se sobre o que está na origem do seu sucesso e que temos a tendência de esquecer, de tal forma banalizou-se a televisão”. (WOLTON, 1996, p. 67).

É um aparelho democrático e de massa, segundo Wolton (1996), e que satisfaz e frustra. No entanto, as pessoas necessitam dela para relatar e refletir sobre a vida cotidiana.

Televisão sempre frustrante e decepcionante... Por isso continuamos a nos servir dela sem estarmos satisfeitos e sem querer verdadeiramente conhecê-la, pois ela continua a ser companheira das nossas solidões, testemunha de nossa vida cotidiana, memória do tempo imóvel. A televisão ou objeto mal amado da nossa ‘sociedade individualista de massa’, da qual nos protegemos emitindo a seu respeito uns bons e velhos estereótipos, deixando para amanhã uma análise mais razoável. (WOLTON, 1996, p. 11).

Não é um objeto nobre, segundo Wolton (1996), pois possui discursos convencionados e clichês. Todavia é aceito. Não é unívoca, ou seja, não se tem uma única interpretação quando analisada por intelectuais, pesquisadores e público em geral. Conforme as etapas de sua existência, a televisão pôde ser avaliada de forma diferente e, de acordo com o autor Wolton (1996, p. 46), apresenta-se como “testemunha, companhia ou lembrança”.

---

<sup>9</sup> A palavra cena é usada neste texto como sinônimo de imagem, imagens que são reproduzidas e transmitidas em cenas na televisão.

Acreditamos que isso ocorreu nas fases da televisão, tendo em vista a oferta e o efeito provocado na audiência. “A TV é um dispositivo audiovisual poderoso pelo seu alto grau de fidelidade e verossimilhança na re-produção de realidades”, diz Orozco (2014, p. 99). Porém configura um objeto representado e não uma realidade. É sempre uma produção, explica o autor, próxima da imagem original.

A imagem, então, pareceria “apagar” os vestígios da sua própria produção na qual estão suas particulares conotações. Diante dos olhos do público, o que se vê na TV aparece como o que está acontecendo, já que se concebe como realidade aquilo que é captado pelas lentes das câmeras. Não se observa que é, justamente, o oposto: são as lentes das câmeras que passam por e sobre a realidade e, ao fazê-lo, necessariamente, recortam e enquadram de uma determinada maneira essa realidade. (OROZCO, 2014, p. 102 – 10).

Este enquadramento acontece em função da continuidade de imagens, que, em alguns momentos, segundo Martin-Barbero e Rey (2001), se dá pela tela acesa. De certa forma, o dispositivo luminoso que projeta imagens em movimento são “molduras” de realidades, que podem ser reais ou não. Projeção essa que ocorre por estarmos diante de uma “abertura” sobre a qual vimos o mundo representado. Cádima (2006, p.34) explica que a TV, desde a sua existência, mesmo exibindo de modo transparente o cotidiano, expondo de forma contínua sessões ambíguas e perigosas, é considerada “uma janela aberta sobre o mundo”. Uma janela que, para o autor, faz crer uma ilusão das aparências, um mundo construído pela própria televisão. “Não há dúvida, pois, que o Mundo está perigoso. Não há dúvida, pois, que a televisão está perigosa. Resta saber, talvez pensar, quem é que abre a janela a quem”. (CÁDIMA, 2006, p. 34).

Ao refletir sobre quem traz estas “aberturas”, Cádima (2006) explica que a essência da televisão é a reprodução de uma realidade. Tanto nos telejornais, quanto na ficção, o que vemos são acontecimentos e situações que ela, a TV, determina e “escolhe”.

Dentro de uma visão sociológica, para Wolton (1996), o problema essencial da televisão é manter a relação entre o consumo individual de uma ação que é coletiva. São as duas dimensões contraditórias que fazem o seu sucesso. Consiste em oferecer algo particular em uma atividade que é coletiva. “É a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea”. (WOLTON, 1996, p. 15). Sozinhos e em casa, acompanhamos uma programação para nos satisfazer, mas que é produzida para um grande grupo. Isso pode ser um desafio, visto que possuímos preferências distintas em relação ao formato e gênero televisivo.

O público é um dos elementos que se destaca na composição intelectual para entender melhor a forma e o modo de se fazer TV. O telespectador sempre foi alvo do que se produziu, desde os primeiros programas exibidos. Para Wolton (1996), apresenta-se como o único adversário da TV, no sentido de que é difícil de entender o que queremos e o que buscamos.

Compreender o que se quer e quem é este público se faz necessário para o futuro do meio. Há, como dito por Wolton (1996), os que buscaram entender o caminho da fragmentação do público e os que, assim como ele, pensaram que a grande força da televisão está na incerteza do encontro entre oferta e procura.

Assim, passamos por duas fases do discurso sobre o público que ilustram a complexidade da televisão. Num primeiro momento, não havia ainda discurso: havia 'o grande público', geralmente indiferenciado. Essa concepção homogênea era, provavelmente, uma condição necessária para o começo da televisão; rapidamente, com a programação, depois com a multiplicação dos canais, ela desapareceu, e todos reconheceram que, se a televisão se dirige ao 'grande público', são vários os públicos que a assistem. (WOLTON, 1996, p. 47).

Não há televisão sem público, justifica Wolton (1996). Para ele, constitui a chave da legitimidade da TV, um resultado e um duelo, um agrupamento heterogêneo, que cresce em função da diversidade da grade de programação. Mesmo carregando esta característica antagônica, podemos pensar que o telespectador constitui o elemento central para a existência do meio e que, com ele, participamos de experiências comuns ao acompanhar um programa, assistir a um telejornal. Há um grande grupo integrado nesta mesma prática.

Desta forma, a TV de massa adquire duas funções parcialmente distintas, segundo Wolton (1996), a de sustentar o laço social na sociedade, que é padronizada e, ao mesmo tempo, conceder este laço num contexto que aparece cada vez mais contraditório. Por isso ela é uma atividade transversal e que religa indivíduos a uma mesma bagagem, comprovando sua força.

A força da televisão está no religamento dos níveis da experiência individual e da coletiva. Ela é a única atividade a fazer a ligação igualitária entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, entre os cultos e os menos cultos. Todo mundo assiste à televisão e fala sobre ela. Qual outra atividade é, hoje, tão transversal? Se a televisão não existisse, muita gente sonharia em inventar um instrumento capaz de reunir todos os públicos. Isso é o que é a unidade teórica da televisão. (WOLTON, 1996, p. 16).

Para Wolton (1996), a televisão cria um laço social justamente nesta função de religamento, que nos insere em uma unidade. Para o autor, a televisão serve como instrumento

de comunicação entre indivíduos pelo fato de pautar suas conversas sobre o que se vê na TV e não ao que se assiste. Por isso ela é um objeto que possibilita a conversação, dentro e fora de casa, sobre o conteúdo exibido. “Nisso é que ela é um laço social indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam frequentemente isolados e, às vezes, solitários” (WOLTON, 1996, p. 16).

Nas demais instituições, a formação do laço social já se estabelecia. Na igreja, no trabalho, na escola, na família, nas “práticas institucionalizadas”. Conforme descrito por Wolton, sempre houve a formação de um traço ligando os indivíduos. Porém, com o advento da televisão, isso passou a ser percebido no campo da recepção. Para ele, a televisão tornara-se o “espelho” da sociedade, no qual o espectador poderia se ver.

É uma espécie de *common knowledge*<sup>10</sup>, um duplo laço e uma antecipação cruzada [...] mas existe um segundo sentido. A televisão, como sempre dizemos, é o “espelho” da sociedade. Se ela é seu espelho, isso significa que a sociedade se vê – no sentido mais forte do pronome reflexivo – através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. (WOLTON, 1996, p. 124).

No entanto, conforme Wolton (1996), o laço social na televisão só ocorre na TV aberta<sup>11</sup>, por oferecer uma programação comum como visto anteriormente, em uma sociedade que, para Wolton (1996), é individualista, assumindo a amplitude de laço social, “onde as duas características contraditórias, indivíduo e massa, coabitam”. (1996, p. 119). Contudo, consideramos que seja possível observar este laço social também na TV fechada, visto a função de unificar um público que a assiste, proporcionando experiências individuais e coletivas. Com a participação do telespectador em sites de rede sociais, este laço passa a ser identificado, deixa de ser anônimo.

Para Cádima (2006, p. 53), a televisão produz e recicla as identidades coletivas, além de criar mecanismos simbólicos partilhados, “uma vida simbólica comum”, o que, para o autor, pode ser percebido como uma estratégia de agenciamento de conteúdo. Esses caminhos direcionam para experiências privativas e comunitárias.

As experiências coletivas e individuais acontecem em função da programação, que, no dizer de Wolton (1996), é uma atividade essencial na televisão e que se deve entendê-la sob três fenômenos: o primeiro diz respeito à função de calendário e estruturação, visto que

---

<sup>10</sup> Conhecimento comum (Google Tradutor).

<sup>11</sup> Utilizaremos nesta tese o termo TV Aberta e TV Segmentada e não TV Generalista e TV Fragmentada, termos da tradução do livro de Wolton (1996). Estes últimos serão apresentados nas citações *ipsis literis* do autor.

a TV é um tipo de relógio puro da vida cotidiana; o segundo é compreender claramente o que é informação e o que são programas; e o terceiro consiste no respeito entre os diversos gêneros da programação, entendendo a oferta e a demanda de variados tipos de programação.

É com a programação que se estabelece o sentido de presença a partir da TV, segundo Fechine (2014). “Independente de ser composta por programas gravados ou ao vivo”, sua formação como grade acontece num momento em que há um fluxo sucessivo levado em tempo real. Para a autora, a programação é responsável por inserir na TV o tempo real e o tempo vivo. Ao ser exibida, produz um sentido de presença, “que se manifesta com um efeito de ‘acesso imediato’ ou de contato com os outros e com o mundo”. (FECHINE, 2014, p. 124).

Para Wolton (1996, p. 70), a programação consiste no conjunto de imagens organizadas que se unem para não deixar “o espectador sozinho diante da descontinuidade de imagens”. Ela é presente e está à nossa disposição, sabemos disso. Essa organização é responsável pela nossa experiência audiovisual.

Uma crítica que Hoineff (1996) faz é que, culturalmente, a televisão brasileira não possui alternativas para o acesso ao consumo cultural, não nos estimulando a sair de casa. Talvez esteja aí a dimensão da programação. Ela aprisiona o telespectador. Em alguns países, este “aprisionamento” dentro de casa ocorre em função do que é encontrado nas ruas. Sobre esta relação, Martin-Barbero e Rey (2001) destacam que a televisão atrai porque a rua expulsa pelo medo. Para os autores, nos países da América Latina, isso é muito forte e citam o exemplo da Colômbia, onde ocorria uma cumplicidade entre mídia e medo. As pessoas deixavam de sair de casa em função do perigo. Percebemos que o medo fora de casa existe, pois cada vez mais acontece a violência nas ruas. A televisão, talvez, neste caso, sirva de companheira, por isso a cumplicidade.

Mesmo sabendo de uma organização que é repetida com a sincronia de cenas que constituem uma história fictícia, ou não, o que amamos na TV, para Wolton (1996), são as surpresas das imagens e a satisfação proporcionada por elas. “Essa ‘codificação’ das emissões tem uma função essencial do ponto de referência cultural e relembra que a recepção não é totalmente livre” (WOLTON, 1996, p. 70). Estamos imobilizados e subordinados a uma sequência convencional de programação.

Assim, fica claro que a função da grade de programação é obter a aceitação da audiência, rendendo, desta maneira, resultado em vendas comerciais e patrocínios. “A força da programação resulta, de fato, da capacidade de apresentar programas que nem sempre têm garantido o sucesso da audiência” (WOLTON, 1996, p. 70).

Consiste, também, num dispositivo panóptico (FECHINE, 2014), em virtude de que, se a grade de programação for interrompida ou algo novo acontecer, a TV modificará sua programação para nos deixar informados e participantes, mesmo num processo passivo. Fachine (2014), ainda, lembra de que nestas ou em outras situações, a transmissão da programação de forma direta exerce um papel de “programadora” da vida social, mesmo em outras telas ou nos conteúdos por demanda. É na programação que a televisão se encontra com o seu público, diz Cannito (2010).

Além disso, são necessários, para a organização do canal, a construção da realidade e o agendamento de horário. Wolton (1996, p. 106) explica que “a programação, mesmo que não seja jamais respeitada, é uma espécie de construção da relação com a realidade que ordena tanto os programas como o calendário do tempo cotidiano”. Promove, para grande massa, a informação de forma análoga a todos, creditando confiança. Confiamos e damos importância ao que é transmitido na televisão. Sobre isso, Wolton (1996, p. 71) destaca:

a programação tem também uma outra vantagem: ser a prova tangível da igualdade de acesso aos tipos de imagem. Ora, a igualdade desempenha um papel essencial no sucesso da televisão, pois proporciona, de modo incontestável, a informação que permite a cada um ver e ouvir os políticos, o que, sabemos, é para eles uma prova cruel de sinceridade [...] É assim que passamos da ideia de igualdade àquela, também fundamental, de confiança: o público confia na televisão e naqueles que a fazem, creditando a eles a vontade de apresentar aquilo que existe de mais interessante e de mais importante.

A linguagem do meio, a que é utilizada para compor a programação e seduzir a audiência, é essencial para caracterizar o formato do veículo. A TV nasce com a adaptação de algumas formas já utilizadas no rádio e no cinema. Primeiro, modifica a estrutura interna de nossos lares. Os sofás são colocados a sua volta e mais tarde a levamos para outros cômodos. Não assistimos mais a programação somente na sala e em família.

É na própria programação que se encontra a caracterização da linguagem televisiva e não somente nos programas (HOINEFF, 1996). A linguagem da televisão se dá pela ordenação destes elementos, diz o autor. O *status* da TV aberta (WOLTON, 1996), por exemplo, consiste na organização de uma programação sem nenhuma categorização restrita entre demanda e oferta e que expõe fórmulas prontas ou criadas pelo próprio veículo, adaptando-as conforme as nossas necessidades.

Ao ser operada em tempo real, a programação, de acordo com Fachine (2014), cria uma prática comum para ver TV. Todos assistem ao mesmo tempo a um mesmo

programa, sendo que o contato com o outro se manifesta pela transmissão direta. “Parece ser justamente o resultado do senso de que algo está se atualizando (se fazendo) *agora* tanto *aqui* (espaço do ‘eu’) quanto *lá* (espaço do ‘outro’): um contrato produzido *pela e na duração*” (FECHINE, 2014, p. 125).

Compartilho com os responsáveis pela emissão (produtores) e com milhares de outros espectadores (receptores) de um mesmo tempo que nos instala em um mesmo *lugar* – um lugar que não possui existência material, que é apenas da ordem do vivido, um espaço fenomenológico criado pelo desenrolar da própria transmissão. Essa duração compartilhada, que coloca os sujeitos envolvidos no ato de comunicação em um mesmo *agora*, é também o que os reúne em um mesmo *aqui*, instaurando um sentido de “estar com” que só se manifesta pela copresença que essa similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa) e essa simultaneidade de sua transmissão (ao mesmo tempo) propiciam. (FECHINE, 2014, p. 125).

Toda esta simultaneidade evoca sentimentos comuns e, como destaca Fechine (2014), ancora emoções e valores numa relação de identidade, por uma difusão que é coletiva.. Cannito (2010) explica que uma das funções da televisão é proporcionar espaços de identidades e debates públicos, através de recepção e participação coletivas.

Consiste em um meio doméstico, como diz Silverstone (1996), pois assistimos e discutimos em casa, com membros da família e amigos. Este último grupo vai além do ambiente familiar. Escolas, bares, festas são pontos onde podem ocorrer falas sobre determinada programação televisiva. Não podemos negar que organizamos nossa cultura familiar pela programação e horários.

Para Fechine (2014), são estes compartilhamentos do “estar com” em torno da programação que afastam a ideia do fim da televisão, pelo menos a tradicional. A programação está sendo revalorizada pelo aumento do uso de plataformas de redes sociais, como *facebook* e *twitter*. A *SocialTV* vem como novidade nesta integração e experiência entre assistir televisão e acesso às novas tecnologias da comunicação, compartilhando conteúdos simultaneamente. “Tão prazeroso quanto assistir à televisão é falar com os outros sobre o que se vê na TV e, de preferência, no momento mesmo em que se vê” (FECHINE, 2014, p. 128).

Há tempos se debate a morte de alguns meios massivos, como o jornal impresso, livro, rádio, cinema e televisão. Para Fechine (2014), esta anunciação da morte da televisão pode ser associada aos fatores que colocam em questão a centralidade e linearidade da programação. “Postular o ‘fim da televisão’ é, frequentemente, admitir o colapso do seu modelo de emissão *broadcasting* baseado na venda para publicidade da atenção concentrada de grandes audiências em torno da sua programação” (FECHINE, 2014, p. 114).

Quando se discute sobre a crise da televisão, Carlón (2014, p. 17) explica que isso se deve às mudanças nos “dispositivos midiáticos, discursivos e nas práticas sociais de produção e recepção discursiva”. Nossas preferências acabam sendo distintas e refletem na escolha do que queremos assistir. Realizamos, neste sentido, o que Katz (citado por CARLÓN, 2014) chama de “pertencimento indenitário” de grupos sociais. Este fenômeno, para o autor, causa a multiplicação de telas em uma única moradia. As pessoas podem, assim, escolher ver o que querem. Seria, para Katz, uma nova fase da televisão, que passa do coletivo para o individual.

Diferentemente da visão de Katz, atualmente, com os sites de redes sociais, o que percebemos é que o laço social individual e anônimo passa a ser coletivo na rede. A televisão, para Veron (2007), não está mais centrada em si mesma, em função da busca pelo telespectador que, agora, converteu-se em usuário.

Reforçamos a observação de Carlón (2014) ao justificar que, mesmo independente de fase, se estamos no fim ou no início de uma era, a televisão permanece, perdura. Para o autor (2013), a crise da programação existe, mas estamos em outra época, mais complexa, convergente e divergente entre os meios de comunicação e as novas mídias.

Machado e Vélez (2014) refletem que, cada vez mais, seremos telespectadores diferentes, visto que as tecnologias e, conseqüentemente, a interação provocada por elas desconfigura a nossa passividade. Para eles, os grupos formados pelas gerações mais velhas, acostumadas com a televisão tradicional, são os que pertencem ao quadro dos “passivos” e tendem a sumir, dando lugar para a produção de conteúdos “ativos”.

O espectador tende a produzir a sua própria grade de programação com o material que ele mesmo vai buscar. O Ibope não tem mecanismos para medir a ‘vida’ de um programa, isto é, quantas vezes o programa foi visto depois da exibição *broadcast*. Com a crescente disponibilidade da autoprogramação, a audiência de televisão tende a se reduzir a único espectador, com poderes para determinar especificamente quando, como e o que ver. (MACHADO e VÉLEZ, 2014, p. 57).

Com a multioferta de canais, a distribuição de horários para públicos específicos na televisão começa a ser alterada. O *prime time*, que no Brasil é conhecido como horário nobre, sofre, em alguns casos, alteração. Machado e Vélez (2014) explicam que este tipo de televisão baseado numa grade de programas – para crianças pela manhã, donas de casa à tarde, público adulto à noite, e assim por diante –, começou a ter interferência já nos anos de

1970 quando surgiu o VHS<sup>12</sup> e, mais recentemente, com o uso dos programas *on demand*<sup>13</sup>, gravadores DVRs<sup>14</sup> e outras tecnologias. O receptor, agora, assiste quando quer, ou seja, para os autores, qualquer horário passa a ser horário nobre.

Cannito (2010) chama de fluxo a programação da TV analógica, que não tem volta, visto que a exibição não depende da vontade e interação do público. Não se consegue assistir ao jornal das 20 horas ligando a TV às 22horas. Com a tecnologia digital, o gravar e escolher a programação para assistir no horário escolhido pelo público torna-se possível.

A fragmentação da audiência já é comum, segundo Machado e Vélez (2014, p. 54), devido a possibilidades de mídias, canais e plataformas. Houve uma migração do público para os conteúdos mais especializados e nichos específicos, em função da oferta e auxílio da tecnologia. “Hoje, com o crescimento da disponibilidade de canais *on demand*, da autoprogramação [...], parte cada vez mais expressiva da audiência está se deslocando para além do nicho, em direção a formas de recepção (ou participação) individualizadas” (MACHADO E VÉLEZ, 2014, p. 55).

A participação em rede atende à necessidade de um “elo social do século XXI”, explica Cádima (2011, p. 12), e que reconfigura uma substituição sobre o hábito de estarmos condicionados à velha caixa televisiva e não mais limitados à informação. Sistemas e tecnologias proporcionam novas experiências com conteúdo e participação social.

Pode dizer-se que estamos hoje perante uma nova esfera pública interconectada, com uma dimensão de criação verdadeiramente exponencial no plano dos media participativos. Não há dúvida de que, no plano dos conteúdos, a produção social participativa, dos conteúdos mais criativos aos mais políticos, ganhou novos enquadramentos que nos levam a recolocar a questão da própria experiência democrática representativa face a uma experiência mais directiva e deliberativa. (CÁDIMA, 2011, p. 206).

Mesmo diante de uma programação horizontal e vertical, os telespectadores escolhem e decidem, com estes dispositivos, o que assistir e como assistir, tanto na televisão aberta, quanto na segmentada. Entender que há uma participação maior do público com as experiências coletivas em rede e nas escolhas *on demand*, independentemente do tipo de recepção, se aberta ou restrita, leva-nos a pensar sobre o que se pode descobrir ao investigar a televisão como campo de mediação social.

---

<sup>12</sup> *Video Home System*, que em português significa Sistema Doméstico de Vídeo.

<sup>13</sup> Tradução: sob demanda, sistema que possibilita ao telespectador alugar e buscar o que deseja assistir.

<sup>14</sup> *Digital Video Recorder*, aparelhos que permitem gravar programas exibidos na televisão, podendo estes serem posteriormente reproduzidos quando quiser.

Na próxima seção, apresentaremos as características da televisão aberta e segmentada, com o propósito de compreender, na visão dos autores, a função e o que fica para o telespectador de cada uma delas e, posteriormente, o comportamento do público e outros termos para definir a atual fase do meio.

## 2.1 TELEVISÃO SEGMENTADA E TELEVISÃO ABERTA

O olhar para a televisão segmentada, há alguns anos, apresentava uma visão futura de como estaria hoje o contexto da divisão do “grande público”. Hoineff (1996, p. 53) dizia que a tendência da TV aberta era se esgotar no Brasil de forma mais lenta em comparação a outros lugares do mundo, o que, para ele, era “muito natural”. A desmassificação seria um caminho sem volta, ainda mais considerando a tecnologia digital.

O início da televisão segmentada foi com a chegada do sistema a cabo para transmissão de canais. Brittos (2001) destaca que só foi possível a expansão da TV a cabo a partir da década de 1970, devido ao funcionamento dos satélites de comunicação comerciais. Até este período, a procura por este sistema de televisão era concentrada nos Estados Unidos, visto à renda elevada, alta penetração e áreas de acesso difícil à radiodifusão.

A união de satélite e cabo prolifera a quantidade de canais e, com isso, o conceito de televisão se refaz, criando-se o modelo de TV segmentada. Para Brittos (2001), essa passou a estar presente e complementar os espaços da TV aberta.

A TV segmentada, para Wolton (1996), é aquela disponibilizada para um público específico, podendo ser gratuita ou paga e que não ofereça uma programação amálgama de gêneros. Trata-se da especialidade de gosto e preferências da demanda, um “símbolo da latitude escolha”, como definido por Wolton (1996, p. 103), pelo público, configurando um indivíduo livre.

A televisão temática é, portanto, a encarnação, no domínio da televisão, da filosofia individualista liberal que está nos fundamentos do funcionamento da nossa sociedade, e revaloriza a ideia de um público ativo, contrariando a crítica feita durante muito tempo de que o público da televisão era “passivo”. (WOLTON, 1996, p. 104).

Foi com a TV segmentada que as relações entre o veículo e a audiência começaram a ser alteradas, conforme observado por Hoineff (1996). “Esta tendência é tão

maior quanto menor for a capacidade de identificar a maneira de cativar uma audiência da qual pouco ou nada se conhece”. (HOINEFF, 1996, p. 76).

Para Wolton (1996), a fragmentação da televisão foi a favor do movimento social, que caminhou da estandardização para a individualização. Para ele, “a única condição da televisão fragmentada é a existência de uma população suficientemente numerosa para assistir [...] aos programas oferecidos”. (1996, p. 103).

É com a televisão segmentada que ocorre uma divisão no cenário audiovisual, conforme Hoineff (1996), e que altera a ideia de programação, até então destinada à televisão de massa. Resultou num dos mais fortes fatores para revoluções e mudanças no funcionamento do veículo.

Wolton (1996) destaca que houve quatro fatores que explicam o sucesso e o surgimento da televisão segmentada. O primeiro foi o acesso às novas tecnologias, que permitiram multiplicar os receptores com o cabo e os satélites. A segunda causa foi o surgimento da demanda, da liberdade individual em poder escolher ao que assistir, da participação ativa e não passiva. O terceiro fator se deve à difusão da cultura e do mercado audiovisual, permitindo a atuação de empresas de comunicação que não necessitaram de grandes espaços físicos e estrutura, mas que puderam oferecer uma programação temática. A quarta e última causa foi o desgaste da televisão aberta, por ter apresentado, por alguns anos, um único quadro de referências.

Não se pode negar, como explicado por Wolton (1996), que foi esta TV que propiciou o esplendor da televisão, todavia cometeu erros em relação à percepção dos variados perfis e gostos do público. “Provavelmente, a televisão geralista dormiu no ponto”, disse Wolton (1996, p. 105), faltou surpreender. Faltou entender nossas expectativas como telespectadores, explica Hoineff (1996).

Wolton (1996) defende que não se pode criticar o fato de a TV aberta ter dificuldade em responder às nossas demandas individuais e que não se pode abandoná-la, visto ter sido ela a única forma de televisão no percurso de duas gerações. Para ele, a TV temática se caracterizou como um “minicanal” que, também, apresenta uma programação mista e que diminui as diferenças de percepção em relação à televisão aberta.

Ocorre um movimento semelhante no sentido de grade de horários em um programa após o outro, mas que são reduzidos de acordo com o tema central do canal. “A responsabilidade global com a realidade sociocultural que está no cerne da programação da televisão geralista não existe na televisão fragmentada. Se a televisão geralista foi muitas

vezes chamada de ‘espelho’ da sociedade, a televisão fragmentada é um espelho quebrado”. (WOLTON, 1996, p. 107).

Talvez direcione, neste sentido, a individualização defendida por Wolton (1996), em relação à TV segmentada. Na sua concepção, quanto mais se sabe qual público assiste e o horário, mais se tem a sensação de que “a televisão de massa era a forma arcaica de uma técnica de comunicação que com o tempo sofisticou-se, surgindo o reino da individualização e fragmentação [...]” (1996, p. 110).

A televisão fechada, para Wolton (1996), estabelecia uma relação sobre uma possível visão de novos princípios da identidade coletiva. Não era possível associar o termo “comunidade” com televisão temática e que, no futuro, pudesse haver caminhos cruzados ou paralelos, já que não havia uma legitimação sobre isso. Para o autor, a TV aberta seria um movimento de integração social e identidade coletiva e que possuía como força principal a exibição de uma programação que é para todo mundo, formando laços sociais em uma sociedade individualista de massa.

O paradoxo da televisão generalista é de perder em especificidade o que ganha em generalidade, a sua função de laço social que se faz acompanhar de uma capacidade menor de satisfazer os diferentes públicos que a assistem. Ao contrário, a televisão fracionada assume as desigualdades culturais e tenta, através de uma diversificação da oferta, satisfazer aos diferentes públicos, sem procurar desempenhar um papel de laço social. (WOLTON, 1996, p. 119).

O fato de ter a sensação de estar assistindo uma programação na televisão temática junto com outros telespectadores ao mesmo tempo, mas em ambientes distintos, para Wolton (1996), não tem a mesma função de comunidade e sim de participação. Para ele (1996, p. 114), “a sensação de participação e de comunidade não tem absolutamente o mesmo sentido”.

A televisão fechada provoca e expõe desigualdades sociais, enquanto a televisão aberta tenta eliminá-las ao oferecer uma programação que é comum (WOLTON, 1996). No contexto social, a televisão de massa corrobora para uma igualdade, “tanto pela concepção da produção, quanto pela recepção”, diferente da fracionada que expõe pela “oferta adaptada aos diferentes públicos”, a base da desigualdade na televisão (WOLTON, 1996, p. 119).

A TV aberta é centrada nos elementos que traduzem identificações que são coletivas, mas a inovação e a “liberdade individual” acontecem com a TV segmentada, movimento contraditório que, segundo Wolton (1996, p. 107):

ao reunir os indivíduos a partir de uma escolha particular, para além das diferenças sociais, e dos distanciamentos geográficos, a televisão fragmentada responde assim ao movimento contraditório da diversificação e da integração da sociedade moderna, ao que explica, provavelmente, a sedução que ela opera como “futuro da televisão”.

Esta concorrência entre os canais pagos e abertos para satisfazer os públicos é, atualmente, uma constante "briga" da televisão, todavia que a faz manter viva. Orozco (2014) destaca que a televisão exerce uma relação “darwiniana”, que se readapta, conforme as circunstâncias de sua existência, pensando em novos formatos, aumentando, assim, o espetáculo.

Wolton (1996) estava certo de que no futuro haveria, com o acesso às tecnologias, o favorecimento da interatividade. Em 1992, Hoinneff refletia que o meio de comunicação mais poderoso inventado pelo homem estava em rápida transformação e previa que a televisão, na próxima década, não seria o mesmo veículo conhecido na época.

Mais de vinte anos se passaram e o fazer TV evoluiu. O acesso às tecnologias e a demanda constante por novas formas de assistir à programação vêm consolidando previsões de pesquisadores. Martin-Barbero (2001), por exemplo, destacou que as televisões (referindo-se às multiplicidades de canais) criariam novos públicos e que, com isso, novas relações cognitivas entrariam em destaque, continuando, assim, com a formação de tribos que são identificadas e encontradas por suas preferências midiáticas. “A renovação dos públicos é acompanhada pelas modificações cognitivas, isto é, pelas diferentes formas de interpretação e apropriação das mensagens televisivas e de sua localização em outros contextos de suas vidas cotidianas”. (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 71).

É nesta relação que se pode compreender que a TV temática não individualiza o espectador por completo. Há a relação do “estar junto”, ainda mais em um tempo em que os conteúdos das “televisões” são compartilhados em sites de redes sociais. Além do surgimento da TV fechada, nasceu a interatividade e, agora, tem-se a portabilidade e mobilidade.

Na seção seguinte, apresentaremos o cenário de como está a televisão nestes últimos anos, a relação da audiência com o meio e os novos dispositivos *mobile*, a interação do conteúdo de televisão em sites de redes sociais e como isso pode formar a *SocialTV*.

## 2.2 NOVAS FORMAS DE SE VER TV, INTERATIVIDADE E CONEXÃO

Discutir a atual fase da televisão requer cuidado e atenção no sentido de pontuar alguns dos principais aspectos sobre os estudos de televisão. Assim sendo, esta seção exibe como estão sendo apresentadas e caracterizadas as novas formas de se fazer e ver TV.

Conforme pontuado por Machado e Veléz (2014), estamos diante de duas direções contraditórias com a atual evolução da TV. A primeira é que existe uma audiência que permanece passiva, cumprindo e continuando com o papel de telespectador na sala de estar. A TV Digital privilegia este tipo de receptor por oferecer melhor qualidade de som e imagem.

Do outro lado, há os interatores, como definido por Machado e Vélez (2014), que buscam seus conteúdos a qualquer momento, em qualquer lugar,

fruídos da maneira como cada um quiser e abertos à intervenção ativa dos participantes. Esse novo tipo de consumidor / produtor está exigindo experiências midiáticas de uma mobilidade mais fluída, formas de economia mais individualizadas, que permitam a cada um compor suas próprias grades de programas e decidir a sua maneira particular de como vai interagir com elas. (MACHADO e VÉLEZ, 2014, p. 55).

Machado e Vélez (2014) reforçam que nos encontramos diante de novas fases, que configuram a exibição audiovisual, e que viveremos períodos de experimentação, de novos modelos de televisão, onde alguns destes continuarão e outros se renderão ao fracasso. “Tudo indica que estamos vivendo o fim de um modelo de televisão e o surgimento de experiências ainda não muito nítidas, mas suficientemente expressivas para demandar pesquisa e análise”. (MACHADO e VÉLEZ, 2014, p. 56).

Orozco (2014) acrescenta que, na América Latina, empresários do meio da televisão, os da banda larga e telefonia celular, vêm buscando garantias para permanecer com um lugar privilegiado na era digital. “O que significa que a TV, até agora, permanece como um dos principais jogadores no campo em que será definido o futuro das telecomunicações no mundo”. (OROZCO, 2014, p. 97). Mesmo almejando esta projeção futura, a TV clássica terá que evoluir em alguns aspectos para enquadrar-se no contexto da comunicação global (OROZCO, 2014).

Estas discussões reforçam o conceito criado por Scolari (2014), a hipertelevisão, para definir a nova configuração do meio. “Esse é um conceito operacional que nos permite falar do novo e, ao mesmo tempo, nos ajuda a escapar das armadilhas do prefixo *pós*”. (SCOLRI, 2014, p. 44-45). O autor esclarece que este termo não deve ser relacionado como

uma nova etapa dos sentidos *paleo/neotelevisão*, mas sim “uma configuração específica da rede sociotécnica em torno do meio televisivo” (2014, p. 45).

Na hipertelevisão, Scolari (2014) esclarece que os programas são adaptáveis em função de um ambiente midiático ocupado por redes e interações e que apropriam características importantes, as quais ele chama de “novas mídias”.

No quadro a seguir, são listadas algumas características da hipertelevisão definidas por Scolari (2014, p. 45).

Tabela 2 - Características da hipertelevisão

1 – A multiplicação de programas narrativos: as séries contemporâneas não contam mais com um único personagem central e diversos secundários. Há uma grande interação entre os actantes, envolvendo os personagens em diversos programas narrativos, estabelecendo um relato nos moldes de um coral, pela intensidade de conexão entre os participantes da história.
2 – A fragmentação da tela: consiste na modularização das informações em diferentes áreas da tela. Começou com os noticiários na década de oitenta e tornou-se registro em séries consagradas como <i>24 horas</i> da Fox.
3 – Aceleração da história: para contar muitas histórias ao mesmo tempo, é preciso contá-las rapidamente, atomizar informação, eliminar o supérfluo, enfim, ir direto ao ponto. O ritmo febril dos noticiários ou da ficção televisiva se torna ilegível para um telespectador da <i>paleotelevisão</i> , o qual não consegue acompanhar o ritmo acelerado da <i>hipertelevisão</i> .
4 – Narrativas em tempo real: num exercício de experimentação, algumas séries simularam a transmissão ao vivo. Tem-se o exemplo de <i>X-Files</i> (episódio <i>Cops</i> , temporada 7, 2000) e <i>ER</i> (episódio <i>Emboscada</i> , temporada 4, 1997). Esse tipo de produção tem gerado um efeito de gravação ao vivo, sem pós-produção, uma estética desordenada e crua.
5 – Histórias não sequenciais: consiste na presença de <i>flashback</i> e <i>flashforward</i> , advindos da linguagem cinematográfica. É comum encontrar séries com este tipo de recurso. Este tipo de história é quase incompreensível para os <i>paleotelespectadores</i> .
6 – Expansão narrativa: características da ausência linear das histórias (características dos folhetins dos séculos XIX). Na <i>hipertelevisão</i> ocorre a expansão da narrativa em

diferentes meios. Narrativas transmídias, conforme definido por Jenkins (2006).

Fonte: Scolari (2014, p. 45-46).

Para Scolari (2014), estes itens apenas esboçam questões e sintomas que identificam a hipertelevisão. São necessárias novas análises envolvendo as textualidades audiovisuais, aceitando, assim, o discurso *hipertelevísivo*. “Este tipo de pesquisa, por outro lado, deve abandonar o *telecentrismo* e manter um olho observando a evolução de outros nichos próximos à televisão, como, por exemplo, os jogos, as interfaces web e os dispositivos móveis”. (SCOLARI, 2014, p. 47).

É na interatividade que se manifesta a atual competição da TV com as outras telas e os dispositivos móveis, diz Orozco (2014). O público será melhor inserido na participação com a TV na era digital e serão os hábitos culturais e sociais de consumo que direcionarão o caminho desta tecnologia, explica Cannito (2010).

A interatividade resulta em manifestações ativas e de participação. Desde as origens da televisão, buscamos a participação da audiência. Antigamente, relata Cannito (2010), acontecia a interatividade por meio de cartas. Mais tarde, o uso do telefone passou a ser comum e, com os aparelhos celulares, o SMS<sup>15</sup> proporcionou mais agilidade na interação. Alguns exemplos de sucesso com a interatividade podem ser observados nos exemplos trazidos por Cannito (2010, p. 144):

A participação do espectador por meio de votações – para escolhas diversas, seja de um videoclipe, seja do ícone de um programa, como a “Garota do Fantástico” – sempre foi requerida ao longo desses mais de sessenta anos de história da televisão. Pudemos assistir também ao *Você Decide* (BRA, 1992), no qual o público escolhia o final da ficção. [...] A telenovela *Prova de Amor* (BRA, 2006), da Rede Record, ofereceu ao telespectador a possibilidade de escolher com quem um dos personagens deveria se casar no fim da trama. Antes disso, o público já havia escolhido o final de outro personagem. A iniciativa chamou a atenção do público e contribuiu para que a novela terminasse quase dois meses depois do previsto.

Além destes relatos, há outros na história da TV que promoveram a interação com o público, uns com mais sucesso do que outros. Algumas iniciativas foram rejeitadas pelos telespectadores, pois nem sempre a interatividade na televisão é bem sucedida (CANNITO, 2010).

---

<sup>15</sup> *Short Message Service*, que em português significa Serviço de Mensagens Curta utilizado em telefone celular

Como afirma Cannito (2010, p. 67), a boa televisão é a que se estabelece de forma dialógica, dando voz a “todos os lados, mostrando a complexidade da situação e promovendo diálogo entre todos os pontos de vista. A má televisão é monológica, por definir uma moral preestabelecida e tentar incuti-la no público”.

A evolução desta relação participativa é resultado do aumento de possibilidades de recepção, transmissão e produção no meio. Martin-Barbero e Rey (2001, p. 67) reforçam que “há anos vem-se produzindo importante ampliação da paisagem televisiva. Às formas de televisão aberta se uniram a televisão a cabo, a Internet, as televisões comunitárias, os canais locais e a televisão por satélite”. Para ele, esta renovação não se limita só às questões tecnológicas, deve-se, também, à mudança na relação da audiência com os produtos televisivos e às modificações de nossos gostos e preferências.

Se os espectadores de televisão recebem atualmente mais mensagens televisivas, também variam as formas pelas quais se relacionam com elas, desde as maneiras como as selecionam até os modos como compõem automaticamente suas próprias fichas de programação ou desenham seus ritmos pessoais de recepção televisiva, agora muito mais impactados pelas possibilidades de *zapping*. (MARTÍN-BARBERO e REY, 2001, p. 67).

O *zapping* teve um grande efeito com o surgimento do controle remoto e, talvez, o primeiro a sinalizar uma mudança de/em nosso comportamento. A partir dele, passamos a escolher a programação de forma mais rápida.

Para Cannito (2010, p. 71), diferente do pensamento de Scolari, estamos no período pós-televisão, porque se aprimorou o hábito “de alternar a gravação ao vivo com a transmissão direta em tempo real (de material previamente editado)”. Além disso, diz o autor, encontramos-nos diante da convergência de mídias, decorrente da evolução digital, que permite que um “mesmo objeto cultural seja exibido em várias mídias e de várias formas”.

Cádima (2014) vai mais além ao definir o termo pós-televisão. Para ele, com a mudança dos “media” clássicos para os novos “media”, houve uma mudança de paradigma comunicacional e um novo dispositivo pós-televisão surgiu, permitindo interatividade, ubiquidade, imersão, hibridez, matricialidade e remediação.

Mesmo que a pós-televisão e a convergência digital atravessassem encruzilhadas (CÁDIMA, 2011) neste processo de migração do analógico para o digital, quer no âmbito jurídico-político, quer nas questões tecnológicas ou nas produções de conteúdos e de recepção, é importante pensarmos e compreendermos esta transição. Estamos na era da

“migração de públicos” (CÁDIMA, 2011), em que qualquer telespectador é cada vez mais um programador.

Deixamos de ser espectadores passivos e passamos a fazer nossa própria programação com os recursos disponíveis. “Contudo, com a possibilidade de ver/fazer o que quiser, quando quiser, onde quiser e como quiser, o novo programador torna-se também num <produtor>, e pode dizer-se que o próprio *broadcasting* está em evolução, por assim dizer, para *egocasting*” (CÁDIMA, 2011, p. 13). *Eu escolho o que quero assistir*<sup>16</sup>. Mesmo considerando a TV um elemento pertencente a uma sociabilidade, o fator narcísico prevalece. Podemos pensar, desta forma, que estamos diante de sujeito “hipernarciso” (LIPOVETSKY, 2004).

Para Lipovetsky (2004), vivemos na era do *hiper*, do hiperconsumo, tempo que caracteriza a consumação frequente de bens e valores na vida social, seguindo um fundamento emocional e hedonista, ou seja, um consumo para sentir prazer. Nesta lógica, o indivíduo busca a satisfação ao adquirir algo para si de forma natural e espontânea. Esta fluidez e flexibilidade caracteriza a sociedade hipermoderna. Um grupo social é liberal e indiferente às estruturas e aos princípios que caracterizaram a modernidade. Cede lugar a um narciso mais organizado, responsável, maduro e eficiente, diferente também dos tempos pós-modernos.

É esse o hipernarciso chamado por Lipovetsky (2004). Resta-nos saber se é este o caminho para compreendermos o atual telespectador e sua forma de consumir televisão. Seria este indivíduo um hiperteleespectador? A presente pesquisa não objetiva aprofundar estes termos, mas, ao nos depararmos com as questões hedonistas da audiência, resolvemos “provocar” outras visões e correlações.

Cádima (2011) também utiliza o termo *hiper* para explicar que neste tempo de pós-televisão há uma hiper personalização dos novos *media*, emergindo para outros consumos digitais.

Os novos públicos estão, agora, mais autonomizados e hipersegmentados por opções e perfis, por redes e serviços, por suportes e terminais, tendo cada um a sua própria e complexa experiência audiovisual ou imersiva nos novos ambientes digitais [...] mas a pós-televisão e os conteúdos distribuídos pelas múltiplas extensões móveis remetem para uma cada vez maior individualização, para uma (hiper) personalização da experiência de consumo audiovisual e multimídia e para uma experiência nómada cuja caracterização escapa à lógica tradicional de distribuição da comunicação. (CÁDIMA, 2011, p. 14).

---

<sup>16</sup> Grifo do autor

Configura uma lógica biunívoca, imersiva, criativa e participativa, explica Cádima (2011), decorrente da era pós-televisão; e do “não-lugar” e das hibridações (CÁDIMA, 1996), expostas pelas diferentes discursividades atribuídas hoje no audiovisual. Podemos estar em qualquer lugar para assistir TV, tanto em dispositivos pequenos, grandes, fixos ou móveis. Outros formatos e conteúdos também podem ser elaborados a partir de um determinado programa. São experiências constantes no consumo de televisão no Brasil e no mundo.

Orozco (2014) justifica que num futuro próximo existirá tendências opostas, no sentido de que primeiro se falava que os tamanhos das telas dos televisores, quanto maior fossem, melhor, atrairia a atenção da audiência, apostando na permanência do público em frente à TV. A qualidade de imagem e do som, resultante desta tecnologia, conquistaria o telespectador. Ao mesmo tempo, temos uma contradição, visto que a redução das telas também demanda um público que busca assistir TV em telas cada vez mais móveis e portáteis, podendo acompanhar uma programação em qualquer lugar ou momento. Este fato reforça o uso da televisão no cotidiano, destaca Jost (2007), por se viver um duplo movimento tecnológico: de um lado as telas móveis cada vez menores e, de outro, as grandes sendo utilizadas nas casas.

Além da fragmentação do público, a multiplicidade de aparelhos em lares domésticos e a mobilidade em assistir TV comprova, segundo Jost (2007), a extensão do poder da televisão em nos acompanhar e as consequências desta situação. Para ele, em relação aos programas, será complicado exibir grandes espetáculos, como jogos, cerimônias e filmes em telas pequenas, assim como vídeos amadores são de fácil visualização nos dispositivos móveis, mas ruins de serem vistos em grandes telas. “Aí reside a questão de saber que conteúdos convém as duas ao mesmo tempo”. (JOST, 2007, p. 57). Em relação à programação, o público tende a ficar cada vez mais heterogêneo, com atividades diversas, diferente dos que são percebidos pelas emissoras, que consideram um público homogêneo (JOST, 2007).

Este cenário televisivo, segundo Cannito (2010), faz com que tenhamos acesso a estes padrões de qualidade de imagem e comecemos a exigir sempre por ela. A excelência da alta definição na transmissão de filmes e séries aproxima-se à do cinema. Mesmo assim, explica o autor, as condições técnicas que existem na exibição HD<sup>17</sup> não liquidam a estética que há na televisão. “O público nem sempre quer despendar atenção redobrada, necessária à

---

<sup>17</sup> HD é a sigla de origem inglesa que significa *High Definition*, em português, alta definição.

apreensão de filmes. Continuará assistindo a formatos como programas de auditório e outros que prescindem de HD”. (CANNITO, 2010, p. 143).

Consideramos, contudo, a função da televisão independente da qualidade de imagem e som, o que importa são as especificidades do meio em relação à audiência. A interatividade, por exemplo, diz Cannito (2010), é muito mais importante do que a qualidade de exibição. A TV, na era da digitalização, poderá ser tanto interativa quanto exibida em HD. Nesse caso, importa é o portfólio de variedades da programação e o talento de artistas e produtores.

A televisão continuará tendo grande importância (CANNITO, 2010). Os gêneros e formatos televisivos convivem e irão conviver, de acordo com o autor, com as novas tecnologias. A televisão continuará com o seu papel, mesmo com a internet. No entanto, assistir a um vídeo pela web não apresenta a mesma função do que acompanhar pela televisão. Para Cannito (2010), é indiscutível que a especificidade da televisão não é o aparelho, mas sim os seus conteúdos (gêneros, subgêneros e formatos) que se desenvolveram durante a história do meio.

É evidente que a evolução dos meios técnicos de produção televisiva possibilitou o surgimento de novos gêneros e formatos, mas a TV não abandonou seus formatos de sucesso: eles coexistem com roupagens diferentes e misturados aos novos gêneros. Por sua vez, os gêneros e formatos antigos aproveitam recursos técnicos dos novos a fim de se renovar, mas não de negar aquilo que já representam. (CANNITO, 2010, p. 72).

Cannito (2010) também esclarece que a produção colaborativa de conteúdo pode ser uma tendência para a televisão. É colaborativa no sentido de receber do público vídeos, textos e/ou depoimentos. No entanto, o autor explica que a função da internet é dispor de acervos para atender aos variados gostos do espectador, enquanto a função da TV é agregar conteúdo. “Se for o caso reeditá-los e inseri-los em formatos que permitam sua exibição para grandes públicos genéricos”. (CANNITO, 2010, p. 190).

A cultura convergente que Jenkins (2009, p. 29) destaca é aquela “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”. São as múltiplas plataformas de mídia recebendo conteúdos, transformando questões tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

A convergência de mídias, destaca Cannito (2010), é uma revolução sem volta e com ela entendemos o que acontece com o futuro da televisão. A era digital, para o autor,

torna a televisão mais televisão e a tecnologia que prospera está a serviço das necessidades culturais do público. Queremos, como telespectadores, consumir bons conteúdos televisivos e diversificados, indiferente da tecnologia utilizada, mas que possua qualidade e facilidade em acessá-los. Quem comanda é o conteúdo (CANNITO, 2010).

É com a internet que se volta a tratar da coletividade e individualidade relacionadas à televisão. Cannito (2010, p. 175) explica que as comunidades fazem parte da cultura da internet e que “o próprio termo rompe a falsa dicotomia entre individualidade e coletividade que norteou os debates políticos entre liberais e socialistas ao longo da história”, pois vem da prática de que as somas de identidades formam um coletivo.

Nos dias de hoje, tratamos mais da coletividade na rede do que propriamente comunidades. A televisão transpõe a coletividade para fora de casa, com as redes. “Hoje, porém, não precisamos mais dividir com os amigos ou familiares o tradicional sofá da sala em frente à TV para conversar sobre nossos programas preferidos da televisão”. (FECHINE, 2014, p. 128). Esta coletividade na rede, na internet, é que fortalece a formação da *SocialTV*.

A evolução da tecnologia e a interatividade proporcionada pelo acesso à internet e aos novos hábitos de se assistir TV, como visto anteriormente, reforçam a concretização da *SocialTV*.

O hábito de assistir TV e comentar em sites de redes sociais ao mesmo tempo em que se assiste já chega a 16 milhões de pessoas, número quase duas vezes maior em comparação ao último Ibope Média, realizado em 2012 (PROPMARK, 2014).

Como diz Fechine (2014), essas práticas reforçam, ao invés de ameaçar, o consumo da programação. Para a autora, há duas razões para isso. A primeira razão se dá pela instantaneidade provocada pela troca de informação, que privilegia o consumo dos conteúdos de acordo com o fluxo da programação ofertado. “Sofá estendido”, diz Fechine (2014), a respeito da conexão dos espectadores.

A segunda razão consiste na intervenção dos telespectadores nos programas “ao vivo”, no sentido de que é monitorado o que passa a ser publicado nas redes sociais e, muitas vezes, acabam incorporando como conteúdo (FECHINE, 2014).

Esta pode ser considerada a nova forma de se ver e fazer TV. A participação online do telespectador não só reforça a função da programação, como diz: “*ei estou aqui, estou te vendo e falando sobre você*”<sup>18</sup>. Talvez aí esteja a comprovação da cultura convergente de Jenkins (2009). Há um cruzamento de conteúdos em meios distintos. Como se

---

<sup>18</sup>Grifo e autoria nossa.

percebe, a televisão é diferente da internet, cada meio possui suas especificidades. A TV não deixará de existir em função da participação ativa do público nas redes. Pelo contrário, o “sofá estendido” de Fechine (2014) corrobora para que, cada vez mais, se tenha a certeza de que a TV não deixará de existir. O que será diferente é a forma, como se lida com ela e com os novos dispositivos para assisti-la. É o que Jenkins (2009, p. 30) diz: “A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”.

Os aparelhos ou “as caixas”, como afirma Wolff (2015), que servem para “fazer” televisão, são muitas. Desde o retrô caixote de madeira até os atuais dispositivos, todos moldurados e com uma tela no centro.

A “caixa”, aquele termo retrô de objetivação e rejeição da televisão, aquela presença dominante nas salas de estar por mais de meio século, agora tem um significado novo e mais fluido na miríade, em sua maioria dispositivos parecidos com uma caixa que transmitem o vídeo digital da internet para a televisão (WOLFF, 2015, p. 101)

Cada vez mais, a convergência digital é concretizada, não por transportar “a computação para a televisão, mas ao levar mais televisão para a sua televisão”, explica Wolff (2015, p. 101). Para o autor, trata-se de um ponto específico: “a televisão não se torna um dispositivo de computação, os vários dispositivos de computação se tornam dispositivos de entretenimento”, que satisfazem a audiência, não só por oferecer conteúdo em qualquer momento ou qualquer lugar, “mas levam o entretenimento – com narrativas roteirizadas e produzidas profissionalmente – para o domínio da atividade digital” (WOLFF, 2015, p. 99).

Como exemplo, Wolff (2015) cita a provedora *Netflix*, ao dizer que não é ela que leva o digital para a televisão, ao contrário, é ela que traz a programação, os valores e o comportamento da televisão, novamente, dentro de uma perspectiva passiva, para telas, que até então eram destinadas à interação e relacionadas às tarefas de informática.

A televisão, desde os seus primórdios, favorece a interação social, primeiro na casa do telespectador, com familiares e / ou amigos e, agora, de forma pública com a interatividade e as postagens em rede com a *SocialTV*. Afinal, são plataformas convergentes como estas que possibilitam, explica Cádima (2014), experimentar e partilhar em comunidades os prazeres, os lazeres, as redes, a memória e a história.

Na próxima seção discutiremos os aspectos emocionais advindos da televisão.

### 2.3 OS ASPECTOS EMOCIONAIS DA TELEVISÃO

Para a construção desta seção, utilizamos os principais argumentos de Joan Ferrés (1998) para compreendermos a relação que a televisão possui com nossos aspectos emocionais e que não são percebidos de forma consciente e inconsciente. O autor destaca que é importante reconhecer que a televisão provoca um efeito inconsciente nas pessoas e que é preciso compreender que existe uma força sobre nosso comportamento. Assim, estaremos pensando sobre os efeitos socializadores da televisão.

As decisões humanas estão condicionadas pela interação de dois tipos de fatores: os emotivos e os racionais. Tanto nas decisões cotidianas como nas de maior alcance, as emoções e os raciocínios entram em jogo em proporções diversas conforme os casos, interagem, condicionam-se, contrapõem-se, complementam-se. Uma emoção muito forte pode anular argumentos racionais de um peso considerável. Também um argumento de peso pode levar a vencer fortes reticências de caráter emocional. (FERRÉS, 1998, p. 37).

Ferrés (1998) explica que a influência da televisão não incide sobre a racionalidade e sim sobre os apelos emocionais provocados por ela. Temos um processo de sedução, mas que não percebemos de forma consciente. Consiste em uma comunicação inadvertida e que ocasiona um efeito mais profundo, algo despercebido, que é subliminar. Para o autor (1998, p. 14), podemos considerar subliminar "qualquer estímulo que não é percebido de maneira consciente".

São estas incitações que nos interessam para o entendimento dos afetos e dos vínculos evocados pela televisão, visto que, para Ferrés (1998), as pessoas se comportam e se movem muito mais por seus sentimentos, desejos e temores, do que por suas convicções, ideias e princípios.

No telespectador, a televisão influi nas decisões e crenças em função destes recursos emocionais e isso reflete na sua percepção de como vê a realidade e o que está a sua volta. "A percepção da realidade está condicionada não apenas por esquemas culturais como também por esquemas emocionais." (FERRÉS, 1998, p. 30). Uma mesma realidade pode ser percebida de forma diferente, em função das atitudes pessoais, que em alguns momentos não são conscientes.

Na experiência televisiva, explica o autor, ocorre um efeito aparentemente inofensivo, mas que é real, por não pensarmos no fato de como a TV pode condicionar nossas

emoções. Há o efeito placebo (FERRÉS, 1998), que elabora sintomas terapêuticos, aos quais não esperamos graças às experiências que passamos ter ao assisti-la.

O fato de não estarmos imaginando o que pode vir e que sentimentos teremos ao ver um programa, faz com que a experiência televisiva produza consequências socializadoras justamente por não possuímos expectativas. "Se no efeito placebo, o paciente abre as portas de seu psiquismo pela fé que tem no poder do tratamento, na experiência televisiva o espectador deixa aberta as suas por ingenuidade e desconhecimento do poder socializador do meio." (FERRÉS, 1998, p. 35).

A proposta de Ferrés (1998) é refletir sobre a transposição da emoção sobre a razão, como isso interfere no processo de socialização, até que ponto a paixão engana o pensamento e a consciência é traída pela comunicação inadvertida.

Para ele, a nossa racionalidade não deve ser pensada como única forma de convivência. As emoções potencializam e contradizem a razão. Por isso, é preciso ver, também, até que ponto os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, exercem aplicações mais socializadoras do que a razão.

Não nascemos seres humanos, escreve Ferrés (1998), nascemos com potencialidades para nos tornarmos seres racionais e emocionais. É perante a socialização que nos tornamos indivíduos sociais. A televisão integra, como instrumento cultural e social, esta convivência em grupos. Seria um laço social (WOLTON, 1996), permitindo partilha e experimentações comuns, através das afeições positivas e negativas transmitidas pelos programas de TV.

Para o autor, a televisão é socializadora, porque proporciona uma onda de energia emotiva. Estas energias são formadas principalmente por impulsos, tendências, desejos e temores, e, quando formadas, utilizamos para nosso próprio benefício. "As emoções se definem precisamente pelo que têm de excitação, de ativação. É neste sentido que são mobilizadoras." (FERRÉS, 1998, p. 39).

As imagens representam grande força para a produção de sentimentos. "Se se mede palavra por sua densidade, mede-se imagem por seu *punch*<sup>19</sup>", escreve Ferrés (1998, p. 40). A imagem se fortalece por apresentar de imediato o que se está vendo. Ao nos depararmos diante dela, vimos como ela é. A partir dela é que inferimos na sua representação. Neste ponto, como Ferrés (1998) denomina, ela consegue se impor por sua capacidade de

---

<sup>19</sup> A tradução de *punch* para o português consiste em força, soco, energia.

choque. Pensamos este choque não só no sentido de espanto ou surpresa, mas também nos artifícios de exposição da realidade e do que ela vem mostrar.

As emoções representam, pois, uma força, uma energia à qual é preciso dar uma saída. Ao lhes dar saída, também se dá a elas um rumo, impõe-se uma direção. As imagens televisivas não apenas ativam emoções, como apontam a orientação que é preciso dar à energia, orientam a conduta, marcam uma direção para a ação. (FERRÉS, 1998, p. 39).

Para Ferrés (1998), as imagens visualizadas na TV consistem em mensagens que socializam por evocar estes sentimentos. As narrativas televisivas conseguem alterar nos telespectadores estas emoções, sendo em um telejornal, com uma notícia triste ou alegre, ou em uma telenovela, com uma cena romântica ou com mais uma maldade do vilão. "Se as emoções (amor, temor, raiva, dor, gozo...) influem nas decisões e nos comportamentos, qualquer imagem que gere emoções será socializadora", visto que repercutirão em nossas crenças (FERRÉS, 1998, p. 41).

As imagens, em alguns casos, atuam "como perturbadoras do equilíbrio" e geram necessidades, desejos e temores (FERRÉS, 1998, p. 41). Além disso, explica o autor, a TV apresenta o reflexo e as aspirações do que queremos enquanto seres sociais e, em todas as circunstâncias, com as imagens, há conexões com os sentimentos que possuímos, ou seja, medo, desejo e paixão. Buscamos nestas forças saídas para tensões e conflitos. "Quer dizer, se por um lado a imagem reflete ou ativa o conflito, por outro o concretiza e, a partir daí, o canaliza, dá-lhe um sentido, uma direção." (FERRÉS, 1998, p. 42).

Não só uma imagem ativa um sentimento, como também o faz presente. Quando se conecta com o sentimento do temor, não apenas ativa este sentimento.

Enfim, cada vez que a imagem tem conexão com uma realidade, está conferindo sentido a esta realidade. A imagem é energia enquanto reflexo de necessidades já existentes ou enquanto ativação de novas necessidades e desejos. Mas é sempre, ao mesmo tempo, energia orientada, canalizada numa direção previamente estabelecida. Tanto se a libera como se a reflete, canaliza-a. Neste sentido, socializa. (FERRÉS, 1998, p. 42).

É preciso ver as imagens, diz Ferrés (1998), como socializadoras e como elas atuam na função do pensamento associativo. Para ele, ocorre um pensamento associativo quando surge um pensamento ou elemento em nossa mente e, com isso, um segundo elemento ou pensamento se concretiza associado com o primeiro.

Este processo na experiência televisiva é constante em função da quantidade de cenas que presenciamos e que associamos com alguma lembrança ou sentimento. Uma

telenovela pode provocar raiva com o vilão, emoção com alguma criança ou romantismo com alguma cena de amor. Com os telejornais, podemos temer a sociedade com as notícias sobre violência exibidas e, com um programa de humor, podemos rir e nos sentir tranquilos.

Ferrés (1998) explica que há um processo de transferência afetiva quando transportamos de forma positiva ou negativa, para coisas ou pessoas, estes sentimentos e afetos. Ou seja, as imagens de um determinado programa de TV pode nos transferir um sentimento de saudade de uma ou mais pessoas ou transmitir raiva de uma situação vivida em algum momento. É importante que entendamos que a televisão modifica comportamentos por ser socializadora e por pensamentos associativos. **T**odavia, podem sofrer alterações ou trocas de sentidos com as proximidades.

As transferências não se apoiam em considerações lógicas ou racionais, mas em simples processos de atribuição por contiguidade ou semelhança. A transferência é um mecanismo de descolamento e se realiza com base numa falsa atribuição. Atribui-se arbitrariamente ou erroneamente a uma realidade alguns efeitos que não lhe correspondem. Atribui-se a um elemento o valor positivo ou negativo de outro. (FERRÉS, 1998, p. 51).

Neste sentido, essas associações podem ocorrer de forma inversa. Por exemplo, uma imagem negativa transfere algo positivo para o telespectador, dependendo de como ele está vivendo e projetando sua realidade. Exemplo são as superstições com cores e números. Nem tudo que é preto é luto e nem tudo que é 13 é azar. Depende das associações de pensamentos que temos, de onde viemos e como vivemos.

Além das transferências e associações provocadas pelas imagens na televisão, outro aspecto que Ferrés (1998) explica, nesta construção subliminar, são os comportamentos advindos dos modelos que assistimos. Para ele (1998, p. 53), somos influenciados emocionalmente e reagimos conforme padrões que observamos, porque "no âmbito da aprendizagem por modelagem simbólica, a televisão adquire hoje uma relevância social sem comparação com nenhum outro meio de comunicação ao longo da história".

Esta é a força de ligação da TV: além de construir laço social (WOLTON, 1996) e estabelecer um sentido de presença (FECHINE, 2014), atua como aprendizagem e modelagem simbólica.

Ferrés (1998, p. 56) destaca que

na televisão, há sistemas diversos para reforçar, positiva ou negativamente, o valor dos modelos. Podem ser premiados ou castigados narrativamente, mediante a associação de suas atitudes e comportamentos com consequências narrativas

positivas ou negativas. Podem ser premiados ou castigados formalmente, mediante o tratamento formal que lhes é dado: plano, ângulo, ponto de vista, iluminação, cor...

Existe uma excitação emocional, para Ferrés (1998), que auxilia na eficácia na construção de modelos dentro da capacidade socializadora da televisão. São formas de se potencializar esta ação. Perceber esta força faz com que a compreendamos, segundo Ferrés (1998), como reino das emoções e que, com isso, potencializa os índices de audiência. Tudo nela hipergenesia os afetos. "Não apenas as histórias; também os personagens; a entrada em cena, os recursos formais, as músicas e efeitos sonoros... Desde a excitação emotiva, a indução de valores e de pautas de comportamento por imitação de modelos é mais eficaz." (FERRÉS, 1998, p. 57). São nestes efeitos que presenciamos a interferência em nossas opiniões, crenças e comportamentos.

Além disso, a comunicação televisiva, destaca o autor, traz a questão do contexto como importância vital nas mensagens audiovisuais. Para Ferrés (1998), nesta nossa cultura ocidental, a TV elabora um contexto e condiciona a nossa interpretação. No entanto, para ele, é preciso que tenhamos claro que esses sentidos só ocorrem em função de que há um receptor. "É ele quem dá significado às mensagens emotivas desde suas próprias necessidades e desejos, seguidamente inadvertidos." (FERRÉS, 1998, p. 61). Só conheceremos os sentidos adquiridos com a mensagem se entendermos o que a comunicação audiovisual processa na mente do receptor.

O telespectador é peça fundamental no processo de construção da mensagem televisiva. É ele quem recebe, decodifica e reage perante o que foi passado. O sentimento só é elaborado por ter um indivíduo que se propõe, de forma despercebida, a sentir algo e vibrar com ele.

Esta vibração vem devido à força sedutora da linguagem da televisão e da contemplação do receptor sobre ela. Para Ferrés (1998, p. 71),

a televisão é, conseqüentemente, uma experiência narcisista porque é uma experiência sedutora. O fascínio que os personagens e as situações exercem sobre o espectador provém de que o põe em contato com o mais profundo e oculto de suas tensões e pulsões, de seus conflitos e ânsias, de seus desejos e temores. A televisão seduz porque é espelho, não tanto da realidade externa representada quanto da realidade interna de quem a vê.

Este reflexo confirma o que Ferrés (1998) diz sobre a TV ser o triunfo da cultura da sedução, da cultura do desejo. O espectador, mesmo quando não está satisfeito com a programação e utiliza o recurso "zappear" com o controle remoto, não desliga o aparelho.

Para o autor (1998, p. 89), estamos presos na "expectativa que o próprio meio gera: o que virá será sempre mais interessante do que o que já passou".

Não temos consciência do por quê isso acontece e o motivo da atração. Para Ferrés (1998), a televisão agrada justamente por ser contadora de histórias, ser o reino dos relatos e das fábulas, que satisfazem e incidem em nosso contexto emocional. "O relato audiovisual seduz porque permite ao receptor um encontro com as zonas mais ignoradas ou ocultas de seu inconsciente." (FERRÉS, 1998, p. 92). Possuímos o interesse nessas mobilizações por permitir elaborar nossos sentimentos mais íntimos e articulá-los na história, expondo, de forma inadvertida, algumas vezes, nossos conflitos internos.

Mesmo a TV sendo um meio massivo, a experiência que produz, diz Ferrés (1998), no pensamento de cada indivíduo é única e intransferível. É uma identificação própria com aquilo que se vê, um reflexo de projeções e sentimentos evocados por cenas, imagens e sons.

A identificação se produz quando o espectador assume emocionalmente o ponto de vista de um personagem, considerando-o reflexo de sua própria situação ou de seus sonhos e esperanças. A projeção, em troca, produz-se quando o espectador verte uma série de sentimentos próprios (ódio, compaixão, medo, desejo sexual, etc.) sobre um dos personagens; o inimigo é odiado, o malvado é temido, a mulher é desejada (ou o homem, conforme os casos), o personagem infeliz inspira compaixão... (FERRÉS, 1998, p. 96).

Identificação essa que ocorre pela força dos relatos, que surge, conforme Ferrés (1998, p. 96), "quando um relato audiovisual é capaz de congrega diante das telas e emocionar milhões de espectadores é porque contém, em forma latente, uma resposta de seus conflitos, desejos, tensões ou pulsões".

Somos seres que almejamos respostas e a televisão pode ser considerado um instrumento para isso. Os relatos, os modelos e as associações que obtemos, ao assistir um programa, provocam este estado que muitas vezes passam despercebidos, mas que sentimos.

Há um sentido que é posto pela televisão ao proporcionar as emoções. Para Ferrés (1998, p. 111), "o espectador necessita chorar, e as histórias, ao lhe oferecerem a oportunidade de chorar, oferecem-lhe implicitamente algo pelo que chorar, indicam-lhe quais realidades merecem lágrimas". Para ele, necessitamos amar e odiar, e as narrativas nos oferecem esta possibilidade que, para nós, é significativa. "A emoção se converte, intencionalmente ou não, em elemento socializador", destaca Ferrés (1998, p. 111) e isso é importante, visto que os afetos é um dos recursos utilizados para se compreender a função da memória na televisão.

Diante disso, no capítulo seguinte, apresentaremos as contextualizações da formação da memória, das recordações e da relação afetiva com o meio.

### 3 DA COLETIVIDADE À AFETIVIDADE: A FUNÇÃO DA MEMÓRIA AO RECORDAR O PASSADO

Sobre memória, são muitas as observações a respeito da função, origem e desencadeamento no processo de lembrança e volta ao passado. Consiste em um retorno a um tempo, justamente por recordar situações vividas pelo sujeito.

Assim sendo, este capítulo está subdividido em três partes. A primeira aborda as questões sobre os conceitos, os tipos de memória, como ela surge e sua utilidade ao rememorar o passado. No segundo momento, apresentamos a formação da memória afetiva e como as emoções favorecem as lembranças. Por último, distinguimos, segundo os autores, história e memória e como estamos diante dessas duas vertentes.

#### 3.1 A MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E MEMÓRIA SOCIAL

É necessário explicar que diversos são os autores que expõem a função da memória no contexto individual e social. Para esta investigação, o embasamento teórico é construído com o intuito de entender a relação da memória e como esta estabelece uma função afetiva nos sujeitos.

Primeiramente, é preciso compreender que existem alguns fatos que mostram que a preocupação com a memória, de acordo com Huyssen (2000), aconteceu a partir da década de 1970, nos Estados Unidos e na Europa. Para o autor, a partir dessa década foi possível observar

a restauração historicizante de velhos centros urbanos, cidades-museus e paisagens inteiras, empreendimentos patrimoniais e heranças nacionais, a onda da nova arquitetura de museus (que não mostra sinais de esgotamento), o boom das modas retrô e dos utensílios retrô, a comercialização em massa da nostalgia, a obsessiva automusealização através da câmera de vídeo, a literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com as suas difíceis negociações entre fato e ficção), a difusão das práticas memorialísticas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte, e o aumento do número de documentários na televisão, incluindo, nos Estados Unidos, um canal totalmente voltado para história: o *History Channel*" (HUYSSSEN, 2000, p. 14).

Esse engrandecimento sobre a memória mostra uma sociedade que dispõe de dispositivos que a faz ter constantemente acesso a fatos e coisas para rememorar o passado. Desde as reestruturações arquitetônicas para guardar objetos antigos, como os museus e

centros históricos, até as tecnologias digitais, presenciamos um movimento em favor da permanência e valorização das memórias.

Compreender de onde vem, o que faz e como são acionadas as anamneses, não só faz parte de um contexto individual, como também social e intrínseco aos lugares e ambientes coletivos. Além de Huyssen (2000), apresentamos neste capítulo alguns teóricos e pesquisadores que fundamentam o conceito, origem e a função social e cultural das memórias.

Para início da discussão, trazemos a visão de Iván Izquierdo, médico e cientista argentino, naturalizado brasileiro, considerado um dos maiores pesquisadores do mundo na área de fisiologia da memória (BRUSCO, GOLOMBEK E STREJILEVICH, 1998). É o neurocientista mais citado e um dos mais respeitados da América Latina, com 710 artigos publicados e 22.794 citações em periódicos (CUNHA, 2016).

Consideramos necessário entender os conceitos básicos e neurocientíficos da memória e a sua relação física com os seres humanos, para que, então, possamos compreender as suas funções socioculturais.

Izquierdo (2011, p. 11) destaca que a memória consiste na “aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. O sujeito adquire porque aprende e, por isso, só registra o que foi aprendido. É a partir deste registro que as evocações aparecem. Para o autor, a “evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos [...]”.

Para esta tese, trabalhamos com as recordações dos telespectadores que são evocadas pela televisão ao estarem diante dos enredos exibidos nas telenovelas, mas que fazem parte das memórias de quem assiste<sup>20</sup>.

Desta forma, analisamos algo que é evocado, conforme explica Izquierdo (2011). Para ele (2016), não há lembrança sem memória, pois não as encontramos de forma isolada. As recordações existem em algum lugar e esta “localidade” é a memória que possuímos.

Memória são as ruínas de Roma e as ruínas de nosso passado; memória tem o sistema imunológico, uma mola e um computador. Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou). Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. Representações, mas não realidades: as ruínas de Roma não são a Roma imperial; um disco da Nona Sinfonia gravado por Toscanini, Karayan ou Kleiber não equivale à sua execução, nem à Nona Sinfonia que Beethoven concebeu [...]. Quando se diz a palavra memória, a primeira que salta à evocação não é a memória das molas, dos discos ou dos

---

<sup>20</sup> Mesmo quem assiste pela primeira vez há os resquícios de uma memória coletiva e social, contexto abordado nas próximas páginas.

computadores; é a memória das experiências individuais dos homens e dos animais, aquela que de alguma maneira se armazena no cérebro (IZQUIERDO, 1989).

A memória, assim sendo, pode ser considerada um espaço onde guardamos as informações que adquirimos ao longo da vida, um lugar de armazenamento. As lembranças surgem porque estão inseridas neste ambiente. São emitidas cada vez que a memória é chamada, ou seja, só é possível “chamar” as recordações porque estão dentro de uma memória (IZQUIERDO, 2016).

Além de ser evocada, a memória exerce um papel sociocultural relevante, na medida em que traz contextos significativos para a compreensão de como vivem e atuam as sociedades. Após entendermos como ela funciona via sistema fisiológico é necessário relacioná-la e observá-la inserida numa conjuntura, também, sociológica. Para isso, outros autores são necessários para a fundamentação teórica.

Primeiramente, adotamos Henri Bergson, filósofo francês, conhecido por seus textos sobre consciência, matéria e memória. A partir dele, explicamos a relação da percepção, lembrança, corpo e imagens para a constituição da reminiscência. Consideramos fundamental esta exposição para que, posteriormente, possa ser descrita a formação da memória, intrínseca nas relações sociais (Halbwachs) e no contexto das emoções e afetividades (Le Breton).

Bosi (1994) esclarece que as observações de Bergson devem ser vistas sempre num todo, colocando-as consecutivamente em contexto com suas pontuações acerca da memória. Na obra de Bergson (1999), um dos principais pontos para se compreender e discutir a memória é entendê-la na relação com o corpo e a matéria. É no corpo, segundo o autor, que as imagens externas são intensificadas em função da potencialidade de sua ação sobre os objetos que o cerca. Neste vínculo, corpo e imagem, constroem-se de forma subjetiva na relação dos objetos com o mundo.

A matéria consiste no conjunto dessas imagens. “Chamo de matéria o conjunto das imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo” (BERGSON, 1999, p. 17). O corpo, neste sentido, aparece como um mecanismo de produção de imagens. Para o autor, captamos das imagens, os fatos e acontecimentos que configuram a relação social com os objetos ao nosso redor. Por isso, a imagem faz parte da memória. É com ela que o cérebro aciona a função de identificação da lembrança, situando o passado e o presente, através da percepção.

Não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças descolam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples 'signos' destinados a nos trazerem à memória antigas imagens. (BERGSON, 1999, p. 30).

A percepção, por mais breve que ela possa ser, apresentará sempre uma certa duração, diz Bergson (1999), e isso resulta em um esforço da memória em prolongar uma diversidade de situações e momentos, constituindo uma das principais contribuições para a consciência individual da percepção, que é o lado subjetivo do “conhecimento das coisas” (1999, p. 31). Subjetivo, porque cada um estabelece uma relação com aquilo que o rodeia, ou seja, que está na proximidade do corpo, produzindo matéria.

As lembranças e a percepção estão juntas, uma depende da outra para acontecer. Bergson (1999, p. 70) esclarece que “nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança [...], não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere”. É com esta citação, de acordo com Bosi (1994), que Bergson enriquece o que antes parecia ser tão simples. A percepção deixa de ser só um resultado obtido pelo cérebro, através da interação com o ambiente, e passa a ser algo mais denso, que objetiva a composição da recordação.

Dessa forma, explica Bergson (1999), a memória é inseparável da percepção, intercalando o passado no presente, condensando momentos variados e que, com isso, percebemos em nós a matéria, ou seja, o conjunto de imagens e a sua relação com os objetos exteriores.

A centralidade ocupada por nosso corpo faz com que ele reaja sobre as coisas que nos cercam e, assim sendo, estabelece o que Bergson (1999) fala sobre a teoria da memória, pois o corpo colocado entre os objetos é um condutor que se responsabiliza em receber movimentos e os transmite em ações escolhidas ou voluntárias, elaborando uma memória composta por imagens adquiridas ao longo do tempo. Por isso, esta relação do corpo, matéria e memória, para o autor, consiste em um dispositivo motor onde se arquiva a ação do passado.

É, portanto, na forma de dispositivos motores, e de dispositivos motores somente que ele pode armazenar a ação do passado. Donde resultaria que as imagens passadas propriamente ditas conservam-se de maneira diferente, e que devemos, por conseguinte, formular esta primeira hipótese: I – O passado sobrevive sob duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes. (BERGSON, 1999, p. 83- 84).

Seriam esses dois pontos que dariam a ordem prática da memória, conforme Bergson (1999). Para ele, o reconhecimento se dá por dois caminhos: o primeiro de forma automática, devido às circunstâncias, buscando no passado algo para dirigir o presente; e o segundo, no reconhecimento do objeto com os movimentos que são originados por ele e por representações que nascem do sujeito, ou seja, só se reconhece o objeto presente quando há uma representação do indivíduo sobre ele.

Para Bosi (1994), a memória consiste nesta relação do corpo presente com o passado, e isso, ao mesmo tempo, interfere no movimento das representações atuais. "Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência." (BOSI, 1994, p. 47).

Desse modo, Bergson (1999, p. 84) justifica que o corpo pode ser considerado esta demarcação "movente" entre o futuro e o passado, "como de uma extremidade móvel que nosso passado estenderia a todo momento em nosso futuro". Para ele, a consciência guarda as imagens de situações que o sujeito viveu e as alinha em ordem de sucessão. Poderia isso causar alguma confusão entre o que é presente e o que é realidade, mas permanece organizado em uma sequência capaz de perceber a atualidade.

A ação de reconhecer algo faz sentido na elaboração da memória. O reconhecimento, por exemplo, de acordo com Bergson (1999), é o ato capaz, concreto, pelo qual reassumimos o passado no tempo presente. É com a percepção das imagens que se chega ao reconhecimento. Para o autor, há duas formas de se explicar o *déjà vu*: ao encontrarmos uma pessoa pela primeira vez, percebemo-la de forma natural. Ao reencontrá-la, em uma segunda situação, reconhecê-la-emos pelas circunstâncias gravadas na percepção obtida no primeiro encontro. Isso provocaria um desenho sobre a imagem atual, que não é o mesmo. Seria uma mescla de algo visto no passado com o que é visto atualmente. Ao rever a pessoa, lembranças do primeiro encontro com ela, como algumas características físicas, por exemplo, voltariam à memória e reconfiguraria a imagem atual.

Dessa forma, esse reconhecimento manifesta-se em uma percepção presente da imagem dada. Para Bergson, a percepção presente sempre recorre à memória a lembrança da percepção anterior. Este sentimento do *déjà vu* consiste na união entre percepção e lembrança. "A lembrança só surge uma vez reconhecida a percepção" (BERGSON, 1999, p. 101).

O passado só é reconhecido por estas imagens-lembranças, que vem da percepção e que formaliza a ação da memória. A referencialidade com o passado é convencionalizada nesta

relação de ir e vir em um tempo, dentro destes dispositivos moventes, à consciência, e que há um estado presente.

Nestas oscilações, Huyssen (2000, p. 57) esclarece que o ato de lembrar explica os nossos "elos de ligação [sic] com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro".

O passado só sobrevive em função da lembrança, observa Bosi (1994). Para a autora, Bergson teve um papel importante nos estudos da memória, por mostrar que o passado permanece conservado dentro de nós e que vem à consciência através das imagens-lembranças. "Ora, é justamente a importância dessa distinção, e tudo quanto ela comporta de ênfase na pureza da memória, que vai ser relativizado pela teoria psicossocial de Maurice Halbwachs [...]" (BOSI, 1994, p. 53).

Para isso, Maurice Halbwachs, autor das obras *Les cadres sociaux de la mémoire* e *La mémoire collective*, expõe que toda memória constituída só é manifestada em função das relações sociais vividas pelas pessoas e que o reviver o passado se dá pelas percepções e rememorações acerca das lembranças.

Bosi (1994) explica que para entendê-lo é necessário situá-lo no contexto da tradição sociológica francesa e que, ao prolongar os estudos de Émile Durkheim, ao levar a campo as hipóteses de Auguste Comte, observa a prioridade dos fatos e sistemas sociais sobre a ordem psicológica e individual.

Mesmo sendo uma atividade individual, a memória é formada pela participação do indivíduo em grupos, define Halbwachs (2003). Este fato ocorre, porque, para ele, as pessoas se lembram de situações que são e foram constituídas em grupos de referências.

Estudar a memória como ela é não é a pretensão de Halbwachs, destaca Bosi (1994), mas sim observá-la em função de seus 'quadros sociais'. Para o filósofo, "a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo". (BOSI, 1994, p. 54).

São nestes grupos que ocorre a formação do pensamento, ou seja, lembranças começam a ser formadas em cada um de nós ao viver um fato ou cenas que aconteceram por estarmos sempre em contato com grupos de referências.

Isso acontece, por exemplo, de acordo com Halbwachs (2003), quando voltamos a algum lugar tempos depois. O que é visto ajuda-nos a reconstruir um quadro de lembranças adaptado às nossas percepções do presente. O fato de ter estado pela primeira vez em um local

e o retornar posteriormente implicam em ações que envolvem grupos de referência. Nunca estamos sozinhos, sempre há outras pessoas que vivem ou viveram algo que é compartilhado. Esta é a principal visão de Halbwachs sobre a formação da memória.

Dessa forma, complementa Bosi (1994), Halbwachs vem nos dizer que só há a lembrança porque as outras pessoas e a situação presente nos fazem lembrar e que, em muitos casos, "lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho". (BOSI, 1994, p. 55). Os materiais externos que estão à nossa disposição, ou seja, as imagens são o que constroem as lembranças, em um conjunto de representações, e que irão formar a consciência atual.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, como ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55).

Importante pensar neste aspecto, visto que a memória vem trazer esta reconstrução sobre uma lembrança, seja através de amigos, familiares ou até mesmo revisitando uma cidade, um conhecido ou antigo local de trabalho. Todos trarão recordações que serão otimizadas diante da interferência do hoje, mas que houve uma interação social.

A visita aos lugares faz relembrar fatos que podem ser pessoais, únicos. Todavia, estão ligados também a outros sujeitos, pelo mesmo ambiente e espaço provocador da lembrança. A coletividade se dá por este mesmo ponto.

Assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. (HALBWACHS, 2003, p. 29- 30).

Como diz Halbwachs (2003, p. 30), as nossas memórias continuam coletivas e são acionadas por outros, mesmo em situações e eventos (como ele gosta de referir), em que estivemos sós. Para ele, o sujeito nunca está sozinho. "Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem".

A presença do indivíduo em um grupo não necessariamente deve ser fisicamente, mas na forma adotada para retomar às formas de pensamentos e vivências proporcionadas pelo grupo. "Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível." (HALBWACHS, 2003, p. 31). Esta participação coletiva vai além da presença física, pois está ligada a outras formas de "estar junto". Os sujeitos podem partilhar de momentos comuns ao visitar uma cidade em que ele conheceu com familiares. No momento deste retorno, ele está sozinho. Contudo, a primeira vez em que ele foi até lá, havia outras pessoas consigo.

Da mesma forma em que ao viajar sem a presença de uma companhia a um país desconhecido, mesmo só, sem ninguém próximo para conversar, outros indivíduos estão ali, construindo juntos os pensamentos e as lembranças sobre aquele lugar.

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarem à minha frente, quando reconstituírem cada pedaço de sua imagem em meu espírito, esta composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. (HALBWACHS, 2003, p.32).

Em alguns casos, para o autor, estas pessoas ajudam a recordar e, para melhor lembrar, voltamos a elas e adotamos os seus pontos de vistas, já que "uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo [...]" (HALBWACHS, 2003, p. 31). Conseguem até reconstruir nossas ações sem que tenhamos lembrado de algo. Essas pessoas nos trazem provas de que o evento ocorreu e que participamos.

Isso é bastante comum, no sentido de que, durante as nossas vidas, episódios acontecem. Porém, depois de algum tempo, não lembramos mais. As recordações ocorrem em função dos testemunhos de outros. São os testemunhos, não só discursivos, falados por pessoas próximas, como também imagens e situações, que provocam lembranças em nossas memórias. Para Halbwachs (2003), estamos diante de vários testemunhos e renovamos constantemente nossas memórias.

É este o processo de construção de uma memória coletiva, embasada pela força viva das imagens proporcionadas pelas relações sociais. Por isso, "a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso", reforçam Schmidt e Mahfoud (1993, p. 288).

Huyssen (2000, p. 68) complementa que "a memória de uma sociedade é negociada no corpo social de crenças e valores, rituais e instituições. No caso específico das

sociedades modernas, ela se forma para espaços públicos de memória tais como o museu, o memorial e o monumento". Para o autor, estamos cada vez mais conscientes de como a memória social é coletiva e construída a partir de uma série de discursos e representações.

No entanto, quando as imagens se fundem com as lembranças, destaca Halbwachs (2003), as recordações de um ou mais processos coletivos criam figuras que podem não reproduzir exatamente o passado, podendo modificar a impressão de um fato antigo. São sensações que se misturam e se compactuam em massas de lembranças imaginadas. Há esta relação entre o que foi verdadeiramente vivido e o que foi fictício. "Inversamente, pode acontecer que os testemunhos de outros sejam os únicos exatos, que eles corrijam e rearranjem a nossa lembrança e ao mesmo tempo se incorporem a ela." (2003, p. 32).

Quando isso acontece é porque nossa memória se apresenta como uma peça profunda e sentimos ter condições de diferenciar, por esforço nosso, alguns traços e contornos que vêm do nosso passado, mesmo quando observamos estes elementos em uma espécie de espelho turvo, compara Halbwachs (2003). Para ele, é necessário "trazer uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembranças". (2003, p. 32- 33).

Por isso, a necessidade dos testemunhos, tanto verbais quanto visuais para a composição da memória, porque quando uma cena não deixa nenhum traço de recordação, sentimo-nos (HALBWACHS, 2003) desqualificados de remontar qualquer parte dela. Mesmo se algum dia outras pessoas nos contem o fato em si, jamais será pontuado como uma lembrança, destaca o autor.

As recordações, defende Assmann (2011), acontecem de forma reconstrutiva e sempre no presente. Os testemunhos facilitam a recuperação da lembrança que, para a autora, "não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação". (ASSMANN, 2011, p. 34). Nessa modificação, há técnicas para evitar o esquecimento e a repressão. O voltar a ver um lugar, a vontade de o sujeito recordar, a força do pensamento ou a necessidade são itens que, para a autora, auxiliam na constituição da memória.

A lembrança é resultado de um conjunto coletivo, por necessidade de uma comunidade afetiva. "Esta comunidade afetiva é o que permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo." (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289). As lembranças acontecem, nesta lógica, por esses contágios afetivos, que são permanentes na coletividade em que o sujeito vive ou viveu.

São os grupos, complementa Assmann (2011, p. 144), que tornam as lembranças estáveis. Para a autora, os estudos de Halbwachs apresentam como resultado esta estabilidade da memória, ligada diretamente à composição e subsistência do grupo. "Se o grupo se dissolve, os indivíduos perdem em sua memória a parte de lembranças que os fazia assegurarem-se e identificarem-se como grupo".

É preciso, no entanto, ter este aproveitamento sobre as memórias dos outros e concordar com elas. Não bastam só os testemunhos, necessitamos de pontos comuns entre uma e outra lembrança para nos fazer recordar e vir ser reconstruída, explica Halbwachs (2003).

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2003, p. 39).

As lembranças surgem porque são os outros que fazem recordá-las (HALBWACHS, 2003). Mesmo que esses outros não estejam presentes, podemos dialogar sobre esta coletividade da memória, pois evocamos fatos e situações de um lugar que vivemos e que houve uma relação com os sujeitos.

É pela lembrança que, segundo Halbwachs (2003), ocorre o reconhecimento e isso acontece em função do *déjà vu*, muitas vezes, manifestado pelas experiências citadas acima. *Déjà vu* esse, de Bergson, que reconfigura um reencontro, um novo desenho sobre o que foi visto pela primeira vez. Halbwachs (2003) explica que consiste em um resgate do que foi vivido, ou seja, são vivências que retornam e estão inseridas em um espaço, em um tempo e em grupos de referências, de relações sociais a que pertencem o sujeito.

A memória, complementa Schmidt e Mahfoud (1993), ao reconhecer e reconstruir algo, atualiza os quadros sociais e faz com que as lembranças possam articular-se entre si. Isso é diferente nas crianças, que não estabelecem este tipo de troca, pois não têm a capacidade, ainda, de se ver como elemento formador de recordações. Para Halbwachs (2003, p. 43), não lembramos a primeira infância por ser essa uma fase onde não nos constituímos como seres sociais. "É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram reflexos dos objetos exteriores" e que não havia misturas de imagens e a homogeneização de pensamentos com os que nos cercavam.

De acordo com Halbwachs (2003), as lembranças surgem conforme as circunstâncias que se criam, para que elas possam ser despertadas e representadas. Nem sempre as encontramos. É necessária esta espera, sobre a qual nossa vontade não tem muita interferência.

Nada é mais surpreendente em relação a isso do que o reconhecimento de uma figura ou de um lugar, quando estes voltam a se encontrar no campo de nossa percepção. Nunca mais voltamos a pensar naquilo desde que o vimos pela primeira vez e talvez tenhamos a impressão de que, por algum esforço de memória que tenhamos feito, nos teria sido impossível reconstituí-lo. Absolutamente não estamos enganados: reconhecemos muito bem esse lugar e ao mesmo tempo recordamos a disposição de espírito em que estávamos quando o vimos, parece que a lembrança permaneceu, agarrada às fachadas daquelas casas, aguardando ao longo daquela vereda, na borda daquela enseada, nesse rochedo em forma de cadeira - e, quando voltamos a passar por lá, damos uma paradinha e ela retoma em nossa memória um lugar que, sem isso, jamais teria sido ocupado. (HALBWACHS, 2003, p. 53).

Isso é comum quando voltamos a um lugar que não lembramos mais ou quando assistimos a algum vídeo caseiro ou uma cena na televisão e que havíamos esquecido. Ao 'revisitar' estes lugares, damos-nos conta da lembrança, que permanecia ali, só não nos recordávamos dela.

Faz parte das condições necessárias para se voltar a pensar em algo, diante de circunstâncias (HALBWACHS, 2003). São sequências de percepções que temos ao fazer novamente o mesmo caminho tempos depois. Estas lembranças ocorrem não só referentes a lugares, mas também casas, ruas, bairros, cidades, países, como também pelo fato de rever algo na TV, no cinema ou reler um livro.

Bosi (1994) reforça que este retorno, na concepção de Halbwachs, consiste na reconstrução do passado, uma releitura da experiência. A autora traz como exemplo quando estamos diante de um livro que foi lido há muito tempo. A impressão inicial traz de volta a ansiedade ou a curiosidade da primeira leitura. Ao nos depararmos com as primeiras páginas, lembrar-nos-emos de algumas marcas, personagens e fatos. No entanto, ao reler, vamos percebendo coisas novas que, muitas vezes, não tínhamos percebido. Além de lembrar, teremos outras percepções, visto que estão em função das inferências do tempo presente. Neste caso, como dito pelo autor, a única forma de completar uma lacuna vazia da memória é voltar a um lugar.

Nós nos surpreendemos ao reencontrar essa lembrança, mas, após um momento de reflexão, poderíamos também nos espantar por não a termos evocado antes, ao descobrirmos no labirinto de nossos pensamentos mais de uma avenida que a ela nos

levariam. Esse lugar, esses objetos nos trazem essa lembrança. (HALBWACHS, 2003, p. 54).

Halbwachs (2003), como vimos, destaca que não precisaríamos estar em contato com os objetos para nos lembrar deles. Todavia, considera que, talvez, às vezes, falta a capacidade de voltar a pensar nele com intensidade para lembrar os detalhes.

Esta descoberta entre os labirintos do pensamento em contato com os objetos não deixa de ser um testemunho da lembrança, que impulsiona a recordação para uma vivacidade pronta em favor da memória. "É o tipo de reconhecimento que Bergson chama de reconhecimento por imagens, que ele distingue muito claramente do que chama de reconhecimento por movimentos." (HALBWACHS 2003, p. 55). Para ele, Bergson, reconhecer por imagens é estabelecer uma ligação de um objeto a outras imagens, que resulta em um quadro com um conjunto de imagens. Os reencontros e ligações destes objetos com os outros recriam sentimentos e pensamentos.

Estes labirintos podem ser reabertos ou encontrados em dispositivos que guardam e evocam lembranças. Dentro desta perspectiva, Huyssen (2000, p. 18) apresenta outra visão sobre as formas de recuperação da memória.

O enfoque sobre a memória e o passado traz consigo um grande paradoxo. Com frequência crescente, os críticos acusam a própria cultura da memória contemporânea de amnésia, apatia ou embotamento. Eles destacam sua incapacidade e falta de vontade de lembrar, lamentando a perda da consciência histórica. A acusação de amnésia é feita invariavelmente através de uma crítica à mídia, a despeito do fato de que é precisamente esta - dede a imprensa e a televisão até os CD-Roms e a Internet - que faz da memória ficar cada vez mais disponível para nós a cada dia"

O fato de as tecnologias nos possibilitarem acesso à rememoração faz com que tenhamos, para Huyssen (2000), perdas da capacidade de recordar. Para ele, nossa cultura vive o medo do esquecimento e estamos na era da mercadorização dos eventos e fatos históricos. "Não há nenhum espaço puro fora da cultura da mercadoria, por mais que possamos desejar um tal espaço" (HUYSSSEN, 2000, p. 21). As tecnologias destroem esses locais e funcionam como suporte para todas as formas de memória.

Para Huyssen (2000), não resta dúvida de que estamos inseridos em um contexto em que o mundo está sendo musealizado e que fizemos parte deste processo. "É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total", diz o autor. Na consciência humana não é permissível esta totalidade, mas em arquivos e em base de dados, é possível agrupar materiais

por completo. No entanto, para as lembranças, buscamos nestes armazenamentos, quando desejado, as nossas memórias.

Diante disso, é necessário afirmar que não são os dispositivos os responsáveis pela construção das memórias. São os indivíduos os encarregados de fazer delas uma função social e vivaz. Para Huyssen (2000, p. 36 - 37), "a memória vivida é ativa, viva, incorporada no social - isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões. Estas são as memórias necessárias para construir futuros locais diferenciados num mundo global".

Mesmo contendo essas interlocuções que são coletivas e fazem parte de nossas relações sociais, cada um de nós possui uma história. Assim, temos uma consciência individual com imagens e pensamentos que atravessam diversos ambientes. A consciência individual, como observado por Halbwachs (2003, p. 57), é mostrada "como uma série única em seu gênero" e apresenta estados, ligados entre si e que nos fazem compreender a nossa memória.

Temos, segundo Halbwachs (2003), um sentimento de unidade, uma manifestação consciente em poder participar e estar em vários ambientes. Porém isso só existe no presente. É na atualidade que percebemos o quanto estivemos em locais distintos quando recorreremos à memória.

Aqui, mais uma vez, uma série de lembrança nos parece muito ligada apenas porque podemos nos colocar de novo no ponto de vista do grupo ou grupos em cujo pensamento esses estados estiveram e permaneceram em contato, na medida também em que de nós depende passar de um grupo a outro na mesma ordem que outrora determinou em nosso espírito a formação de tal série de reflexões e estados afetivos. (HALBWACHS, 2003, p. 64).

As lembranças são evocadas e convocadas por forças que estão no meio social, tanto nas nossas percepções, quanto em fatores externos que direcionam nossos pensamentos.

Um dado importante é que as lembranças pessoais, aquelas que só o indivíduo conhece e reencontra, distinguem-se das outras em função da complexidade que há ao recordá-las. De acordo com Halbwachs (2003, p. 66), há dois tipos de elementos que acessamos ao observar o nosso passado: "os que podemos evocar quando desejamos e os que, ao contrário, não atendem ao nosso apelo, se bem que tão logo os procuramos no passado, nossa vontade parece bater num obstáculo".

Esses primeiros elementos estão no contexto familiar. Assim, o que é familiar para mim, é familiar para os outros, por isso consiste em um terreno comum e acessível. "É a ideia que os outros fazem de nós, e os fatos de nossa vida que estão sempre mais presentes para nós também foram gravados na memória dos grupos que nos são mais chegados."

(HALBWACHS, 2003, p. 67). Dessa forma, estas recordações mais facilmente atendidas são de acesso comum. Isso acontece, porque, segundo Halbwachs (2003), nos apoiamos nas memórias dos outros e temos a capacidade de recordá-las a qualquer momento para estabelecer esta relação compartilhada.

Já as lembranças que não são de fácil recordação não dependem dos outros e sim do próprio sujeito, pois somente ele é capaz de identificá-las e reconhecê-las. "Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são as que dizem respeito somente a nós", dentro de um contexto de exclusividade, "como se só pudessem escapar aos outros na condição de escaparem também a nós". (HALBWACHS, 2003, p. 67).

Há grupos que se encontram com frequência, em outros as relações são reduzidas e quase invisíveis, e percorrem, conforme Halbwachs (2003), "veredas escondidas". Estão nestes caminhos o trajeto para o encontro de nossas lembranças pessoais. Contudo, reforça Halbwachs (2003, p. 69), "se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo".

É preciso pensar, no entanto, que mesmo contendo essa massa coletiva de lembranças, diz o autor (2003, p. 69), apoiadas umas nas outras, não serão sempre as mesmas a aparecer nos sujeitos. Isso se dá porque estamos em convivência social, mas, para cada um de nós, as circunstâncias são distintas, ou seja, "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes".

A memória individual não está, por inteiro, fechada e sozinha. Para que ela possa funcionar, é necessário pegar emprestadas, do ambiente, palavras e ideias que o sujeito não inventou. "Para evocar o seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade." (HALBWACHS, 2003, p. 72).

Bosi (1994, p. 413) argumenta que a memória individual consiste em um olhar sobre a memória coletiva e que "nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual".

É certo que só lembramos o que vimos, fizemos, sentimos e pensamos, observa Halbwachs (2003). Por isso, não ocorre uma memória exclusivamente individual, visto que as lembranças são sempre formadas a partir do relacionamento dos indivíduos com algum grupo.

Dessa forma, a memória individual, explicam Schmidt e Mahfoud (1993, p. 291), pode ser compreendida "como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas".

O que os autores nos colocam é que, durante nossa existência, o passado está sempre presente em nossa memória, mesmo nos percebendo como seres individuais e alimentados pelas lembranças compartilhadas, provocadas pelas ações dos grupos de referência. "Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda", complementa Bosi (1994, p. 411). O sujeito é memorizador e, das camadas que formam o passado, consegue segurar itens significativos, com muito valor.

A memória só parece ser unicamente um fenômeno individual, acrescenta Pollak (1992, p. 201). Mesmo relativamente íntima e da própria pessoa, é constituída, ainda, por ordem coletiva, perpassa por flutuações e alterações, mas em algumas circunstâncias são infundáveis. "Se destacarmos essa característica flutuante e mutável da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis".

É importante verificar, contudo, que há elementos que podem contribuir para a formação de uma rememoração, em virtude dessa relação coletiva. Para Pollak (1992), os acontecimentos vividos por cada indivíduo irão formalizar uma constituição individual da memória, justamente com os "vividos por tabela", ou seja, o que para ele correspondem aos acontecimentos desencadeados pelos grupos a que as pessoas pertencem.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 201).

Além dos acontecimentos, Pollak (1992) explica outros fatores que organizam as memórias dos sujeitos. Para ele, nos deparamos constantemente com personagens e lugares que proporcionam um reencontro com o passado. Os personagens podem ser encontrados no dia-a-dia, vistos também por tabelas e os que não pertencem necessariamente ao espaço-tempo do indivíduo. Na ordem dos grupos de referências, amigos e familiares estariam classificados como os do cotidiano. Um parente pode fazer uma ação e evocar uma lembrança. Os identificados por tabela e os que não fazem parte do mesmo tempo e espaço

podem ser as pessoas e figuras que vimos em livros, na televisão, ou que encontramos nas ruas. De certa forma, concordamos que são mecanismos que possibilitam lembranças de algo.

Do mesmo modo, os lugares. Como exposto anteriormente, Halbwachs (2003), discute os locais que evocam uma lembrança. Pollak (1992) corrobora e explica que há lugares onde estamos diretamente ligados e, por isso, trazem reminiscências. Pode ser algo pessoal ou coletivo, independente de uma ordem cronológica. Uma ação vivida na infância, um passeio, uma visita, qualquer zona ou sítio que possa lembrar algo.

Concordamos, perante esses aspectos, que a leitura de um livro, ou um programa de televisão, também pode ser considerada local de evocação. “Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos” (POLLAK, 1992, p. 202), e que podem, nesses casos, ocorrer transferências e projeções. São projeções, no sentido de que nem sempre vivemos o que lembramos. São fatos passados por gerações ou aprendidos. Para isso, Pollak (1992, p. 202) traz um exemplo que pode ser relacionado a estas transferências sem ter sido, necessariamente, vivenciadas pelos indivíduos.

Numa série de entrevistas que fizemos sobre a guerra na Normandia, que foi a primeira a ser libertada, encontramos pessoas que, na época do fato, deviam ter por volta de 15, 16, 17 anos, e se lembravam dos soldados alemães com capacetes pontudos (*casques à pointe*). Ora, os capacetes pontudos são tipicamente prussianos, do tempo da Primeira Guerra Mundial, e foram usados até 1916, 1917. Era, portanto uma transferência característica, a partir da memória dos pais, da ocupação alemã da Alsácia e Lorena na Primeira Guerra, quando os soldados alemães eram apelidados de ‘capacetes pontudos’, para a Segunda Guerra. Uma transferência por herança, por assim dizer.

Para Pollak (1992), a memória herdada não se restringe apenas à vida física da pessoa, na medida em que sofre flutuações dependendo do momento em que ela é articulada. Um exemplo que o autor contextualiza, são as datas comemorativas de um país. Elas são organizadas para trazerem lembranças do período que passou. Essa organização, tanto pessoal, quanto política, expõe o quanto a memória pode ser um fenômeno construído e que individualmente, explica o autor, pode tanto ser consciente ou inconsciente. Entretanto, não deixa de ser um trabalho de organização, que grava, realça e relembra. Esse movimento, para Pollak (1992, p. 204), consiste em um fenômeno identitário. Por ser a memória uma ocorrência social e individual, quando herdada passa a estabelecer um sentimento de identidade.

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para creditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Nesse caso, percebemos que a memória é um fator que advém de um sentimento de identificação do sujeito, tanto de forma individual como coletiva, e que estabelece um envolvimento de continuidade e de coerência dos indivíduos e grupos (POLLAK, 1992).

A construção da identidade, explica Pollak (1992), é edificada a partir das referências que possuímos em relação aos outros, no que se refere aos critérios de aceitação, admissão e credibilidade. “Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAK, 1992, p. 204).

Além disso, Halbwachs (2003) esclarece que não há um vazio absoluto na memória, mesmo nesta projeção individual que mantemos em nosso cérebro e que, às vezes, não conseguimos evocar. Sobre isso, Halbwachs (2003) diz que em nossas memórias não há imagens totalmente prontas, mas a sociedade indica elementos necessários para constituir as projeções.

Halbwachs (2003) menciona que, para recordarmos algo, é preciso preencher alguns espaços vazios do cérebro, uma zona um tanto indecisa e, quando preenchida com vestígios de algo recolocado em nossa frente, começamos a lembrar. Assim, a memória é ativada.

O esquecimento faz parte da coletividade. É preciso esquecer para, posteriormente, lembrar. Huyssen (2000) explica, com base em Freud, que a memória e o esquecimento estão interligados e são indestrutíveis. "A memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que esquecimento é uma forma de memória escondida" (HUYSSSEN, 2000, p. 18). Isso ocorre, conforme explica Huyssen (2000), porque a memória é humana, social e sempre transitória. É vulnerável ao esquecimento.

O acesso ao passado ocorre em função daquilo que almejamos. Mesmo suscetível, a memória não é petrificada, volta ao presente.

Por conseguinte, o passado rememorado com vigor sempre estará inscrito no nosso presente, a começar pela nutrição dos nossos desejos inconscientes até a orientação das nossas ações mais conscientes. Ao mesmo tempo, o passado rememorado com vigor pode se transformar em memória mítica. Não está imune à fossilização, e pode

tornar-se uma pedra no caminho das necessidades do presente, ao invés de uma abertura no *continuum* da história (HUYSSSEN, 2000, p. 69)

Esses elementos que ativam a recordação, muitas vezes, são apresentados em função da emoção sentida ao rever ou lembrar algo. Neste caso, a afetividade está ligada à memória, essa coletiva, que optamos por trabalhar e, como dito por Halbwachs (2003), mostra-se muito próxima dos sentimentos que são construídos por estarmos situados em grupos de referência.

Na próxima seção, explicaremos os sentidos e efeitos provocados pelas emoções e afetos e como estes interferem na formação da memória afetiva.

### 3.2 MEMÓRIA, EMOÇÃO E AFETO

Duas grandes contribuições para a compreensão da função das emoções em seres humanos ocorreram com as publicações: *A expressão das emoções no homem e nos animais*, de Charles Darwin, e *O que é uma emoção?*, de William James, em 1872 e em 1884, respectivamente.

Darwin concluiu que as expressões emocionais são padrões próprios dos indivíduos, padrões de ações vestigiais, ou seja, vem de características já demonstradas em outros animais, como, por exemplo, o fato de mostrar os dentes quando com raiva é bem semelhante ao cachorro rosnando quando enraivecido ou ameaçado. Outro ponto das conclusões darwinianas é que possuímos um conjunto básico e limitado de emoções, tais como: raiva, tristeza, medo e surpresa (CAIXETA, 2006).

Nas provocações de James, explica Caixeta (2006), as emoções consistem em experimentar as modificações comportamentais quando somos submetidos a determinados estímulos, ou seja, diferentes atuações corporais sistematizam distintas emoções. Compreender esta origem é necessário para relacionar a função e atuação da memória perante às ações emocionais que temos e como as lembranças sinalizam questões afetivas.

Santos (2006) relata que, durante as nossas vidas, são vários os tipos de emoção que vivemos, tanto no momento em que ocorrem os eventos, quanto no instante em que as vivências são recordadas.

Quando falamos sobre a ação de partilhar lembranças com outras pessoas, lembramo-nos do que Halbwachs (2003) nos diz sobre a constituição da memória coletiva.

Nossas experiências passam a exercer um sentido emocional que deve ser observado, e que, conforme Santos (2006), passam a impactar o sentido de nossa existência.

Esse sentido pode ser amparado pelas memórias vivas e estimulantes que temos quando adultos, cujos detalhes são marcantes. Dessa forma, explicam Ribeiro, Fuso e Bueno (2006), as experiências de cada indivíduo atestam a importância das emoções para a lembrança dos acontecimentos vividos. Há, para os autores, nas circunstâncias com forte carga afetiva, maior lembrança do que em eventos considerados neutros emocionalmente, ou seja, sem muito envolvimento.

"O homem está afetivamente presente no mundo", diz Le Breton (2009, p. 111). O simples fato de existir provoca um contínuo fluxo de sentimentos que podem ser mais ou menos vivos e pode mudar de acordo com as circunstâncias. Para o autor, "o gozo do mundo é uma emoção que cada situação renova de acordo com suas próprias cores", e mesmo a ação de pensar não escapa a seleções. Como vimos, o pensamento é uma atividade que faz parte da memória, traz elementos correspondentes às recordações. Assim, é importante salientar que no ato de lembrar também vem consigo questões emocionais, visto que não há como separar pensamento e afetividade.

Como afirma Le Breton (2009), o sujeito não está inserido no mundo como um objeto e com sentimentos passageiros, mas é sempre submetido às influências dos acontecimentos e sendo tocado por eles, em virtude das suas ações e relações com os outros. "Mesmo as decisões mais racionadas ou mais 'frias' envolvem afetividade. São processos embasados em valores, significados, expectativas, etc. Seu processamento envolve sentimentos, o que diferencia o homem do computador." (LE BRETON, 2009, p. 112).

São os afetos que simbolizam a permanência, a relação do homem com o mundo e a sua intimidade inserida nos acontecimentos do cotidiano, explica Le Breton (2009). Temos sempre uma apropriação de afeto sobre os objetos que nos cercam e que é duradoura, independentemente do tempo. "A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo". Exposta em momento provisório, é originada de um fato, no qual o "sentimento se cristaliza com uma intensidade particular: alegria, cólera, desejo, surpresa ou medo". (LE BRETON, 2009, p. 113).

Le Breton (2009), no entanto, esclarece que os sentimentos de amor e raiva estão mais presos ao tempo, arraigados, e se mostram mais integrados às práticas da vida. Mais que todos, refletem este preenchimento no dia-a-dia em função da emoção vivenciada. Para ele, a

emoção é situada no tempo por algum sentimento, dissolvendo-se em momentos que são interligados.

São os objetos os responsáveis em oferecermos algum tipo de afeto. Sentimento e emoção nascem em função da relação que possam ter sobre algo definido por nós e das circunstâncias de nosso movimento. São baseadas a partir de "um repertório cultural que distingue as diferentes camadas da afetividade, misturando as relações sociais e os valores culturais ativados pelos sentidos". (LE BRETON, 2009, p. 114).

As emoções seguem as lógicas pessoais e sociais de um sujeito que pensa e agrupa, de acordo com Le Breton (2009), traços em sua memória, impregnada do seu olhar sobre os outros e sobre o mundo. Então,

as emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes. São formas organizadas da existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais. (LE BRETON, 2009, p. 117).

Assim, mesmo apresentando emoções individuais, essas aparecem em função dos contextos sociais e simbólicos. O olhar sobre o mundo é ativado por nossas apropriações pessoais e culturais, mas há interferências das relações coletivas.

A afetividade, segundo Le Breton (2009), consiste na mistura de acontecimentos significativos, tanto de ordem pessoal, quanto coletiva, e que colocamos em prática, originando um sistema de valores e interpretando as situações conforme referências morais construídas por nós. Exemplo disso são as superstições, cuja crença ativa as emoções, como o horóscopo, que diz que a pessoa terá um dia alegre, ou que, ao cruzar com um gato preto, terá um dia angustiante. Neste sentido, Le Breton (2009) esclarece que a emoção é indicada pelo grupo que dá importância a isso, como também é a definição por como vive o indivíduo e como este existe perante o mundo.

Vale ressaltar que as emoções não são fixas. Para Le Breton (2009), elas são diluídas conforme se deparam com o tempo em que vive o sujeito. Elas podem ser acentuadas ou amenizadas, alterando o grau de significação, de acordo com as formas de se viver. Nesse sentido, há um trabalho do tempo e da memória sobre as emoções, algo que é necessário entender e que direciona, algumas vezes, "à modificação da forma como um acontecimento é experimentado" (LE BRETON, 2009, p. 118). Então, ao nos depararmos com um novo

testemunho sobre algum evento, pode ocorrer uma percepção nova sobre aquilo que tínhamos em mente.

A afetividade não possui raízes concretas apenas no presente de algum acontecimento, mas se relaciona com o sentido provocado por algum fato, decorrendo um conjunto de interpretações e de significados vividos (LE BRETON, 2009).

Assim, as relações afetivas surgem de acordo com as nossas lembranças dos fatos ou ao nos depararmos com objetos que evocam emoções, sentimentos que podem ser alterados, dependendo de como os recordamos. Sobre isso, Le Breton (2009, p. 119) argumenta que,

como uma maré tardia que percorre a linha da memória, chocando-se com o instante presente, as reminiscências podem brotar de uma livre associação, da percepção de um odor, de uma paisagem ou mesmo de um nome, os quais revivificam uma história passada. Contra a própria vontade, o indivíduo lembra-se de um fracasso, da morte de uma pessoa próxima, de um momento doloroso de sua existência; ele também pode recordar de um acontecimento pessoal, de um sucesso, de um encontro feliz [...]

A memória, como vimos, faz com que tenhamos também acesso às emoções pelo ato de recordar algo. Pode ser feliz, triste, angustiante, dependendo de como aquilo foi vivido em um primeiro momento por nós e em como nos encontramos na atualidade.

A influência dos outros no fato de como demonstramos nossas emoções é importante para percebermos como ocorrem as manifestações de afetos perante o que vivenciamos. Le Breton (2009) observa que é diferente a forma como os indivíduos demonstram os seus sentimentos. Assim, se estão sozinhos em seus quartos, por exemplo, os sujeitos ficam menos dispostos a gargalhar diante de uma situação humorística na televisão, o que seria diferente se estivessem em companhia de amigos. "Em nossas sociedades, a linha que divide o público e o privado, em termos de relacionamento com o corpo e com a afetividade, é claramente delimitada." (LE BRETON, 2009, p. 163).

Sozinhos e em casa, o homem é mais suscetível ao choro ou a lamentações em períodos de tristeza. Já em contato com desconhecidos, há o esforço para que isso não ocorra. Seriam esses fatos os moduladores das emoções, definidos por Le Breton (2009). Para ele, as pessoas atuam como um agente que promove o controle, o apaziguamento de ações mais drásticas, dependendo das circunstâncias e das suas influências.

A raiva, o ódio, o ciúme, por exemplo, crescem ou se abrandam de acordo com as propostas do meio, os gestos, conselhos ou esclarecimentos nele prodigados. O medo pode desaparecer ou ser dissimulado caso o outro não compartilhe os mesmos

sentimentos; contudo, ele poderá aumentar abrasando-se como pânico, caso aquele os demais também o sintam. O grupo é o terreno fértil das emoções, onde se desenvolvem ao máximo. (LE BRETON, 2009, p. 163 e 164).

Esta potencialização de sentimentos pode ser atribuída à coletividade nas relações sociais. As pessoas podem alterar a sensibilidade e a relação com o sujeito perante as suas emoções. A relação afetiva, neste caso, sofre interferência não só dos grupos, como também do próprio sujeito, dependendo da forma em que ele se encontra. No que diz respeito à memória, as ocorrências para se gerar um afeto podem ser muitas. A lembrança de algo bom traz consigo uma memória afetiva positiva e pode ser ativada ao rever ou recordar uma situação que levará a esse sentimento. Todavia, vai depender do tipo de afeto obtido em dadas circunstâncias.

Titchener (1895), por exemplo, define memória afetiva como sendo aquela que, voluntariamente, consiste em uma afeição passada. Então, ao lembrar algumas experiências, é preciso focar a atenção nos processos que constituem a recordação, até que ela possa a ser reproduzida, obedecendo às leis da associação e da combinação do que foi percebido. Para o autor, podemos relacionar o termo memória como o local em que a afeição pode ressurgir.

Sendo assim, para que se construa uma memória afetiva, é preciso ter elementos que provoquem certas emoções através dos afetos obtidos pela situação vivenciada no passado e de como nos encontramos no presente. Acreditamos, porém, que o principal fator que evoca esta afetividade no ato recordar está a busca por um tempo que não volta mais, trazendo lembranças que podem ser seletivas, boas ou ruins.

Neste capítulo, apresentamos os conceitos de memória, emoção e afeto. Após estudarmos estes elementos, optamos, nesta pesquisa, por considerar lembrança e recordação como sinônimas, visto que ambas vêm da percepção de algo e resultam na ação do lembrar / recordar o passado. Destacamos que essa percepção pode ser acionada ao olharmos uma imagem. Assim, nosso corpo, perante a um conjunto de imagens (BERGSON, 1999), projetadas e formadas nos cérebros dos sujeitos, se depara com os objetos que evocam recordações.

Desta forma, definimos o conceito de memória como sendo um conjunto de lembranças advindas de percepções individuais e se organizam por relações sociais com grupos de referências, trazendo marcas um tempo vivido entre passado e presente.

Como memória afetiva, trabalhamos como sendo aquela composta por experiências emocionais e afetivas, constituindo um local onde um sentimento ressurgir através de uma recordação.

Nessa perspectiva, a televisão consiste em um dispositivo que produz imagens e lembranças constantes aos telespectadores. Ao reprisar um programa, esta expõe elementos que serão percebidos e, com isso, uma recordação será impulsionada. O arquivo televisivo carrega consigo esta qualidade de rememorar um tempo passado.

Acreditamos que, quando essas reminiscências são compostas por sentimentos, temos uma memória que, além de afetiva, passa a ser teleafetiva, faz vibrar ainda mais o pensamento, visto que a TV envolve os indivíduos em experiências individuais e coletivas, de forma igualitária, como definido por Wolton (1996).

O *déjà vu* na televisão possibilita laços constantes. Quem assistiu a uma programação há tempos está inserido em laço social. Assim, quando revê a cena, além do laço formado naquela época, outros são constituídos, a partir de uma memória resgatada.

A figura abaixo demonstra o laço social sendo reconstruído através dos impulsos das recordações.

Figura 1 - Laço social reconstruído com as recordações



Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

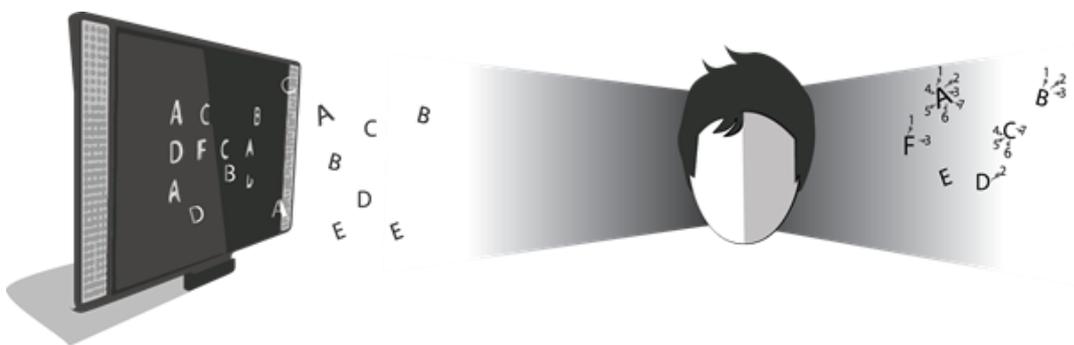
Chamamos de memória teleafetiva essa que é reconquistada, reformulando novamente uma experiência, que é reconstruída por um tipo de emoção e de afeto. Como explicado por Halbwachs (2003), em alguns momentos, é preciso fazer dos depoimentos exteriores uma espécie de semente de rememoração para que possa fazer surgir as lembranças. A TV executa este papel. Consiste em um dos elementos externos que auxiliam na volta ao passado.

Esta memória teleafetiva é a responsável por recuperar e reformular reminiscências reconstituídas a partir das imagens exibidas na televisão e pelos afetos em torno das vibrações provocadas por ela. Além de socializadora (FERRÉS, 1998), de Laço Social (WOLTON, 1996), a TV pode ser um desses "lugares" (HALBWACHS, 2003) que revisitamos e que são percebidos pelas nossas memórias.

Difere-se da memória afetiva por trazer pulsões geradas a partir da visualização das imagens televisivas, provocadas pelos efeitos emocionais durante o ato de reassistir. A teleafetividade da memória, neste caso, é resultado do laço social reformulado pelas recordações.

Ilustramos, com a imagem a seguir, um telespectador diante de uma reexibição. As letras correspondem aos objetos percebidos e, do outro lado, já no cérebro, os mesmos elementos, mas com vibração proporcionada pela memória teleafetiva. Os números representam outras lembranças e recordações, impulsionadas por emoções vividas em uma época.

Figura 2 - Vibração com a memória teleafetiva



Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

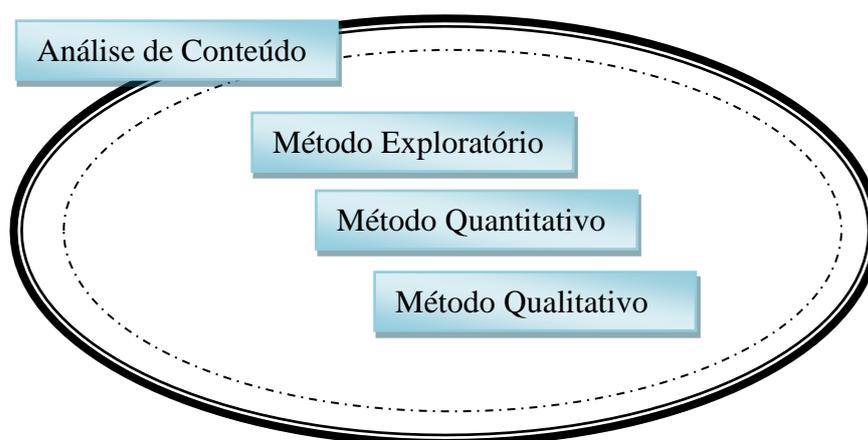
Depois de explicar nestes dois capítulos teóricos a relação da televisão e da memória com o contexto social e coletivo, bem como a relação teleafetiva das recordações, há a necessidade de explicar os procedimentos metodológicos desta pesquisa, para que possamos visualizar, nos dados coletados, expressões que possam explicar a força dos afetos e das emoções no Canal Viva.

## 4 METODOLOGIA

O caminho metodológico para esta tese incide na junção de propostas para que possam ser atingidos os objetivos traçados para esta pesquisa. Nas ciências sociais, a aplicabilidade de ferramentas para se fazer investigação é necessária, visto que há um campo movente e vivo no sentido de que os fenômenos aparecem e reaparecem de várias perspectivas. Na comunicação, são muitos os campos de pesquisa, cada um com peculiaridades que necessitam de atenção. Meios, linguagens, formatos, suportes são exemplos de "sítio" para se visualizar a atuação da comunicação. Não há uma receita pronta quando se discute métodos e técnicas para análise, comentam Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p. 19), assim como não existem fórmulas fechadas, acabadas. "Cada problema, cada método, cada amostragem e tratamento dos dados deve ser encarado como uma construção única, que pode servir de ensinamento e inspiração, mas nunca como um receituário pronto a ser seguido".

Ainda mais quando se tem como objeto uma programação a ser estudada, e como ambiente exploratório, o meio virtual. Tendo esta tese como objeto de estudo um canal de televisão fechado, consideramos necessária a construção de um desenho organizado de métodos e técnicas, conforme figura a seguir.

Figura 3 - Conjunção de métodos



Fonte: Elaborada pelo autor (2015).

Estas junções e aproximações de metodologias facilitaram a coleta e análise dos dados, visto que esta pesquisa possui como campo de análise a internet, mais precisamente uma rede social. O objeto é o Canal Viva e o espaço da aplicabilidade da investigação acontece por meio das menções dos termos publicados no *twitter* sobre as telenovelas *Cambalacho* e *Laços de Família*.

A internet, explicam Fragoso, Recuero e Amaral (2013), pode ser tanto objeto (o que é estudado), local (espaço onde é realizada a investigação) e instrumento de pesquisa (mecanismo para coleta de dados). Dessa forma, temos *essa* como campo para busca de elementos e informações para a concepção da análise. Este procedimento metodológico possui amparo em ações e conceitos de transmidiação, que vem crescendo muito no Brasil.

De acordo com dados do OBITEL<sup>21</sup>, relatados por Lopes e Mungiolli (2014), o Brasil, no ano de 2013, foi o que apresentou maior número de usuários do *Facebook*, entre os países da América Latina, com um total de 76 milhões, um aumento de mais de 100% em relação ao ano de 2012. O *twitter* alcançou 46 milhões de usuários ativos, 30% a mais do que em 2012. Estes números demonstram o crescimento forte e sistemático do uso da internet e redes sociais no país. Segundo as pesquisadoras do observatório, as causas para estes índices podem ser a disseminação das tecnologias de acesso, dos serviços de banda larga e a tecnologia 3G e os pacotes oferecidos pelas operadoras.

No Brasil, o telespectador está se “tornando cada vez mais multitela: 88% dos internautas assistem à TV e navegam na internet ao mesmo tempo por *smartphone* (65%), computador (28%) ou *tablet* (8%)”. (LOPES e GRECO, 2016, p. 139).

Vem crescendo a participação dos brasileiros na rede. Em 2015, Lopes e Gómez (2016, p. 75) destacam que a telenovela *Império* (Globo) obteve 18,9 milhões de impressões<sup>22</sup> no *twitter*, 560 mil *tweets* e 133 mil autores participando e comentando sobre a narrativa. “Durante cinco semanas, essa ficção permaneceu como assunto mais comentado na internet”.

Para Lopes e Greco (2016), é a ficção seriada que ocupa o primeiro lugar no ranking dos assuntos mais comentados no *twitter* no Brasil, seguida pelos *reality shows*. No ano de 2015, na lista das 20 maiores publicações e comentários na plataforma, foram as telenovelas *Verdades Secretas* (Globo) e *Império* (Globo) que mais obtiveram *tweets* e impressões.

---

<sup>21</sup> Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva

<sup>22</sup> O número total de impressões corresponde a quantidade de vezes em que o termo foi realmente visto pelo usuário na internet. Significa a em termos quantitativos o quanto ele foi “impactado” pelo conteúdo. O Obitel recolhe os dados cedidos pela *Kantar Ibope Media*.

*Império* figurou entre os dez assuntos mais comentados durante cinco semanas, muitas delas coincidindo com a fase final de sua exibição, em meados de março de 2015. *Verdades Secretas*, por sua vez, esteve nesse ranking durante 15 semanas, considerando que foi exibida de forma integral em 2015. Em termos quantitativos, notamos que esse título alcançou um total de 26,5 milhões de impressões no *twitter*, 481 mil audiências únicas, 1,4 milhões de *tweets* (menções) e 173 mil autores únicos a reverberarem esse assunto na penúltima semana de setembro [...]. (LOPES e GRECO, 2016, p. 161)

Diante desses dados, justificamos o uso da ferramenta *twitter* para campo de investigação, visto que, conforme descrito por Lopes e Greco (2016), é considerável e notável a importância desta ferramenta como espaço de compartilhamento de conteúdo e como espaço para “conversas” sobre ficção.

Baseamos esta escolha, também, no que Fachine (2014) chama de "sofá estendido", visto que são classificações de conversas interpessoais que acontecem no espaço off-line e que agora migram, também, para o on-line. São temas que estão presentes no laço social, no dia a dia das pessoas e pautam discussões.

#### 4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO: COLETA, SISTEMATIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

Esta seção tem como objetivo justificar e mostrar como ocorreu a coleta dos dados, as formas como eles serão sistematizados e categorizados.

##### 4.1.1 Procedimentos iniciais da análise de conteúdo

Bardin (2011) define a análise de conteúdo como um método que apresenta um conjunto de técnicas para a verificação das várias formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte.

Para esta tese, optamos por utilizar este suporte metodológico, visto estarmos diante de manifestações discursivas a respeito do objeto de estudo. Com a análise de conteúdo, foi possível construirmos categorias de análise, oportunizando aberturas para novas aplicações, conforme as necessidades do analista e dos objetivos traçados na investigação.

Neste método, destaca Bardin (2011, p. 37), não há um instrumento pronto, há "um leque de apetrechos" e que podem ser adaptáveis a um vasto campo de aplicação, principalmente no das comunicações.

Não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, 2011, p. 36).

Com base nesta colocação, seguimos algumas regras pontuadas pela autora, mas adaptando alguns critérios para análise, conforme explica Bardin (2011), ao relatar que o analista, dependendo da complexidade do código, necessita de um esforço maior para a elaboração de técnicas novas. Propusemos a seguir a base da análise de conteúdo, adaptando e sugerindo classificações significativas para a pesquisa.

Para que pudéssemos chegar à etapa da categorização, optamos por seguir as etapas propostas pela autora. O primeiro caminho realizado foi a *leitura flutuante*<sup>23</sup> dos dados, elemento importante na pré-análise. Nesta observação, ocorre o primeiro contato com o objeto analisado, fase explicada no método exploratório, permitindo observar suas impressões e orientações. "Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos." (BARDIN, 2011, p. 126).

Após esta leitura, partimos para a *escolha dos documentos*, ou seja, dos materiais a serem investigados, orientados pelo que Bardin (2011, p. 126) classifica de *constituição de corpus*. "O *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos". A autora explica que para a escolha desses é necessário estabelecer algumas regras de seleção. Para esta tese, escolhemos seguir com a *regra da exaustividade*, que consiste em levar em conta todo o *corpus* selecionado, não deixando de fora qualquer elemento.

Como dito, o campo de análise da pesquisa consiste na observação dos comentários publicados no *twitter*. Como *corpus* selecionado, teremos as menções na ferramenta sobre as telenovelas *Cambalacho* e *Laços de Família*.

---

<sup>23</sup> Estarão em itálico os termos empregados pela autora e que na obra *Análise de Conteúdo*, de 2011, também se vê desta forma.

*Cambalacho* foi exibida no Brasil em 1986 e conta a história de dois protagonistas que fazem seus "trambiques" para ganhar a vida e sustentar os filhos adotivos de Leonarda Furtado, protagonista da trama. Com algumas histórias paralelas, em situações engraçadas, fizeram da narrativa um grande sucesso no horário das 19 horas na Rede Globo (MEMÓRIA GLOBO, 2015A).

Também na Rede Globo, exibida no ano de 2000, *Laços de Família* apresentava relações amorosas e familiares, em especial entre pais e filhos e o amor incondicional de uma mãe que fez de tudo para salvar sua filha com leucemia (MEMÓRIA GLOBO, 2015B).

Para esta pesquisa, optamos em delimitar a investigação nas telenovelas, por serem essas um forte produto cultural (WOLTON, 1996) e ocupar lugar de destaque na programação do canal. São sempre quatro produções, exibidas a partir das 23h45min (horário nobre da emissora) e reprisadas, na sequência, após às 14h30min. Segundo estudo feito por este pesquisador, em maio de 2015 foi constatado que é a teledramaturgia que mais aparece quando investigados os índices de frequência, dentre os títulos que formam a grade de programação (BRESSAN JUNIOR e COSTA, 2015). A figura a seguir expõe este resultado.

Figura 4 - Nuvem de palavras da programação Viva



Fonte: Bressan Junior e Costa (2015).

Entre *Cambalacho* e *Laços de Família* são 14 anos de intervalo. Levamos em consideração para a análise este espaço de tempo e por terem sido exibidas na década de 1980

e na década dos anos 2000. Dessa forma, conseguimos obter um direcionamento na análise dos dados e saber se há diferença nas lembranças diante do tempo de exibição. Outro aspecto que justifica a escolha dessas duas obras é o fato de apresentarem temáticas e gêneros diferentes. *Cambalacho* é uma comédia que foi exibida às 19 horas e *Laços de Família*, um drama familiar contado às 21 horas. Verificar pontos que possam ser comuns ou não entre elas tornam-se necessários para a pesquisa.

Foram estudadas as publicações a partir do ano de 2015, ano em que o Viva completou cinco anos de exibição. Esta seleção ocorreu em virtude deste doutorando estar acompanhando e monitorando as postagens desde agosto de 2015, permitindo, assim, a coleta dos dados desde a estreia, tendo em mãos, dessa forma, o *corpus* selecionado.

A coleta dos dados aconteceu até março de 2016, tempo suficiente para obter as informações para a finalização da análise. Na tabela abaixo, visualizamos a data da estreia de *Cambalacho* e *Laços de Família* no Brasil, assim como a data de término e o ano em que ela foi exibida na Rede Globo de Televisão pela primeira vez. Dessa forma, conseguimos traçar a construção do *corpus* da investigação.

Tabela 3 - Datas de estreia e término das telenovelas no Canal Viva, a partir de 2015

<i>Título da Telenovela</i>	<i>Data da estreia</i>	<i>Data de término</i>	<i>Horários de exibição</i>	<i>Ano de exibição na Rede Globo</i>
<i>Cambalacho</i>	24 de agosto de 2015	12 de março de 2016	01h45min com reprise às 14h30min	1986
<i>Laços de Família</i>	29 de fevereiro de 2016	29 de outubro de 2016	00h00min com reprise às 13h30min	2000

Fonte: Elaborada pelo autor (2015).

Como explicado anteriormente, acompanhamos as publicações no *twitter* na primeira semana de estreia. Além disso, conseguimos medir as falas de uma programação exibida há 29 anos (*Cambalacho*) e há 15 anos (*Laços de Família*).

A quantidade de postagens varia e dificilmente apresenta o mesmo número, o que resulta no processo de coleta de dados a ser explicada a seguir. Como costumam ser muitos os *tweets* sobre as telenovelas, consideramos suficientes duas produções para a conclusão da pesquisa.

#### 4.1.2 Sistematização e ferramenta para a coleta dos dados

A sistematização de coleta e análise de dados é essencial para o pesquisador, justamente por proporcionar uma rotina de trabalho e um fluxo importantes para que possam ser observados os pontos coletados.

O primeiro processo aconteceu em agosto de 2015, quando contratamos a ferramenta *Grid Monitoramento* para a coleta dos dados desejados. O *Grid* é um software utilizado pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, local de trabalho deste estudante, que funciona como um monitor em sites de redes sociais e que permite a busca de termos chave no *twitter*.

Após a liberação de *login* e senha no sistema, colocamos como busca, no dia 15 de agosto de 2015, a expressão "*Cambalacho*". Primeiramente, optamos somente por este termo para efeito de teste e para averiguar se estaríamos no caminho correto para o recolhimento das informações<sup>24</sup>.

O sistema captura, na íntegra, foi de todas as postagens que continham a expressão desejada, identificando dia, horário, nome do perfil do usuário e link para visualização do *post*. Além disso, oferece alternativas para a classificação da mensagem, podendo ser positiva, negativa, neutra e não se aplica.

---

<sup>24</sup> A partir de outubro de 2015 os outros termos, nomes das outras telenovelas, foram inseridos na ferramenta para a busca dos tweets.

Figura 5 - Funcionamento da ferramenta Grid



Fonte: Capturada e editada pelo autor (2015).

A figura acima mostra como aparecem os *tweets* e como podemos buscá-los através dos filtros. Nessa ilustração, optamos em anonimizar os perfis coletados, seguindo normatizações éticas da pesquisa, como explicado posteriormente. Neste exemplo, a coleta ocorreu de 15/08/2015 a 30/09/2015, totalizando 6.733 postagens, dado ilustrativo e com o intuito de explicar o funcionamento da plataforma.

Como se trata de um software elaborado para o monitoramento de termos que interessam à Universidade, há itens que são utilizados para identificar, de várias formas, as mensagens postadas. Para esta tese, optamos em dispor somente das opções de classificação positiva, negativa, neutra e não se aplica.

Cadastramos o termo *Laços de Família* para coletar os dados na semana do dia 15 de fevereiro de 2016, para que no dia da estreia, dia 29, pudéssemos ter a certeza de que os dados foram coletados.

A partir deste ponto, iniciamos o método exploratório. Como não sabíamos o que estava sendo dito pelos telespectadores no *twitter* a respeito dos termos, exploramos a menção

"*Cambalacho*"<sup>25</sup> para nos mostrar alguns direcionamentos das postagens. Então, selecionamos o período e classificamos os *tweets* em positivas, negativas e neutras, primeiramente.

### 4.1.3 Critérios para a categorização dos dados

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo consiste em mostrar indicadores, podendo ser quantitativos ou qualitativos, o que permite o conhecimento das condições de produção e recepção das mensagens. O primeiro indicativo consiste na exibição quantitativa dos números de publicações, para que, a partir disso e após a *leitura flutuante* dos comentários, possamos construir as categorias de análise. Apresentaremos, inicialmente, os dados em números e em tabelas, seguidos da abordagem qualitativa.

A categorização, Bardin (2011) explica, é constituída pela classificação de elementos formados por um conjunto de elementos diferenciados, que são reagrupados por gênero (analogia), com os critérios definidos previamente. As categorias são, apresenta a autora (2011, p. 147), "rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns desses elementos".

Bardin (2011) defende que os critérios para categorização podem ser semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos, adjetivos), léxicos (sentido das palavras, sinônimos) e expressivos (categorias que expressam conflitos diversos da linguagem). A importância de classificar estes elementos se dá, segundo a autora, pela proximidade que possam ter. Por isso, o agrupamento permite ver partes comuns entre eles.

Nesta tese, optamos pela categorização semântica, no sentido de estabelecer categorias temáticas e, a partir disso, estudá-las, conforme os elementos que aparecerão no discurso dos telespectadores ao comentar sobre *Cambalacho* e *Laços de Família*.

A primeira separação ocorreu na ação exploratória dos dados, separando por ordem semântica as falas positivas, negativas, neutras e não se aplica. Como o próprio *software*, o *Grid Monitoramento*, disponibiliza esta separação inicial, aproveitamos para agrupar conforme o sentido semântico apresentado nos comentários. Nesta primeira classificação, seguimos o que Bardin (2011) fala sobre as escolhas semânticas que constituem o conteúdo do material analisado.

---

<sup>25</sup> O termo *Cambalacho* serviu como teste exploratório e para dar direcionamento às categorias de análise.

Dessa forma, as frases que expressam um sentido favorável foram agrupadas na classificação *positiva* e, em *negativa*, as que são contrárias, que apresentam uma insatisfação. Como *neutras*, identificamos as falas que não apresentam aceção a favor ou contra, são comentários não enquadrados nesta relação de contra ou a favor, por isso não serão analisadas.

Abaixo, apresentamos uma tabela com as principais palavras que possam ocorrer e direcionar essas divisões, seguindo a proposta semântica de Bardin (2011) para as classificações Positivas e Negativas.

Tabela 4 - Exemplo de termos para menções positivas e negativas

<i>Classificações</i>	<i>Exemplos dos termos semânticos</i>
Positivos	Demais, Bom, Saudade, Ótimo, Mais, Parabéns, Melhor, Amo, Maravilhoso, Gosto, Amo, Risada.
Negativos	Ruim, Pouco, Mudar, Não, Feio, Lenta, Antipático, Chato, Detesto, Perder.

Fonte: Elaborada pelo autor (2015).

Como forma de "limpar" os dados, na opção *não se aplica*, agrupamos os *tweets* vindos de veículos de comunicação e outros portais da internet especializados em notícias sobre a programação de televisão. Como não temos interesse em saber o que está sendo dito por este segmento, desconsideramos estas postagens. Outras não aplicadas serão os comentários que contêm as menções pesquisadas, mas que não fazem parte do contexto da fala do telespectador sobre o programa e sobre os canais.

Justificamos os primeiros agrupamentos pela importância de entender a relação da postagem com o termo analisado. Dessa forma, é possível compreendê-lo de forma quantitativa e qualitativa, ou seja, conseguimos visualizar a quantidade de expressões positivas, negativas ou neutras e as suas conexões com a memória afetiva e teleafetiva em relação à programação do Canal Viva.

A pesquisa bibliográfica, além de apresentar os conceitos necessários para a elaboração da investigação, auxilia na construção das outras categorias aplicadas na AC<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Análise de Conteúdo

Na fundamentação teórica, apresentamos alguns conceitos importantes para se estabelecer os critérios de análise. Dentre eles, os que direcionam a elaboração das categorias de análise descritas no quadro a seguir:

Tabela 5 - Resumo dos conceitos

- Para Izquierdo (2011) a memória é aquisição, conservação, formação e evocação de informações. Só se adquire o que aprende e se registra. A evocação é também recordação, lembrança e recuperação. Só é possível lembrar o que foi “gravado”.
- Vimos que com Bergson(1999) que a memória se manifesta na relação corpo e matéria, ou seja, o conjunto de imagens reconhecidas pelo corpo, e que, através dele, constitui-se a memória, com as percepções e lembranças dos objetos.
- Em Halbwachs (2003), percebemos a formação da memória em função do grupo de referência dentro de uma conexão coletiva. Mesmo possuindo lembranças individuais, a coletividade tem papel essencial na produção das lembranças, e há lugares que, ao serem revisitados, preenchem vazios esquecidos no cérebro.
- Para Pollak (1992), estamos constantemente diante de personagens e lugares que proporcionam um reencontro com o passado e que existe uma memória “herdada” e “vvida por tabela”.
- A afetividade, segundo Le Breton (2009), configura-se em um conjunto de acontecimentos significativos, tanto de ordem pessoal, quanto coletiva, e os grupos que nos cercam estabelecem o tipo de função emocional que possuímos e como vivemos no mundo.
- Para Wolton (1996), a televisão é imagem e laço social; sua força está na união das experiências individuais e coletivas ao igualar ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, cultos e não cultos.
- A TV é socializadora, segundo Ferrés (1998), porque ativa nos telespectadores emoções despercebidas e a faz ser um dos mais importantes meios de comunicação.
- Para Cannito (2010), uma das funções da televisão é criar espaços de debates públicos e identidades, por possuímos uma recepção e participação coletiva.
- A TV como tecnologia de ebulição é um dos conceitos de Orozco (2014), visto que, na excitação, encontramos as expectativas dos telespectadores em relação ao que é exibido.
- Em Fechine (2014), evidenciamos que a televisão possibilita um sentido de presença com a programação, um efeito de acesso imediato ou de estar junto com os outros telespectadores e com o mundo. Outro termo é o conceito de "sofá estendido", atribuído ao ato de comentar sobre a programação na internet, em sites de redes sociais. As conversas sobre a programação não ficam mais em casa e em grupos presenciais.

- Scolari (2014) nos apresentou a hipertelevisão. Para o autor, estamos na era da hipertelevisão por presenciarmos a adaptação de programas aos ambientes midiáticos exibidos na internet, os quais permitem interações.

- Em Cádima (2014), a pós-televisão permite interatividade, ubiquidade, imersão, hibridez, matricialidade e remediação. Configura uma lógica participativa, biunívoca, imersiva e criativa, como também (1996) o “não-lugar”, as hibridações e as discursividades.

Fonte: Elaborada pelo autor (2015).

Consideramos necessário retomar esses conceitos para reforçarmos as categorizações de análise dos dados coletados e apresentados posteriormente. Observando todos eles, podemos relacioná-los a algum tipo de experiência adquirida e vivida. As lembranças são resultados de experiências que fazem parte de uma memória. As vivências em grupos, responsáveis pela recordação, também consistem ações experimentadas, assim como o ato de assistir TV, sozinho, acompanhado ou tweetando<sup>27</sup> pela internet. Todos decorrem de experimentações. Por isso, agrupadas em categorias se enquadram como Experiências Coletivas, Experiências Individuais e Experiências Afetivas, por demonstrar algum tipo de sentimento e emoção.

Além disso, foi preciso estudar o que os telespectadores vêm postando, os tipos de comentários, o que mais falam e os direcionamentos positivos e negativos, para que, a partir deste ponto, possamos enxergar se há, na relação do comentário, alguma lembrança ou não.

Após este agrupamento, elaboramos outras classificações para que pudéssemos aproveitar todos os dados. Nesse sentido, consideramos os conceitos apresentados anteriormente. Sendo assim, classificamos as postagens em cinco grupos de expressões que remetem a uma ação típica de uma conversa, que expressam sentimentos e que caracterizam a ação de comentar sobre a programação em sites de redes sociais.

Isso foi necessário para se iniciar um processo de categorização. Não seria possível categorizar de olhos fechados. Foi importante explorar o que estava sendo dito nos posts e organizá-los.

---

<sup>27</sup> Não utilizaremos em itálico a palavra tweetando, por ser uma junção de uma nomenclatura estrangeira e brasileira e ser utilizada de forma “aportuguesada” no Brasil.

Tabela 6- Quadro das classificações elaboradas com o método exploratório

<i>Classificação</i>	<i>Tipo de Comentário</i>	<i>Características</i>
Classificação 1	Ativação	Falas dos telespectadores que remetem a solicitações ao Canal Viva. Trata-se de um sujeito ativo, que manifesta seu desejo nas redes sociais.
Classificação 2	Satisfação / Insatisfação	Elogios e críticas a respeito das personagens, dos atores e atrizes, como também da parte técnica da telenovela.
Classificação 3	Diversão	Ironia, sátira, brincadeiras e deboches sobre as personagens, atores, atrizes e situações narradas na história, bem como a reprodução das falas das personagens na telenovela. Nota-se o divertimento do telespectador em relação ao que está assistindo.
Classificação 4	Recordação	Falas que destacam a saudade e a lembrança de algo que foi evocado a partir da telenovela exibida.
Classificação 5	Informação	Telespectadores que anunciam o início e o término da história e /ou ao que está assistindo no momento do <i>tweet</i> , mas que não formulam frases, não se encaixando nas outras classificações. A fala acontece como se tivessem deixando recados.

Fonte: Elaborada pelo autor (2015).

No entanto, optamos por só analisar as falas positivas e negativas, por apresentar um sentido semântico que interessa ser investigado e observado, visando aos objetivos geral e específicos desta pesquisa.

Como apresentado na **I**ntrrodução, para esta tese, traçamos:

- Objetivo Geral:

Analisar como é constituída a memória afetiva dos telespectadores do Canal Viva no Brasil.

- Objetivos Específicos:

Analisar o perfil do telespectador que assiste ao Canal Viva;

Analisar os elementos da memória dos telespectadores encontrados nos comentários em sites de redes sociais e que são capazes de justificar a audiência;

Verificar como ocorre a aceitação da programação do Canal pelo público jovem, tendo em vista que esses que não assistiram à primeira exibição do programa no canal aberto (Rede Globo).

Defendemos a tese de que há uma memória afetiva do telespectador e que essa consiste em um recurso necessário para o sucesso da audiência entre um público que já assistiu uma programação e aquele que a vê pela primeira vez, mesmo que estejamos vivendo em um tempo de pós-televisão, no qual presenciamos a conectividade, convergência, hibridiz e participação, justamente porque o passado e as recordações evocadas pela televisão trazem uma nostalgia que agrada e satisfaz ao espectador.

A tabela a seguir demonstra a relação de cada categoria elaborada com os conceitos base apresentados na sessão 4.1.3, tabela número 3 – Resumo dos Conceitos.

Tabela 7 – Distribuição de conceitos base para as categorias

<b>Conceitos embaadores</b>	<b>Categorias</b>
- Izquierdo (2011): memória é aquisição, conservação, formação e evocação de informações. Só é possível lembrar o que foi “gravado”.	Categoria 4 – Recordação Categoria 1 - Ativação
- Bergson (1999): memória, corpo e conjunto de imagens.	Categoria 4 – Recordação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação
- Halbwachs (2003): memória coletiva, grupos de referências e lugares revisitados.	Categoria 4 – Recordação Categoria 1 - Ativação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação
- Pollak (1992): memória herdada, vivida por tabela, personagens e lugares para o reencontro com o passado.	Categoria 4 – Recordação Categoria 1 - Ativação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação
- Le Breton (2009): acontecimentos significativos, de ordem pessoal ou quanto coletiva, que direcionam funções emocionais.	Categoria 1 – Ativação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação Categoria 3 – Diversão Categoria 4 - Recordação
- Wolton (1996): a televisão é imagem e laço social, sua força está na união das experiências individuais e coletivas.	Categoria 1 – Ativação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação Categoria 3 – Diversão Categoria 4 – Recordação Categoria 5 - Informação

- Ferrés (1998): TV como socializadora, ativadora de emoções.	Categoria 1 – Ativação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação Categoria 3 – Diversão Categoria 4 – Recordação Categoria 5 - Informação
- Cannito (2010): televisão como espaços de debates públicos e de identidades, por possuir uma recepção e participação coletiva.	Categoria 1 – Ativação Categoria 3 – Diversão Categoria 5 - Informação
- Orozco (2014): TV como tecnologia de ebulição, excitação das expectativas dos telespectadores em relação ao que é exibido.	Categoria 1 – Ativação Categoria 5 - Informação
- Fechine (2014): programação, sentido de presença e sofá estendido.	Categoria 1 – Ativação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação Categoria 5 - Informação
- Scolari (2014): hipertelevisão, adaptação de programas aos ambientes midiáticos exibidos na internet, que permite interações.	Categoria 1 – Ativação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação Categoria 3 – Diversão Categoria 4 – Recordação Categoria 5 - Informação
- Cádima (2014): pós-televisão, interatividade, ubiquidade, imersão, hibridez, matricialidade e remediação. Lógica participativa, biunívoca, imersiva e criativa.	Categoria 1 – Ativação Categoria 2 – Satisfação / Insatisfação Categoria 3 – Diversão Categoria 4 – Recordação Categoria 5 - Informação

Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

Visando aos objetivos e à tese construída para a pesquisa, consideramos necessário, além das pontuações positivas e negativas, analisarmos com mais detalhes o conteúdo das falas classificadas no grupo 4 - Recordação. Portanto, apresentamos na análise uma seção própria para esta categoria. Desta forma, visualizamos quais elementos aparecem nestes comentários e quais estão interligados com as questões da memória e da afetividade.

Optamos por separar em subcategorias temáticas quando percebemos um grande número de falas classificadas nos grupos. Os assuntos foram separados e agrupados conforme os temas que surgiram nas postagens. Assim, *posts* sobre alguma personagem, por exemplo, ficaram restritos a uma subcategoria. Não foi possível definir anteriormente essas divisões. Somente com o início da análise é que elas foram demarcadas.

Entretanto, dentro destas subcategorias apresentamos os principais *tweets*, considerando os sentidos semânticos apresentados. A partir de uma leitura flutuante e

exploratória, foi possível visualizar um número grande de postagens e que, ao ser agrupado, estabelece significados próximos.

De posse dessas classificações, iniciamos a coleta, distribuição, tratamento e classificação dos dados.

#### 4.1.4 Coleta dos dados

A organização da coleta dos dados aconteceu sempre após a primeira semana de estreia do programa. Dessa forma, averiguamos o funcionamento dos dados e providenciamos cópias do material em arquivos.

Como recorte, optamos por sete dias, ou seja, uma semana, para cada programa selecionado. As menções no *twitter* foram capturadas do primeiro ao sexto dia após a estreia. Isso em função de percebermos, com a *leitura flutuante*, uma expectativa maior dos telespectadores neste período, ao reviver as cenas de uma narrativa acompanhada há tempos atrás. Preferimos capturar as falas nestes primeiros reencontros, proporcionadas pelo *déjà vu*<sup>28</sup>, para ver o "redesenho", quadro de lembranças formado.

Como justificativa para esta escolha, por exemplo, no mês de setembro, a assessoria do Canal Viva, de acordo com o portal Gazeta do Povo (2015), divulgou que algumas de suas novelas tiveram grandes taxas de engajamento nas redes sociais e que levaram as *hashtags* oficiais para *trending topics*<sup>29</sup>, principalmente em épocas de estreias e retas finais. Esse movimento do telespectador provoca a mediação e a repercussão das novelas nas redes sociais (GAZETA DO POVO, 2015).

Para esta investigação, transcrevemos os termos descritos no *twitter* de cada telenovela selecionada para análise, conforme tabela a seguir.

---

<sup>28</sup> Termos utilizado no referencial teórico por Bergson e Halbwachs ao tratar das concepções da memória.

<sup>29</sup> Palavra estrangeira traduzida como tendência, mas que em Português é utilizada como recurso de popularidade no *twitter*, que significa "assuntos do momento".

Tabela 8 - Período para a coleta dos dados no *twitter*

<i>Programa</i>	<i>Termo pesquisado</i>	<i>Período de coleta dos dados</i>
<i>Cambalacho</i>	<i>Cambalacho</i>	24 a 29/08 de 2015
<i>Laços de Família</i>	<i>Laços de Família</i>	15/02 a 20/03 de 2016

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Outro ponto que justifica a escolha de seis dias é que "fecha" a semana de exibição de uma telenovela. Elas iniciam na segunda-feira e terminam no sábado. Culturalmente, temos este fluxo horizontal na programação televisiva.

A classificação e o tratamento dos dados ocorreram sempre na semana posterior à coleta realizada pela ferramenta *Grid*, que possibilitou exportar os dados para uma planilha de Excel, na qual é possível ler todos os comentários e agrupá-los. Na opção AutoFiltro, é permitido separar o *corpus* em grupos *positivos*, *neutros*, *negativos* e *não se aplica*, sendo que esses últimos não são analisados.

Dentre esses, identificamos os *tweets* de acordo com o tipo de classificação, podendo ser *Ativação*, *Satisfação/Insatisfação*, *Diversão*, *Recordação* e *Informação*. Fizemos isso para o grupo das falas *positivas*, *negativas* e *neutras*, dentro da planilha do Excel. Dessa forma, foi possível contabilizar e analisar posteriormente. O conteúdo da postagem permanece na íntegra na planilha.

A figura a seguir demonstra visualmente como ocorreu a classificação dentre as cinco categorias. Na planilha visualizamos por coluna os itens:

- a instituição, neste caso, o termo pesquisado;
- a mídia, ferramenta *twitter*;
- usuário, o nome do perfil no *twitter*, anonimizado para esta demonstração;
- data e hora da coleta do *tweet*;
- polaridade, primeira classificação, ainda realizada no Grid Monitoramento, pode ser atribuída ao sentido semântico de positiva, negativa, neutra e não se aplica. Neste exemplo, para ilustração, realizamos um filtro das postagens positivas;
- original, que faz um link com a postagem publicada no *twitter*;
- mensagem, que traz o comentário publicado;

- e classificação, na qual numeramos o tipo de categoria da mensagem, a saber: 1 para Ativação, 2 para Satisfação / Insatisfação, 3 para Diversão, 4 para Recordação e 5 para Informação

Figura 6 – Ilustração visual de como aparecem, no Excel, as mensagens a serem categorizadas

A	B	C	D	E	F	G	H
Instituição	Midiá	Usuario	DataHora	Polaridaç	Original	Mensagem	Classificação
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:43	Positiva	VerOriginal	RT @wesleylra: Esse é um dos melhores personagens ?da @gio_antonelli. Que cabelo é esse, minha gente Lindo!! #LaçosdeFamília	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:34	Positiva	VerOriginal	!!!!!!Amo esses dois juntos!!!!!! Helena e Edu	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:30	Positiva	VerOriginal	Trilha sonora perfeita! #LaçosDeFamília	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:24	Positiva	VerOriginal	Lembro q gostava muito dessa personagem de Debora Secco nessa novela. #LaçosDeFamília	4
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:23	Positiva	VerOriginal	!Tempo das boas trilhas sonoras Deborah Blando	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:20	Positiva	VerOriginal	?? O esplendoroso Haras Pegasus	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:02	Positiva	VerOriginal	LaçosDeFamíliaNoVIVA #LaçosDeFamília#	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:20	Positiva	VerOriginal	!!Dona Nenê não envelhece... Chocado	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:00	Positiva	VerOriginal	Deborah Secco... Sempre linda!!!!!! #LaçosdeFamília	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 23:00	Positiva	VerOriginal	Amando a reprise de #LaçosDeFamília	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 22:58	Positiva	VerOriginal	Pense numa novela boa #LaçosdeFamília	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 22:58	Positiva	VerOriginal	Uma tia como a Alma não é de se desprezar, não. Larga mão de ser besta! #LaçosDeFamíliaNoVIVA	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 22:55	Positiva	VerOriginal	...O maquiador da Vera Fischer arrasava nessa época	2
Laços de Família	Twitter	[REDACTED]	20/02/2016 22:55	Positiva	VerOriginal	Maquiagem bapho!!!!!! #LaçosdeFamília	2

Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

Por questões éticas, na exposição dos dados, ao ser retirado da planilha, serão anonimizados os perfis, evitando a identificação do telespectador. Não é objetivo desta tese analisar a identidade deste público, mas o conteúdo de suas falas na rede envolvendo o Canal Viva.

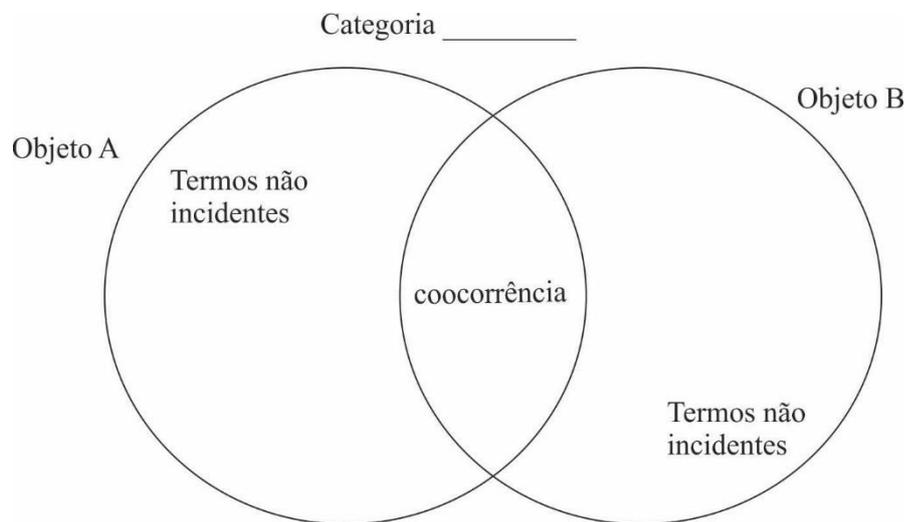
Categorizadas as falas dos telespectadores, aplicamos a *análise das relações*, explicada por Bardin (2011, p. 259), que objetiva "extrair do texto as relações entre os elementos da mensagem, ou mais exatamente, dedica-se a assinalar as presenças simultâneas", dentro de uma relação de associação, projetando a frequência de aparição dos elementos significativos para análise do conteúdo.

Essa frequência só é possível medir com a *análise das coocorrências* escritas pela autora, nas quais discute que, "quanto maior for a frequência dos elementos, maior será a sua importância, a coocorrência (ou a não coocorrência) de dois ou mais elementos revelaria a associação ou dissociação no espírito do locutor". (BARDIN, 2011, p. 260).

Apresentamos as coocorrências baseadas em um dos desenhos apresentados por Bardin (2011) sobre “esquemas de núcleos de relações”. Consideramos ser válido o uso de uma representação gráfica semelhante, adaptando-a conforme a necessidade para esta tese.

Os elementos entre os círculos, pertencentes aos dois objetos, serão comuns entre os comentários dos telespectadores. Para cada categoria proposta, foi aplicada *essa* descrição visual. Como explicado anteriormente, esta investigação analisa o conteúdo das postagens por um viés semântico. Dessa forma, as coocorrências foram observadas pelos verbos, adjetivos e expressões semânticas.

Figura 7 – Modelo gráfico da aplicação dos termos coocorrentes

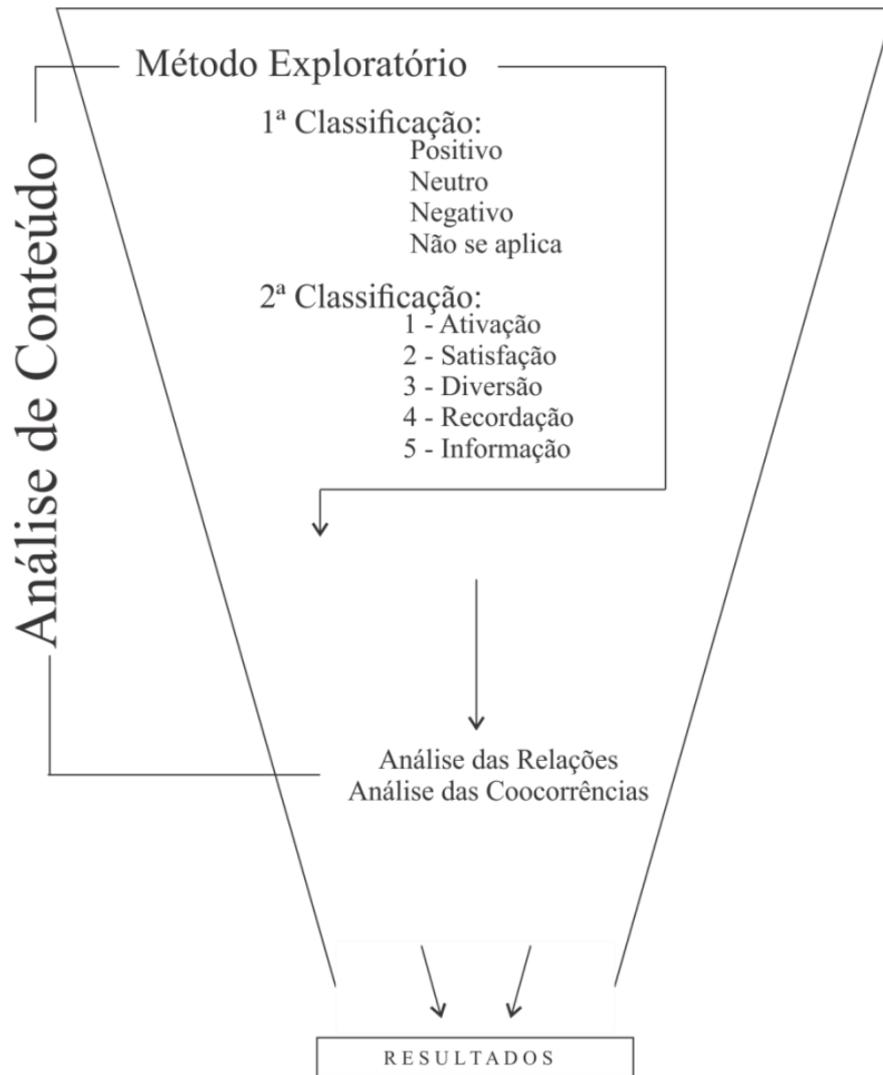


Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

Pela coocorrência verificamos os elementos que constituíram as falas dos telespectadores, categorizadas nas experiências coletivas, individuais e afetivas.

Para resumir e tornar de fácil acesso à visualização dos procedimentos metodológicos para esta tese, elaboramos a seguinte representação visual:

Figura 8 - Desenho Metodológico



Fonte: elaborada pelo autor (2015).

A figura ilustra a semelhança com um copo, onde o fundo é mais estreito e a abertura superior maior. Apresentamos visualmente o procedimento metodológico desta tese justamente por compreendermos as opções traçadas neste capítulo como algo que vai se "estreitando". Começamos com o exploratório, classificando os primeiros dados, até chegar à análise das relações e das coocorrências, fundamentados pela análise de conteúdo de Laurence Bardin.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise a seguir possui como objetivo aplicar os procedimentos metodológicos traçados para esta tese e analisar os dados coletados.

Serão apresentados os dois objetos em sessões separadas, pontuando dados estatísticos em relação à coleta dos *tweets* e à análise de conteúdo dos comentários.

Iniciaremos com a análise das postagens da telenovela *Cambalacho*.

### 5.1 PRIMEIRA ANÁLISE - *CAMBALACHO*

No total, tivemos 1.771 *tweets* com a menção *Cambalacho*. Desses, seguindo a sistematização apresentada nos procedimentos metodológicos, 502 foram desclassificados por não terem relação com a telenovela ou por se tratar de postagens realizadas por veículos de comunicação. A proposta desta tese é analisar as “falas”<sup>30</sup> dos telespectadores. Por isso, excluimos essas postagens. Os demais 1.269 agrupamos conforme apresentado na tabela a seguir.

Tabela 9 - Classificação dos *tweets* na 1ª coleta com o termo *Cambalacho*

<i>Classificação</i>	<i>Número de Tweets</i>
Desconsiderados	502
Positivos	269
Negativos	67
Neutros	933

Fonte: Elaborada pelo autor (2015).

Seguindo o caminho metodológico traçado, os 1.295 *tweets* foram categorizados e separados em positivos, negativos e neutros e, posteriormente, separados em cinco grupos definidos após leitura exploratória realizada dos dados, conforme mencionado. A composição

---

<sup>30</sup> Utilizaremos a palavra “falas” entre aspas por considerar ser um conversa do telespectador na rede.

e classificação dos dados, neste primeiro bloco de análise, para melhor visualização, apresentamos da seguinte forma:

Tabela 10 - Dados quantitativos das categorias: positivos, negativos e neutros sobre *Cambalacho*

<b>Classificação</b>	<b>Tipo de Comentário</b>	<b>Número de Tweets</b>
Positivos	Classificação 1 – Ativação	12
	Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação	193
	Classificação 3 – Diversão	49
	Classificação 4 – Recordação	10
	Classificação 5 – Informação	5
		Total: 269 tweets positivos
Negativos	Classificação 1 – Ativação	11
	Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação	50
	Classificação 3 – Diversão	2
	Classificação 4 – Recordação	0
	Classificação 5 – Informação	4
		Total: 67 tweets negativos
Neutros	Classificação 1 – Ativação	6
	Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação	9
	Classificação 3 – Diversão	717
	Classificação 4 – Recordação	23
	Classificação 5 – Informação	178
		Total: 933 tweets neutros

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Os dados nos mostram alguns sentidos nos comentários dos telespectadores no *twitter*. Notamos que há um número menor de menções negativas, o que é bom para o canal. Os comentários mais citados estão no grupo das frases neutras.

A seguir, visando saber o que os telespectadores falam sobre a telenovela *Cambalacho*, analisamos os comentários das classificações positivas e negativas. Como explicado na metodologia, importa para nós vermos o que é dito de bom e de ruim pelo público nas cinco classificações e no grupo das falas neutras. Analisamos somente as postagens da categoria 4 - Recordação.

Esta seção apresenta dados quantitativos e indicativos visando a atingir aos objetivos traçados na pesquisa. É subdividida em duas partes: 1 - Análise das falas positivas e negativas; e 2 - Análise das falas da Recordação.

Como mencionado, os perfis foram anonimizados. Por isso substituímos o nome por *nonnononono*. Deixamos somente quando o telespectador se referiu ao Canal Viva, utilizando @canalviva. Consideramos importante essa percepção, visto que se refere a uma conversa direcionada ao canal.

### 5.1.1 Análise dos comentários positivos e negativos

Este item, na análise, ofereceu como resultado as principais discussões sobre o que pensam e o que estão dizendo os que assistem *Cambalacho* e postam na rede as suas “falas”. Como explicado nos procedimentos metodológicos, essa parte exhibe alguns pontos, mostrando as principais temáticas desse conteúdo.

#### 5.1.1.1 Comentários positivos

No contexto positivo, dos 269 *tweets*, o que mais apareceram foram falas destacando a satisfação do telespectador. A maioria elogiando e comentando sobre como é bom assistir a telenovela, falando bem das atuações de atores e atrizes.

Para poder exibir todas as manifestações, consideramos necessário criarmos, dentro das categorias de análise, subcategorias, apresentando, por temas, os assuntos discutidos em cada grupo. Essas subcategorias só foram possíveis serem agrupadas com o início da análise, visto que fazem parte de uma investigação quantitativa sobre o conteúdo publicado.

Tabela 11 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 1 - Ativação

Subcategorias / Temas apresentados	Número de <i>tweets</i>
Pedidos solicitando outras telenovelas da década de 1980	11
Pedidos para trocar o horário de <i>Cambalacho</i>	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Nessas manifestações, o que percebemos são elogios ao Canal em reprisar *Cambalacho*, mas, ao mesmo tempo, mostram-se ativos e solicitam outras narrativas próximas a este período.

*@canalviva Mais tramas dos anos 80 por favor. Geral amando #Cambalacho*<sup>31</sup>

*RT @Nononono: @canalviva parabéns viva pela estreia de #Cambalacho que venham outras novelas anos 80!*

*Que 1º capítulo ágil! Demais @canalviva a escolha de Cambalacho... e que venham outras tão boas desta época de ouro da tv.*

*@canalviva melhor novela da TV foi Cambalacho outra que vcs poderiam reprisar e "Brega e chique" de Cassiano Gabus Mendes seria uma boa*

Percebemos palavras que valorizam a história, como: "amando", "parabéns", "ágil", "demais" e "melhor". Evidenciamos a preferência por telenovelas do mesmo período, ao escreverem "mais", "anos 80," "que venham", "época de ouro" e "seria uma boa".

Nessa relação, comprovamos que o público busca o que quer assistir. Dessa forma, é necessário entendermos suas expectativas para compreendermos o futuro da televisão, como observado por Wolton (1996).

O Canal Viva cumpre sua função como canal segmentado, exibindo conteúdo para um público que deseja ver uma programação já assistida em tempos atrás. A TV segmentada, para Wolton (1996), gera uma desigualdade social por oferecer algo que não é comum a uma grande massa. Mesmo vivendo na era da hipertelevisão, como explicado por Scolari (2014), temos acesso aos conteúdos adaptáveis e criados para um ambiente midiático, que é constituído por interações e em rede.

Continuamos com a televisão aberta para um grande público e com os canais restritos. Mas mesmo os telespectadores obtendo acesso aos novos ambientes midiáticos, como os dispositivos móveis e a programação *on demand*, nem todos os conteúdos da TV segmentada estão disponíveis para o livre acesso.

Isso não nos impede de analisarmos o telespectador como um ser ativo e que busca suprir sua necessidade diante do que quer assistir na televisão, confirmando que estamos constantemente diante de uma "tecnologia em ebulição", como dito por Orozco

---

<sup>31</sup> Os *tweets* serão apresentados na íntegra, como publicado no twitter, em itálico e em destaque no texto de análise, com o recuo de parágrafo 2 cm, fonte *times new roman*, tamanho 12. Quando for necessário reescrevê-lo durante o texto em que o estaremos discutindo, apresentaremos em aspas.

(2014). Os anseios demonstrados remetem a questões antigas, de busca ao passado. Das 12 falas enquadradas em ativação, 11 foram solicitando outras produções, também antigas.

O Viva, diante destes números, consegue averiguar estrategicamente o que fazer para conseguir audiência. Consideramos que, além de uma memória afetiva do telespectador, há nas postagens uma correlação com a memória teleafetiva, dado que, a partir de uma programação que volta ao passado, as experiências emocionais são evocadas por um lugar, a TV, que manifesta um sentimento. O desejo pelas telenovelas antigas faz perceber o Canal como um local propício para isso.

Percebemos, assim, que são "lugares" (HALBWACHS, 2003) que desejam ser revisitados. Por demonstrar esses desejos, analisamos que se tratam de locais que emanam sentimentos e que configuram uma época com acontecimentos importantes na vida desses sujeitos. Ribeiro, Fuso e Bueno (2006) explicam que há maiores recordações em circunstâncias com fortes cargas emotivas, diferente dos eventos emocionais considerados neutros.

Estes dados expõem a importância das recordações, das lembranças e da memória constituída pelos receptores. Como explicado por Bosi (1994), o ato de lembrar não consiste em reviver, mas refazer e reconstruir, com as recordações e com as imagens e ideias de hoje, as experiências que vivenciamos no passado. O telespectador, ao parabenizar o canal e ao mesmo tempo solicitar que outras produções deste período venham a ser exibidas, ativa sua memória, reconstruída no tempo presente, e, em função dela, expõe um pedido, o de revistar esses lugares.

A classificação 2, Satisfação / Insatisfação, mostrou um número maior de comentários.

Tabela 12 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de tweets</b>
Elogio para a telenovela (história)	111
Elogio para as personagens da telenovela	60
Comentários sobre a telenovela ter alcançado o <i>trending topics</i> do <i>twitter</i>	09
Frases que descrevem que estão rindo de alguma cena ou situação da telenovela	05
Referência aos anos de 1980	04
Elogio sobre a trilha sonora da telenovela	03

Elogio sobre os efeitos de transição de cenas na telenovela	03
---	----

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Como se observa, a maioria elogia a história de *Cambalacho* e as personagens que compõem o enredo. Percebemos a satisfação presente nos *posts*, quando separamos expressões que levam a este sentido, como "obra-prima", "amo", "bom", "divirto", "legal", "adorei", "aprovou" e "surpreendendo", mostrando que há uma valorização da história.

*RT @nononono: #Cambalacho é obra-prima e um dos embriões das grandes comédias televisivas.*

*natália se despindo em uma novela. já amo #Cambalacho*

*Como é bom poder rever Cambalacho no @canalviva. Delícia de novela, me divirto muito!*

*não entendo porra nenhuma dessa música de abertura, mas acho legal #Cambalacho*

*RT @nononono: Praticamente 100% da TL aprovou e vem se surpreendendo com #Cambalacho. Sucesso. Parabéns @canalviva!*

*Agora fiquei com mais vontade em ver as outras novelas do Silvio de Abreu dos anos 80. #Cambalacho*

*Adorei a primeira semana de #Cambalacho, delícia de novela*

*Só uma pessoa muito de mal com a vida pra não gostar de #Cambalacho rs  
<https://t.co/P9qt1qm7tU>*

Vimos nessas frases uma relação bastante sentimental, que comprova a relação inadvertida por Ferrés (1998), diante das emoções proporcionadas pela experiência televisiva. Para o autor, elas incidem sobre a racionalidade e somos seduzidos de forma não consciente. A satisfação expostas nos 111 comentários elogiando a narrativa mostra-nos que *Cambalacho* traz sentimentos importantes para quem assiste. Esses dados são significativos, porque expressam elogios, independente das lembranças passadas pela história. Além disso, 60 comentários são para as personagens, o que direciona a força emocional desses também para o enredo.

Outro ponto, que podemos relacionar com que Orozco (2014) fala sobre ser espectadores, é que a TV ensina a assisti-la. Boa ou ruim a programação, o telespectador está

diante dela. Dá opinião sobre o que vê e o que aprova ou não. Assim como, manifestar o interesse em outras narrativas de Silvio de Abreu e relacionar que só uma pessoa de mal com a vida para não gostar de *Cambalacho* reforçam esta valorização.

Nesse grupo, alguns comentários foram sobre a expressão *#Cambalacho* ter alcançado o *trending topics* do *twitter*. Os telespectadores demonstraram-se satisfeitos em ver tantas menções na rede social. Há uma participação interativa nos dispositivos móveis, envolvendo o público, que, segundo Orozco (2014), permite que esse não seja só receptor, repetidor e crítico, mas criador de um conteúdo. Ao postar um comentário, uma fala sobre a história, ele participa inserindo algo que é seu, uma produção livre, todavia baseada em algo visto na televisão.

*Praticamente 100% da TL aprovou e vem se surpreendendo com #Cambalacho. Sucesso. Parabéns @canalviva!*

*Pelos comments da minha taime, #Cambalacho tá bem avaliada.*

*Sabe o que é tão bom quanto assistir a reprise de Cambalacho? Comentar com os amigos sobre a novela no zapzap! #Cambalacho #noveleira*

*RT @nononono: Bacana ver TL reunida com #Cambalacho à tarde e também à noite.*

*Sim, é disso que a gente gosta! Tanto que #Cambalacho já entrou para os TT's <https://t.co/7MwQyq0oHx>*

As falas acima reforçam o que diz Fachine (2014) sobre a *SocialTV*. Para a autora, a televisão, com as redes sociais, reúne as pessoas fora das suas casas. Não dividimos somente nossas conversas sobre a programação no sofá da sala. Pelos números alcançados na primeira semana de exibição, confirmamos o conceito de sofá estendido, explicado pela autora.

O fato de um programa de televisão estar entre os *trending topics* no *twitter*, ainda mais de um canal fechado, mostra a participação considerável da audiência do Canal Viva que assiste e quer falar sobre ele.

Chama a atenção que esses comentários mostram a satisfação dos telespectadores em ver a menção *Cambalacho* na rede e a aceitação dele no *twitter*. Há neste processo um compartilhamento daquilo que estamos assistindo. Eles querem mostrar e vibrar em comum. Neste ponto, podemos pensar que o laço social também pode acontecer na TV segmentada, de forma não anônima.

Para poder aparecer no *trending topics*, é necessário que um grande número de usuários comente sobre o mesmo termo. Isso comprova a visão sociológica de Wolton (1996) sobre a televisão, visto que, nesses *tweets*, visualizamos que o consumo, individual, parte para uma ação coletiva, estabelecendo um elo entre o indivíduo e comunidade. Estar entre os termos mais comentados na rede em determinado horário significa que os telespectadores consomem sozinhos uma programação. Contudo, por estar no *twitter*, a coletividade é reforçada.

Uma aprovação de 100% na *time line*, mostra que tão bom quanto assistir é comentar na rede. *Cambalacho*, ao ser avaliada de forma positiva nos comentários postados, reforça a proposta de Wolff (2015), quando explica que a convergência e o acesso aos dispositivos digitais levam mais televisão para a televisão. Nesse sentido, vimos que os telespectadores levam para a programação do Viva um conteúdo externo, fora do Canal, mas interligado à programação.

Ainda sobre a classificação Satisfação / Insatisfação, consideramos importante mostrar as falas que fazem referência aos anos de 1980.

*RT @nononono Cambalacho super atual 29 anos depois #Cambalacho*

*Anos 80 ? + humor das novelas do Silvio de Abreu = #Cambalacho Amando! (:*

*Rosamaria Murtinho viveu muito tipos bacanas nas novelas das 19h dos anos 80... Jogo da Vida, Vereda Tropical, #Cambalacho...*

*Acho super sexy mulher de cabelo curto, ainda mais nos 80's. #Cambalacho*

A partir dessas postagens, podemos relacionar alguns sentidos voltados à memória do telespectador. Eles destacam a aprovação pela história e trazem lembranças do período em que *Cambalacho* foi exibida pela primeira vez. Nessa perspectiva, novamente presenciamos uma memória afetiva por parte do telespectador, ao rememorar afetos (alegria, amor e satisfação) por estar diante da programação, que fez surgir um sentimento.

Uma das características da hipertelevisão (SCOLARI, 2014) é que as narrativas são em tempo real. Nesta categoria, Satisfação / Insatisfação, expuseram comentários paralelos sobre as preferências de uma audiência que vê e revê *Cambalacho*. Ao lermos estas falas, visualizamos um sentido que não está na telenovela. O leitor da internet, que não acompanha o Canal Viva, defronta-se com "histórias" paralelas construídas por uma audiência que expõe suas memórias afetivas.

Como nestes comentários não foram apresentados elementos que direcionassem a algum tipo de recordação, podemos refletir que também possa haver telespectadores que assistem pela primeira vez a telenovela. O fato de abordar os "anos 80" pode vir de uma lembrança, como também por testemunhos exteriores (HALBWACHS, 2003) ou por discursos e representações advindos de um contexto social, pelos grupos de referência. A memória coletiva, diz Huyssen (2000), é contingente e instável, é sujeita a reconstrução. Por isso, mesmo aqueles que não acompanharam *Cambalacho* em 1986 podem reunir traços que evoquem algum tipo de sentimento em relação à telenovela.

As percepções obtidas por esses sujeitos fazem com que ocupem um espaço na consciência, diz Bosi (1994) e, com isso, o passado se faz presente pela memória. São percepções, também, que divertem o telespectador, conforme pontuado nas subcategorias a seguir.

Tabela 13 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 3 - Diversão

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de tweets</b>
Comentando que estão se divertindo e rindo com a telenovela	29
Comentando ações de personagens	17
Reproduzindo frases ditas por personagens	02
Referência aos anos de 1980	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Nesse conjunto, notamos que as cenas e as personagens pautaram a fala do telespectador. Alguns até representaram as suas risadas com expressões do tipo "hahahahaha" e "kkkk", comuns no meio virtual.

*Os biscateiros! hahahahaha #Cambalacho*

*Rindo com Dona Celeste sensualizando pra Antero. Kkkkkk #Cambalacho*

*Gegê já tramando o próximo #Cambalacho hahahaha*

*Haha rindo com a mulher tentando sensualizar para Antero #Cambalacho*

*Gente, como é bom. Não paro de rir #Cambalacho*

O sentimento de alegria despertado pela telenovela nos mostra, novamente, o *twitter* como "palco" para conversa sobre o que se vê na televisão. A TV segmentada consiste na relação do "estar junto". Esses sentimentos são sempre cristalizados com maior intensidade, explica Le Breton (2009). As personagens de *Cambalacho* causam esse efeito e as risadas refletem essas emoções.

Para Ferrés (1998), é preciso que tenhamos consciência das consequências advindas da experiência televisiva. O riso consiste em uma reação emocional ativada, que mobiliza alguma ação. O telespectador, ao assistir *Cambalacho* e as atuações das personagens, tem nas imagens a "força", o *punch*, como definido por Ferrés (1998), na produção de sentimentos.

Podemos pensar no humor como uma estratégia importante para conquistar a audiência, visto que, na categoria Diversão, dos 49 *tweets* enquadrados nesse grupo, 29 comentaram estar se divertindo com as cenas da telenovela e 17 com as ações das personagens. Notamos, então, que a TV pode ser considerada, como dito por Wolton (1996), um aparelho que satisfaz e frustra o telespectador. Neste caso, ocorreu uma satisfação positiva das cenas e imagens visualizadas. Wolton (1996) explica que ela é companheira em nossas solidões e, desta forma, estar "acompanhado" por algo que nos faz bem é essencial e provoca bem estar.

Não classificaremos neste espaço o grupo 4 - Recordação, pois esta categoria merece uma análise mais detalhada para a busca dos sentimentos e afetos na memória dos telespectadores. Assim sendo, o grupo 4 será apresentado a partir da seção 5.1.2.

Nas falas enquadradas como informação, na classificação 5, percebemos todas as pessoas anunciando a telenovela *Cambalacho* e convidando para assisti-la.

Tabela 14 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 5 - Informação

Subcategorias / Temas apresentados	Número de <i>tweets</i>
Anunciando ou convidando a assistir <i>Cambalacho</i>	05

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Expressões do tipo "imperdível", "vamos ver", "chegou o dia", "daqui a pouco" e "hoje começa" demonstram a função dos indivíduos em comunicar a história. São frases carregadas de sentido positivo.

*YARA AMARAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAL!!! IMPERDIVEL O PROXIMO CAPITULO!!! #Cambalacho*

*Vamos ver quantos atores maravilhosos perdemos #Cambalacho*

*ADOROOOOOOOOOOOOOOOOOOOO Viva, chegou o dia! Emoticongrin #Cambalacho estreia às 14h30, e você pode comentar o... <http://t.co/b3LI0mGp7z>*

*Você me incendeia... Coooooorre que daqui a pouco tem a diva @reginacase #TinaPepper em #Cambalacho no @canalviva! <https://t.co/3jGU7FkLTI>*

*Hoje começa Cambalacho? Acabou minha carência por novelas e volto a ter um rumo na minha vida! Uhu!*

Evidenciamos o valor significativo dado ao canal. Um dos telespectadores descreve que, com a estreia de *Cambalacho*, terá um novo rumo na vida. Há um sentimento importante pelo fato de assistir à teledramaturgia, especificamente *Cambalacho* e de que mudará sua forma de encarar o dia a dia. Consiste numa reflexão sobre a função da telenovela e o prazer de (re)assistir. Vimos na frase um valor atribuído a alguma lembrança positiva e sentimental.

Estes pensamentos rememorativos, explica Huyssen (2000, p. 57), dão forma aos elos entre os sujeitos, com o seu passado. "Os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro". Podemos, isso posto, refletir sobre a maneira como observamos esses telespectadores. Enxergamo-os como um sujeito que exalta o retorno aos tempos antigos, em razão do valor significativo dado a eles.

Nos telespectadores, presenciamos que a memória comentada, por mais individual que possa ser, é afetada pelos vínculos sociais. A memória afetiva só pode ocorrer na junção da intuição sensível com os elementos do pensamento social. A alegria, a dor, a raiva, o prazer, são manifestações que a sociedade mostra.

Estas combinações resultam em uma espécie de força, que transforma o sujeito ao trazer alguma lembrança do passado. Em mais um ponto, percebemos o Canal Viva, um veículo de televisão fechada, provocando uma socialização em sites de redes sociais.

Na próxima seção, apresentaremos as temáticas e subcategorias das falas consideradas negativas.

#### 5.1.1.2 Comentários negativos

Na primeira classificação das falas negativas, vimos a insatisfação do telespectador em relação ao horário de *Cambalacho*, a qualidade da imagem e a ausência da execução de uma das trilhas sonoras.

Tabela 15 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 1 - Ativação

Subcategorias / Temas apresentados	Número de <i>tweets</i>
Reclamação em relação ao horário de <i>Cambalacho</i>	09
Reclamação com a qualidade da imagem	01
Reclamação por não ter tocado ainda uma das trilhas da telenovela	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Foram 09 comentários solicitando a troca de horário na exibição de *Cambalacho*. Observamos o desejo do telespectador em poder acompanhar a história. Um dos posts, "Se o @canalviva muda seus horários com facilidade, que tal inverter #*Cambalacho* e *Fera Ferida* também? É pedir muito? hahaha", foi retweetado<sup>32</sup> por três perfis, o que demonstra a apropriação de uma fala, que concorda com a manifestação do espectador.

*@canalviva Parem de adiantar Cambalacho. Nunca dá certo minha gravação*

*@nononono @nonono @canalviva amo Cambalacho mas o horário e tardio. Pra quem trabalha é impossível.*

*Na verdade no horario de #feraferida devia passar #Cambalacho uma pena n?  
@nononono @nonononono*

*Se o @canalviva muda seus horários com facilidade, que tal inverter #Cambalacho e Fera Ferida também? É pedir muito? hahaha*

<sup>32</sup> Assim como explicado na expressão tweetando, não utilizaremos em itálico, também, a palavra retweetado, por ser uma junção de uma nomenclatura estrangeira e brasileira e ser utilizada de forma "aportuguesada" no Brasil.

*@nononono @nononono @nononono não sei pq não invertem Fera Ferida com Cambalacho. Eu agradeceria*

*@canalviva .Oi o Horário da Cambalacho ta MT ruim p mim q trabalho, 14:30 e reprise 01:00 vcs pretendem mudar?*

Dentre esses comentários negativos, chama a atenção a ativação do telespectador ao reclamar do horário. Eles querem poder assistir e desejam construir sua grade de programação. Comprova a visão de Wolton (1996) sobre as experiências coletivas e individuais em virtude da grade de programação. Assim, podemos analisar que, para esses telespectadores, a mudança de horário da exibição de *Cambalacho* altera um dos primeiros fundamentos ditos pelo autor sobre o fluxo de programas, o de ser relógio da vida cotidiana.

Mesmo em tempos de televisão *on demand*, TV Digital, em que conseguimos agendar e gravar nossas preferências, alguns optam por assistir de forma tradicional ou não têm acesso ainda a tais recursos. Esse "relógio" ainda "funciona". Na visão de Fechine (2014), essa organização é que estabelece o sentido de presença. Os programas, mesmo gravados ou ao vivo, levam-nos a um tempo real, de "acesso imediato".

O fato de solicitarem a inversão de *Fera Ferida* com *Cambalacho* demonstra que querem assistir, não gravado ou depois, mas no momento em que está sendo exibida. Isso é estabelecer "presença" e coloca os telespectadores em uma ação do *aqui* e do *agora*, instaurando um sentido de *estar com* (FECHINE, 2014).

Neste aspecto, percebemos que, mesmo apresentando alguns pontos negativos em relação à telenovela e ao Canal Viva, há uma relação afetiva dos telespectadores. Almejam poder assistir a narrativa pela televisão. Mesmo em um tempo de convergência e conectividade, há esta preferência demonstrada por alguns telespectadores. Como explicado por Cannito (2010), é inquestionável a importância da TV. Toda tecnologia proporcionou o acesso a novos gêneros e formatos, mas o conteúdo da televisão predomina.

Outros dois telespectadores falam sobre a qualidade da imagem e sobre não tocar a música "Perigosa", tema de Natália do Valle.

*hoje ainda não tocou perigosa cadê o hino? #Cambalacho*

*Meu, a qualidade do vídeo de #Cambalacho fica muito ruim às vezes. Parece filmagem de VHS com fita velha... Um restauro digital faria bem.*

Sobre a diferença da qualidade de exibição com o que temos hoje, é normal, uma vez que *Cambalacho* foi gravada em 1986. A mudança de tecnologia para produção na teledramaturgia vem mudando constantemente. No entanto, consideramos que esse tipo de reclamação não interfere na audiência e aceitação do público pelo programa, mas altera a aceitação de como está sendo exibido. Cannito (2010) explica que, com os padrões de qualidade de imagem conquistados com as transmissões em HD, tanto em filmes ou séries, iremos buscar cada vez mais esse padrão técnico de qualidade de imagem. Por isso, a percepção do telespectador pela diferença em relação aos padrões atuais fica evidente. *Cambalacho* foi exibida em 1986 e, portanto, não havia os recursos mais sofisticados da contemporaneidade.

Mesmo assim, destaca o autor, as condições de produção não liquidam a composição estética da televisão. O telespectador sempre irá assisti-la, independentemente de ter alta definição ou não.

Consideramos a distinção propícia para o Canal Viva, visto ser a sua proposta nos levar ao passado, com histórias que também expressam nostalgia, de nos fazer assistir TV como antes. Essas diferenças nas transmissões podem evocar uma memória afetiva ao trazer de volta o contexto da imagem sem alta definição, parecendo um VHS, uma "imagem velha", conforme mencionado no comentário.

A mesma relação se tem com a trilha sonora. Consideramos uma fala negativa por apresentar a palavra "não". No entanto, remete a uma expectativa do sujeito em ouvir a música. Nessa parte, avaliamos os comentários negativos que solicitam algo para o Canal. Dentro da classificação 2, identificamos 48 *tweets* pontuando outros tipos de descontentamento.

Tabela 16 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de <i>tweets</i></b>
Crítica à estrutura técnica e a telenovela	24
Crítica e reclamações para o Canal Viva	14
Crítica e comentando mal sobre roupas e aparências	09
Crítica à outra telenovela do canal	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

A maioria deste público se mostra decepcionado com algum item da estrutura técnica da telenovela ou com o próprio enredo contado em 1986.

*que primeiro capítulo ruim, cara de 300° #Cambalacho*

*Já deixou colocarem essa novela no youtube, não em um site ruim #Cambalacho*

*quase anos 90 e ainda usam esses efeitos ruins #Cambalacho*

*As externas de #Cambalacho parem ser feitas com câmeras dos anos 70. A qualidade é muito ruim. Ou é minha TV?*

*Meu pai vê uma novela maio feia aqui kkkk Cambalacho*

Qualidade de imagem, efeitos ruins e ritmo do capítulo foram algumas das críticas pontudas pelos telespectadores. As outras seguem neste caminho, assim como as direcionadas às atrizes Natália do Valle e Suzana Vieira e ao ator Maurício Mattar. As falas nos mostram que são telespectadores que possuem outra perspectiva ao assistir à telenovela e que, provavelmente, a audiência consiste em um público mais jovem.

*Natalia, não dá pra você fazer a paulista com esse carioques todo não, filha #Cambalacho*

*Odeio Susanão fazendo a trouxa #Cambalacho*

*Não suporto as personagens da Natália do Valle. É muita lengalenga e um ar de antipática... #Cambalacho*

*Mauricio Mattar estava feio nessa novela mds #Cambalacho*

Percebemos, ao mesmo tempo, a frustração que a TV proporciona, como explicado por Wolton (1996). Além disso, as falas expressam questões negativas sobre a história e ao Canal e que fazem pensar no telespectador como um adversário da televisão, visto que, para Wolton (1996), é difícil entender o que o satisfaz, por exemplo.

É preciso, como dito pelo autor, compreender o caminho e a fragmentação. Mesmo em um canal fechado, no qual a procura é segmentada, há essa incerteza pontuada por Wolton (1996). Esta é a grande força do meio. Com isso, comprovamos que, mesmo ao expressar uma filosofia individualista, como defendida pelo autor, há um público ativo que manifesta o que quer e o que gosta de assistir. Consiste em um dos sucessos assinalados por

Wolton (1996) da TV fechada, o de proporcionar a liberdade individual de poder escolher o que quer, reforçando uma participação ativa e não passiva.

Analisamos esses pontos também como favoráveis, no sentido de que frustração e satisfação estarão sempre entre as emoções vivenciadas pelos telespectadores e, deste modo, a TV interfere de forma inadvertida em nossos comportamentos. Para Ferrés (1998), ela incide sobre a racionalidade e seduz sem que prestemos atenção. Tanto em canais abertos quanto nos fechados, vivenciamos essas situações contraditórias.

Na análise positiva, vimos muitos manifestarem suas opiniões em favor da telenovela. Nas negativas, a questão técnica, a atuação dos atores e suas características interferem nessas opiniões.

Um fato importante são as críticas realizadas às roupas e aparência da época.

*cabelo horrível e esse monte de pano e laço #Cambalacho*

*essas roupas terríveis! #Cambalacho*

*anos 80 só existia roupa feia! Pqp! #Cambalacho*

*Pura palha de milho p cabelo da Joana Fomm em #Cambalacho*

Temos nestas falas aspectos negativos de situações que já foram vividas em 1986. Roupas e tipos de cabelos mudam de acordo com as tendências e a moda do momento. Há nos comentários a relação complexa do ser humano explicada por Ferrés (1998). Para ele, somos contraditórios e nossas emoções entram em conflito, muitas vezes, por inconsciência. Desta forma, analisamos o telespectador como este ser que sofre alterações, tanto uns com os outros, como consigo mesmo.

Rever as roupas e cabelos usados na época da primeira exibição de *Cambalacho*, hoje, evocam reações negativas, porém em 1986 não produziam. Revisitar o passado produz esses efeitos. Tanto a nostalgia quanto considerar feio podem ser elementos que atravessam o tempo e refazem sentimentos. As emoções do *déjà vu* aparem nessa função socializadora (FERRÉS, 1998), assim como o laço social (WOLTON, 1996), ambas com uma nova carga.

Consideramos que o laço social explicado por Wolton (1996) se manifesta na TV fechada e nos sites de redes sociais por comprovar que há uma teia invisível que une as pessoas ao assistir e comentar sobre a programação. Na internet, o laço passa a ser visível, na medida em que conseguimos quantificar e identificar as pessoas que assistem, curtem e comentam.

Tabela 17 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 3 - Diversão

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de <i>tweets</i></b>
Fala da personagem	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Na classificação 3, identificamos somente um comentário que reproduz a fala da personagem Andréia, de Natália do Valle:

*SEU VELHO IDIOTA #Cambalacho*

A frase é exatamente igual à da história, referindo-se ao marido Antero, assassinado capítulos depois. As manifestações de reprodução do que a personagem diz é um processo visto na *SocialTV*, pelo fato de nos mostrar leituras de cenas que estão sendo exibidas, transpondo as conversas para fora de casa, saindo do sofá em frente à TV, como explicado por Fachine (2014).

As redes também servem para "brincadeiras" com a televisão, de reproduzir falas, mostrando que o telespectador está online, acompanhando a programação, fazendo parte da coletividade.

No último grupo, percebemos os apelos negativos ao informar algo sobre a telenovela.

Tabela 18 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 5 - Informação

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de <i>tweets</i></b>
Reclamando porque não assistiu <i>Cambalacho</i>	05

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Foram somente cinco *tweets* apresentando a chateação do telespectador por não ter assistido *Cambalacho*.

*Tô arrasada, perdi a novela hoje! ? #Cambalacho*

*Sou tão anta que quando vou ver já tá terminando! Aff #Cambalacho*

*PORRA<sup>33</sup>, mais uma vez eu perdi #Cambalacho*

*NÃO ACREDITO QUE TO PERDENDO #CAMBALACHO*

*Eu vou perde Cambalacho e eu to bem mal*

Dentre as falas que trazem este contexto estão "arrasada", "perdi", "anta" e "mal", todas anunciando na rede sua insatisfação. No entanto, isso mostra, insatisfação com as próprias ações dos internautas, ou seja, se tivessem assistido ao capítulo, certamente suas falas seriam outras, ou então nem comentariam na rede. Novamente uma relação afetiva com *Cambalacho*. Há uma busca por um prazer, por uma satisfação. Não percebemos elementos que direcionam alguma recordação, mas uma manifestação e um sentimento preenchido pelo programa.

Nestas conversas notamos novamente a função da programação de estabelecer um sentido de presença, como destaca Fachine (2014), e que proporciona, de acordo com Wolton (1996), experiências coletivas e individuais.

As experiências televisivas podem oferecer efeitos que aparentemente são inofensivos e que, na visão de Ferrés (1998), consistem no efeito placebo. Há uma manifestação emocional nessas falas. Mostram que estão chateados, arrasados e atribuem para si adjetivos negativos pelo fato de terem "perdido" a telenovela.

Publicar este mal estar em sites de redes sociais confirma o que diz Fachine (2014) a respeito da ideia do fim da televisão, pelo menos da tradicional. Para a autora, esses compartilhamentos revalorizam a programação televisiva pelo fato de os telespectadores publicarem no *facebook* ou *twitter* conteúdos sobre ela, expondo o prazer de comentar suas preferências. O público quer participar desta coletividade e expor o que sente. As novas tecnologias e a *SocialTV* irão proporcionar cada vez mais este processo.

Como visto por Veron (2007), o telespectador converteu-se em usuário e a televisão não está mais centrada em si mesma. Vimos que o público pede pela programação, pelo horário e, mesmo possuindo conteúdo *on demand* à disposição, ele quer, pelo menos alguns apresentaram esta preferência, acompanhar a programação televisiva em tempo real e

---

<sup>33</sup> Como explicado no início do capítulo da análise, optamos em reescrever na íntegra o *tweet* do telespectador, incluindo expressões populares, de baixo calão.

comentar sobre ela. A questão pode ser relacionada ao dizer de Carlón (2014), que, independente da fase em que a TV se encontra, existe uma crise na programação que é mais complexa, convergente e divergente ao mesmo tempo, em função das novas mídias. Algumas emissoras, inclusive o Canal Viva, dispõem de recursos para que acompanhem a programação em qualquer horário, como o *Viva Play*. No entanto, as telenovelas não estão disponíveis no aplicativo<sup>34</sup>.

As falas neutras, conforme explicado nos procedimentos metodológicos, não foram analisadas, mas somente o item recordação, que, para esta pesquisa, é relevante por trazer elementos das memórias dos telespectadores.

A seguir, a seção 5.1.2 aprofunda as discussões sobre as lembranças postadas na rede social.

### **5.1.2 Análise dos comentários da Recordação**

Como explicado na sessão acima, apresentamos os comentários dos telespectadores enquadrados na classificação 4 - Recordação, visto que, para esta tese, utilizamos recordação e lembrança como sinônimos. São elas as fontes para a constituição da memória e local onde percebemos a ação dos afetos e das emoções. Seguimos a definição de Izquierdo (2011) que diz: a memória é aquisição, formação, conservação e evocação de algo. A evocação consiste em recordar, lembrar e recuperar.

Obtivemos um total de 33 falas que correspondem a algum tipo de memória do telespectador. Consideramos necessário pontuar que os *tweets* se encontram classificados como positivos (10 comentários) e neutros (23 comentários). Como nenhum aparece na categorização negativa, pode ser um caminho para compreendermos que a lembrança exposta do telespectador na rede social não traz consigo elementos de negatividade. Há uma satisfação em lembrar algo ao assistir uma programação. Isso demonstra novamente que há uma relação da memória afetiva pela telenovela *Cambalacho*, impedindo comentários negativos sobre a narrativa.

As primeiras percepções que obtivemos, com a separação dos dados neste primeiro bloco de análise, diz respeito à relação de saudade que encontramos nas falas dos

---

<sup>34</sup> Até dezembro de 2015, período de finalização desta parte da análise, este recurso ainda não era disponível para as telenovelas. Em meados de 2016 o *Viva Play* passou a reproduzir todos os programas do canal.

telespectadores. "Infância", "saudades", "retorno", "lembranças", "saudosa", "nostalgia" e "retorno" são algumas das expressões que aparecem nos comentários.

*Vamos vê #Cambalacho @canalviva novelas da minha infância!  
#FernandMontenegro #Guarnieri #MarioLago #NataliaDoValle #Perigosa  
#TinaPeper*

*RT @nononono: Tava aqui assistindo #Cambalacho e bateu uma sdds tão grande de vcs q doeu mais que unha encravada. Precisei aparecer pra man?*

*Tava aqui assistindo #Cambalacho e bateu uma sdds tão grande de vcs q doeu mais que unha encravada. Precisei aparecer pra mandar um abraço ?*

*RT @nononono: Sdds desse visu anos 80 ?? #Cambalacho #CambalachoNoViva*

*Ver #Cambalacho traz uma nostalgia tão gostosa daquele tempo.*

*@nononono @VivoNoViva delícia, né? #Cambalacho promovendo o retorno dessas lembranças.*

*Saudade dessas vilãs caricatas #Cambalacho*

*Saudosa Consuelo Leandro @canalviva #Cambalacho*

*Quantos atores saudosos e maravilhosos em #Cambalacho ...:)*

*Que trilha sonora gostosa de #Cambalacho Saudades*

O primeiro *tweet* descreve que *Cambalacho* fez parte da sua infância e diz que irá assistir a história, citando e marcando com *hashtags* os nomes dos atores, personagens e música tema de Natália do Vale, *Perigosa*.

Como 'saudade' aparece nas falas, consideramos uma palavra que traz apelos positivos para essas análises. Saudade de um conhecido, como no *tweet*: "Tava aqui assistindo #Cambalacho e bateu uma sdds tão grande de vcs q doeu mais que unha encravada. Precisei aparecer pra mandar um abraço ?" e " RT @nononono: Sdds desse visu anos 80 ?? #Cambalacho #CambalachoNoViva".

Nesses exemplos, percebemos que a memória evocada com a telenovela trouxe lembranças de algo vivido. Ao rever as cenas, o primeiro comentário relata lembranças de quando o telespectador era criança. No segundo, ao comparar a saudade com uma dor sentida, leva-nos a entender uma memória emocional que foi resgatada, retomada com o que foi assistido. No terceiro, a saudade do visual, das roupas e estilos dos "anos 80". São argumentos

que comprovam haver uma memória teleafetiva, por manifestarem afetos e sentimentos recuperados diante da televisão.

Izquierdo (1989) destaca que há algo em comum em todas as memórias: a conservação do passado pelas representações e imagens. A telenovela, ao ser reprisada no Canal Viva, evidencia esse direcionamento. *Cambalacho* traz questões comuns evocadas pela experiência televisiva.

Dois outros comentários também apresentam apelos emocionais e convocam uma satisfação positiva ao lembrar o passado. Ao analisarmos as falas: "Ver #Cambalacho traz uma nostalgia tão gostosa daquele tempo." e "@Nononoon @nonononodelícia, né? #Cambalacho promovendo o retorno dessas lembranças.", notamos a sensação de prazer ao reviver recordações com a história de *Cambalacho*. Um chega a direcionar a conversa para dois perfis, propondo um diálogo sobre como é gostoso relembrar com a telenovela.

Há nesta análise um equilíbrio perturbado pelas imagens, segundo Ferrés (1998), ao visualizarmos que as cenas exibidas na telenovela trouxeram uma conexão entre o passado e os sentimentos que tiveram ao relembrar desta época. As imagens, para o autor, dão um sentido e se conectam com algum sentimento.

No caso do Viva, todas as imagens irão proporcionar essa conexão, de fazer uma relação com a memória e encarar novos afetos inadvertidos em função de rever o passado. É a força socializadora da TV, na medida em que, ao relembrar, o público que volta a assistir exhibe pela primeira vez para outros o sentimento de nostalgia com o que vê.

Le Breton (2009) destaca que os afetos são importantes para manter a relação do homem com o mundo e que as emoções permanecem na propagação de acontecimentos do passado e do presente. Para o autor, o fato de lembrarmos algo sempre traz consigo algumas questões emocionais. Nesses *tweets* ficou claro o prazer pelo retorno de algumas lembranças.

Outras saudades que apareceram, "Saudade dessas vilãs caricatas #Cambalacho", "Saudosa Consuelo Leandro @canalviva #Cambalacho", "Quantos atores saudosos e maravilhosos em #Cambalacho ... :)" e "Que trilha sonora gostosa de #Cambalacho Saudades", nos mostram uma relação de afeto com alguns artistas que morreram, com a vilã da história e com as músicas da telenovela. As expressões "saudosa", "marvilhosos" e "gostosa" reforçam este sentimento afetivo.

As manifestações obtidas por recordações nos fazem analisar que certamente a memória destes telespectadores é coletiva, conforme explicado por Halbwachs (2003). Para ele, nossas lembranças são acionadas por outros, mesmo quando estamos sozinhos. Não é necessário que outras pessoas estejam conosco, materialmente, no momento da lembrança.

Esta participação em grupo ultrapassa a presença física, está associada a outras maneiras de "estar junto". Halbwachs (2003, p. 31) destaca que para recordarmos de algo não são necessários testemunhos "no sentido literal da palavra".

O que observamos nesses comentários dos telespectadores são memórias repletas de saudades e nostalgia, que certamente se formaram no contexto coletivo. Mesmo se um deles estivesse assistindo *Cambalacho*, em 1986, sozinho, em sua sala de estar, haveria uma coletividade presente naquele contexto. Os grupos de referência poderiam não estar fisicamente no local com estes indivíduos, mas haveria uma ligação que construiu um pensamento e, com isso, uma memória.

Da mesma forma, ao reassistir a telenovela, esses telespectadores lembraram-se de atores, de personagens e de músicas, o que comprova que a memória é sempre coletiva. Há outras pessoas envolvidas nisso. Pode não ser somente os grupos de convívio próximo, mas também os profissionais que fazem parte da televisão. A TV passa a ser um elemento que está presente na memória coletiva das pessoas.

As personagens da telenovela exercem uma função essencial na reconstrução da memória dos telespectadores. Elas também fazem parte da percepção que evoca a lembrança de um tempo vivido.

*Tá passando #Cambalacho no Viva, hahaaha, eu era bem piazinhoqdo passava mas lembro dessa novela, principalmente da 'Tina pepper', massa d+*

Nesse *post*, percebemos que a personagem Tina Pepper marcou o sujeito, que, ao estar diante dela pela televisão, se lembrou de quando era "piazinho", tradução popular para menino pequeno, criança, em algumas regiões do país. A expressão "massa d+" exalta a importância dessa recordação para ele. Percebemos, ainda, como esse perfil se diverte com a lembrança, ao escrever "hahaaha" e que, mesmo criança quando a história foi exibida pela primeira vez, se recorda da personagem.

As imagens visualizadas por esse telespectador serviram para constituir esta projeção, conforme explica Halbwachs (2003), no sentido de que não há em nossas memórias imagens totalmente prontas, pois é a sociedade que nos indica elementos para a recordação. Para o autor, temos alguns obstáculos para se lembrar de tudo. O passado está inteiro em nossa memória, mas alguns comportamentos em nosso cérebro impedem que tudo seja evocado.

Para ocorrer à lembrança, segundo Halbwachs (2003), é preciso preencher alguns espaços vazios do cérebro. Personagens como Tina Pepper, para esse usuário, constituiu um desses elementos de preenchimento. A sensação gostosa ao rever a cena e lembrar-se de sua fase como "piazinho" é percebida em sua fala. Importante pontuarmos que Tina Pepper é o nome artístico da personagem de Regina Casé, mas que aparece somente na metade da história. O que este telespectador assistiu foi a Tina que ainda não era a cantora que imitava Tina Turner.

Desta forma, analisamos como é forte a lembrança da personagem para esse telespectador. Ela não se mostrou ainda como "Tina Pepper" nesta primeira semana da telenovela, mas lembra dela ao ver a Regina Casé em *Cambalacho*.

Na categoria neutra, 25 *tweets* foram classificados como recordação. Dentre eles, nenhum apresentou direcionamento para o positivo e/ ou negativo. As frases criadas não traziam adjetivos e palavras que levem a esta classificação. Por isso enquadrados como comentários neutros. Contudo, um dado importante é que muitos trouxeram em suas falas algumas lembranças.

*Eu não sei se lembro de Cambalacho de quando passou (86) ou só de reprise*

*lembrei q qdo ia ao centro de SP nesta época, ficava procurando os luminosos da novela! #Cambalacho*

A palavra lembrança, nota-se, compõe a frase e mostra o que a telenovela fez recordar. Um é sobre a dúvida se assistiu *Cambalacho* em 1986 ou se na reprise, no Vale a Pena Ver de Novo, em 1991, enquanto o outro se refere aos letreiros luminosos no alto dos prédios divulgando a história. Em ambas as falas, os telespectadores querem se referir a algo lembrado ao rever as cenas. Como vimos em Huyssen (2000), por ser humana, a memória é transitória e passível de esquecimento. A programação do canal Viva deixa de ser somente arquivo e passa ser dispositivo de reconstituição social da memória.

Já nas demais, as recordações também são pontuadas, mesmo sem o verbo lembrar. Trazem nos comentários a lembrança da infância e o que estavam fazendo ou o que faziam na época de *Cambalacho*.

*Eu tinha 10 anos quando passou #Cambalacho*

*Eu tinha 9 anos quando passou #Cambalacho na TV e fazia uma paródia da novela no jornal do colégio. Estava na 4ª série.*

*RT @nononono: Como eu achava que era SP na minha infância...Letreiros piscando por todos os prédios...kkkkk #Cambalacho*

*Como eu achava que era SP na minha infância...Letreiros piscando por todos os prédios...kkkkk #Cambalacho*

*#Cambalacho me faz voltar a ser criança... <3 <3 <3*

O fato de lembrar que estava com 10 anos, que com 9 fazia na escola uma paródia da telenovela e que *Cambalacho* o fez voltar a ser criança demonstra que a memória, de acordo com Halbwachs (2003), pode vir a se manifestar quando visitamos lugares. Isso nos relembra fatos únicos e pessoais, os quais estão ligados a outros sujeitos. Ao revisitar as imagens em *Cambalacho*, esses telespectadores voltaram no tempo de infância e logo se lembraram de algumas ações quando a telenovela foi exibida em 1986.

Como explicado por Halbwachs (2003), as lembranças só acontecem porque são os outros que fazem recordá-las. Neste sentido, as cenas da telenovela são estes elementos externos que trazem a recordação. Por isso, novamente, confirmamos que há uma ação coletiva no ato de lembrar. Ainda mais quando voltamos a um lugar e nele preenchemos lacunas que estavam esquecidas. A proposta do Canal Viva é completar esses espaços vazios, que haviam sido abandonados. O telespectador ativa suas memórias afetivas quando está diante deste "lugar", diante da história vista tempos atrás.

Esses "lugares" podem ser associados ao que Bergson, de acordo com Halbwachs (2003), chama de reconhecimento por imagens. Ao revisitar um local, mesmo que seja um programa de televisão, nossas recordações são ativadas por reconhecermos as imagens contidas nele. Os sentimentos que visualizamos nestas falas são recriados pelas associações e ligações que os telespectadores fazem ao "revisitar" a história de *Cambalacho*.

O comentário "Como eu achava que era SP na minha infância...Letreiros piscando por todos os prédios...kkkkk #Cambalacho" também cita um período infantil. Evidencia como este sujeito imaginava ser a cidade de São Paulo, isso em função do que assistia na telenovela. Este foi retweetado por algum seguidor e fez desta fala a sua também, ou seja, concordou com o que foi dito e mostrou em público o mesmo sentimento.

Neste ponto, a TV comprova sua força como dispositivo audiovisual, como explicado por Orozco (2014), por gerar fidelidade e verossimilhança. Essas pessoas acreditavam que os luminosos existiam e que São Paulo era da forma como mostrada na televisão. São os efeitos inadvertidos de Ferrés (1998).

Esses fatos podem ser significativos, já que foram descritos na rede social. Assim sendo, podemos pensar que são compostos por sentimentos. Le Breton (2009) explica que, tanto quanto pessoal, quanto coletiva, a afetividade consiste em um conjunto de acontecimentos relevantes e que origina um sistema de valores para nós. A paródia na escola, os letreiros luminosos e a volta a ser criança expõem que algo de valor está ligado às lembranças. Esses valores podem vir de várias formas, de um sonho, de uma imaginação ou de algo conquistado. Quanto mais impactantes os acontecimentos vividos, mais fortes serão nossas lembranças tempos depois.

Os próximos comentários continuam expressando sentimentos ao rever *Cambalacho*.

*Acabei de fazer o jantar, tomei banho e vim ver Cambalacho. Exatamente como eu achava que seria minha vida adulta nos anos 80 hahaha*

*@nononono A minha 1ª trilha sonora internacional que eu comprei foi da novela Cambalacho*

A projeção de vida adulta quando se era criança em 1986 e a primeira trilha sonora comprada são elementos constitutivos de valores. Podem estar inseridos no que Le Breton (2009) chama de emoções não fixas. Acentuamos ou amenizamos o sentido dado à memória, conforme vamos experimentando e vivendo os acontecimentos. Exemplo disso é o fato de que sempre que nos deparamos com algum evento ou testemunho novo, que nos evoca uma lembrança, percebemos algo diferente sobre o que tínhamos em mente. No caso de *Cambalacho*, o telespectador lembrar-se da sua primeira trilha sonora consiste em um elemento revisitado que lhe trouxe a recordação, mas com um sentimento diferente do passado. Não é o mesmo ambiente e nem as mesmas circunstâncias de tempos atrás. Nesta frase, não vimos adjetivos ou verbos que possam nos mostrar que tipo de emoção foi sentida. **T**odavia, por dizer em público esta lembrança, constituiu uma memória que para nós é afetiva.

Falamos assim, referindo-se, também, ao post a seguir.

*@nononono imagina meu afogamento na Nostalgia, sapeando Cambalacho e Banda Metrô no Danilo Gentilirsssssss*

A fala reforça a nostalgia ao assistir *Cambalacho*, assim como a *Banda Metrô* em outro canal. A expressão "meu afogamento" nos dá a entender sentimentos do telespectador ao visitar estes elementos. A relação afetiva, como pontuado por Le Breton (2009), surge à

medida que vamos apresentando nossas lembranças, ao estarmos diante de objetos que nos trazem emoções. Estes sentimentos podem ser de várias formas, alegrias, tristezas, angústia, observa o autor. Vai depender de como aquele acontecimento foi vivido e como estamos ao reencontrá-lo em nossa memória.

No *post* a seguir, há uma recordação do telespectador, outra vez, com a personagem da Regina Casé, contando que tinha apenas 5 anos de idade quando foi exibido *Cambalacho*. Um fato que podemos considerar é que ele não chama a personagem de Tina Pepper, mas se refere a ela como "Tina Turner". Na história ela a imita, não representa a cantora. A personagem deve ter marcado de alguma forma o sujeito quando criança. Se ele lembra, é porque algum sentimento foi constituído na época. São as imagens vistas na televisão novamente, proporcionando uma relação afetiva nas memórias dos telespectadores.

*Pra ã falar q ã lembro de alguma coisa de #Cambalacho (só tinha 5 aninhos no Jardim III), recordo da Regina Casé como Tina Turner...*

O mesmo podemos ver no próximo comentário. Houve uma vivência real do telespectador. A telenovela o lembrou das caronas no camburão.

*carona no camburão, outros tempos hahahaha #Cambalacho*

Na fala abaixo, constatamos a presença da risada, de algo que para ele foi engraçado, assim como lembrar as roupas que se usava em 1986.

*Ahahahahaha! Usei essas roupas da Murtinho ahahaha #Cambalacho*

Notamos que estas recordações sempre vêm com um sentido carregado de humor, justamente por não fazer mais parte do cotidiano. Quando há relação com a forma de se vestir, de se maquiar e com a aparência, o ato de rever se torna mais cômico. O *déjà vu* pode ser relacionado com esse fato. Como dito por Bergson (1999), quando reencontramos um fato ou evento, elaboramos um desenho da imagem original. Ao estarmos diante daquelas imagens, das roupas e das formas como nos apresentávamos no passado, um novo quadro se insere.

Os afetos e as emoções, nesse caso, potencializam a audiência. Como visto em Ferrés (1998), são as hipergenesias dos sentimentos. Para o autor, não só a história, mas

personagens e outros elementos podem provocar excitações emotivas e induzem comportamentos.

Um ponto importante para percebermos é que, para Ferrés (1998), a comunicação televisiva traz sempre um contexto. No Canal Viva, esse é o de relembrar e reelaborar uma situação vivida com a memória. Percebemos que essas situações são repletas de afetos e sentimentos nostálgicos.

Nos *posts* a seguir, continuamos a constatar as manifestações sobre a moda e também a referência que os telespectadores fazem dos "anos 80".

*Tchau, anos 80...Oi, anos 90 #Cambalacho #DespedidaDeSolteiro*

*Modernidades dos anos 80! ? #Cambalacho*

*Mangas bufantes é tão anos 80. #Cambalacho*

*Look Anos 80 classico de Murtinho #Cambalacho*

*RT @nononono: Ahhh, os anos 80 e sua breguice sem fim... <3 #Cambalacho*

*RT @nononono: Sdds desse visu anos 80 ?? #Cambalacho #CambalachoNoViva*

*RT @nononono: Ahhh, os anos 80 e sua breguice sem fim... <3 #Cambalacho*

*Ahhh, os anos 80 e sua breguice sem fim... <3 #Cambalacho*

*Anos 80 e sua moda no corpo da Natália do Valle. #Cambalacho*

O *déjà vu* nessas falas consiste nas recordações da época, mas que, ao reencontrar os tempos atuais, geram sentidos irônicos e de deboche. "Mangas bufantes", "modernidades" e "breguice" são conteúdos que direcionam para essas percepções. Percebemos que as imagens levam a um sentimento diferente dos outros já observados. A memória apresentada, ao ser percebida na atualidade, gera desconforto. Halbwachs (2003) diz que, quando revisitamos o passado, nossas lembranças são adaptadas às percepções do presente. Relacionamos, assim sendo, que a memória teleafetiva traz consigo essas reformulações, visto que o Canal Viva é um lugar de revisitação e as sensações que surgem diante da telenovela vêm pelas vibrações do rememorar o passado com as intercessões do presente.

No entanto, constatamos a presença da saudade novamente. Mesmo sem nenhuma expressão que a considere positiva ou negativa. "Ahhh, os anos 80 e sua breguice sem fim... <3 #Cambalacho" é um comentário que traz uma situação saudosa para o telespectador. A

volta ao passado, justifica Huyssen (2000, p. 76), "é mais do que um simples efeito colateral compensatório ou fraudulento de uma nova temporalidade pós-moderna que paira sobre a necessidade de memória e ritmo acelerado do esquecimento".

A análise das conversas apresentadas até este momento contribuíram para nos dar um panorama das discussões apresentadas na plataforma *twitter*, mostrando os aspectos positivos, negativos e os elementos que constituem as recordações de quem assiste o Canal Viva e a telenovela *Cambalacho*. Essas e as demais falas analisadas reforçam o conceito de memória coletiva de Halbwachs (2003), visto que a memória se manifesta em função das relações sociais. Em todos esses casos, notamos que as recordações se deram a partir de situações em que os sujeitos estavam ou se perceberam em companhia de uma ou mais pessoas, podendo ser algum conhecido, amigo, familiar ou não. Mesmo em ações individuais, para o autor, a memória se constitui nesta conexão em grupo.

Neste bloco de análise, vimos que houve recordações de como nos vestíamos, da forma engraçada da personagem Tina Pepper, dos tempos de infância, do jornal feito na escola sobre a novela, dos letreiros luminosos em São Paulo, da trilha internacional comprada e de como seria a vida adulta ao fazer o jantar para a família. Todas remetem a situações de convívio social. Uma criança não está sozinha. Há outras pessoas com ela, em casa e na escola.

Na seção 5.1.1.1, nos posts classificados como positivos, percebemos que a saudade que escreveram em suas falas, do tempo de criança, de um amigo, das roupas e da trilha sonora, demonstra que mesmo sozinhos, como diz Halbwachs (2003), há uma relação do estar junto com outras pessoas, pelo fato de que a presença do sujeito em um grupo não necessariamente deve ser física.

Ao lembrar a personagem Tina Pepper, por exemplo, o indivíduo poderia estar só em alguns momentos em que assistia *Cambalacho*, mas outras pessoas faziam parte do seu cotidiano naquele momento, assim como a própria construção da telenovela. Podemos considerar o elenco e o contexto narrativo como grupos de referências.

Em alguns casos analisados, percebemos a função da memória afetiva do telespectador diante da telenovela *Cambalacho*. Mesmo não havendo aspectos positivos relacionados, presenciemos manifestações articuladas com afetos. Nas reclamações ou nas risadas, constamos a presença de sentimentos. A televisão possibilita este vínculo. Nas falas em que não nos mostraram algum tipo de recordação, analisamos que havia uma memória implícita, visto que todos que assistem já ouviram falar das personagens. Insere-se outra vez neste contexto a importância da coletividade e as suas relações na construção do pensamento.

Acreditamos que possa vir deste direcionamento a memória teleafetiva do telespectador, pois presenciamos que os sentimentos vêm de uma recordação e que a televisão recupera e reformula uma experiência reconstruída através dos afetos. Essa reconstrução acontece em função da transferência afetiva que a televisão pode ocasionar. Para Ferrés (1998), ocorre quando transportamos sentimentos ao assistir uma cena. Essas transferências podem ser positivas ou negativas em relação a algum objeto.

Na relação da memória teleafetiva, identificamos que os afetos presenciados consistem na vibração, que aqui chamamos de emoções, ao olhar as imagens em *Cambalacho*. A pós-televisão (CÁDIMA, 2011) passa a dar espaço ao valor atribuído ao passado, confirmando o que diz o autor, de estarmos vivenciando um tempo híbrido da televisão.

Nesse sentido, a TV contribui com a musealização através das câmeras de vídeo, de acordo com Huyssen (2000). Para ele, as imagens são suportes nas práticas memorialísticas, assim como a fotografia. Além disso, a programação do Viva passa a não ser só arquivo, como também uma forma de comercialização da nostalgia (HUYSSSEN, 2000).

Conseguimos aferir com os *posts*, neste bloco de análise, que o Canal Viva possibilita que os telespectadores comentem sobre suas memórias afetivas: saudade, alegria e nostalgia.

Na próxima sessão serão analisados os comentários sobre a telenovela *Laços de Família*.

## 5.2 SEGUNDA ANÁLISE – LAÇOS DE FAMÍLIA

Para o termo, *Laços de Família*, foram coletados 926 *tweets*. Destes, 189 foram desconsiderados, permanecendo 737 comentários para categorizar.

A tabela a seguir demonstra de forma quantitativa a primeira classificação das “falas” dos telespectadores ao mencionar a telenovela *Laços de Família*.

Tabela 19 - Classificação dos *tweets* na 1ª coleta com o termo *Laços de Família*

<i>Classificação</i>	<i>Número de Tweets</i>
Desconsiderados	190
Positivos	202

Negativos	73
Neutros	461

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Após essa divisão, ao transportarmos os dados para uma planilha do Excel, como procedido na análise de *Cambalacho*, conseguimos compor as cinco categorias definidas na metodologia.

Tabela 20 - Dados quantitativos das categorias: positivos, negativos e neutros sobre *Laços de Família*

<i>Classificação</i>	<i>Tipo de Comentário</i>	<i>Número de Tweets</i>
Positivos	Classificação 1 – Ativação	0
	Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação	156
	Classificação 3 – Diversão	0
	Classificação 4 – Recordação	11
	Classificação 5 – Informação	35
		Total: 202 tweets positivos
Negativos	Classificação 1 – Ativação	3
	Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação	54
	Classificação 3 – Diversão	0
	Classificação 4 – Recordação	11
	Classificação 5 – Informação	5
		Total: 73 tweets negativos
Neutros	Classificação 1 – Ativação	6
	Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação	29
	Classificação 3 – Diversão	166
	Classificação 4 – Recordação	29
	Classificação 5 – Informação	230
		Total: 460 tweets neutros

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Percebemos um número maior de comentários classificados na categoria neutra. Dentre os positivos e negativos, aparecem menções favoráveis ao programa, nas divisões 2 – Satisfação / Insatisfação, o que as torna importantes para o Canal Viva.

Seguindo a mesma sequência da análise anterior, de *Cambalacho*, esta sessão se divide em duas partes: 1 – Análise das falas positivas e negativas; e 2 – Análise das falas da recordação.

## 5.2.1 Análise dos comentários positivos e negativos

Nesta sessão, estudamos os conteúdos das postagens, apresentando cada categoria. Somente após análise dos conteúdos positivos e negativos é que tratamos da investigação em relação às recordações dos espectadores.

### 5.2.1.1 Comentários positivos

Foram considerados 202 *tweets* como positivos. Percebemos que, dentre as cinco categorias, o item 2 – Satisfação / Insatisfação foi o mais encontrado, com 156 comentários. Aconteceu o mesmo na análise de *Cambalacho*, sendo a mesma categoria com maior número de “falas” dos telespectadores.

É necessário olharmos para este ponto, visto que, dentre as cinco, a satisfação / insatisfação é a que mais aparece. O telespectador do Canal Viva busca o que ele quer assistir e manifesta sua opinião sobre a programação.

A seguir apresentamos as subcategorias encontradas no conteúdo dos comentários coletados. Conforme explicado nos procedimentos metodológicos e aplicado à análise de *Cambalacho*, as divisões são definidas a partir da leitura das postagens publicadas e agrupadas conforme os sentidos apresentados.

Tabela 21 - Temas abordados nos comentários positivos – Classificação 1 – Ativação

Subcategorias / Temas apresentados	Número de <i>tweets</i>
Nenhum comentário encontrado nesta categoria	0

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Em relação à Classificação 1 – Ativação, nas postagens de *Laços de Família*, no grupo dos comentários positivos, não encontramos nenhum pedido para troca de horário ou solicitações para o Canal Viva. Percebemos um telespectador mais satisfeito com a programação. Não precisou registrar na rede o que ele quer da telenovela ou do canal.

Acreditamos que o horário das 23h45min condiz com o público que o assiste. Diferente de *Cambalacho*, que era exibida uma hora depois, o telespectador solicitava a troca

e manifestava seus pedidos, pontuando o que estava desagradando, e requisitava mais telenovelas da década de 1980, o que não aconteceu com a audiência de *Laços de Família*.

Não encontramos argumentos que pudessem mostrar o desejo por outras histórias desta década ou referente aos anos 2000, período em que a telenovela foi exibida pela primeira vez na Rede Globo de Televisão. Provavelmente a história não proporcionou uma recordação que fizesse o público pedir outras obras deste período, diferente de *Cambalacho*, que o público se pronunciava na internet, reivindicando histórias mais antigas ou próximas aos anos 1985 e 1986.

Como vimos, Orozco (2014) define que estamos sempre diante de algo que é contado. A telenovela relata histórias e essas narrativas, diz o autor, transformam a TV em uma tecnologia em ebulição, a qual mostra as expectativas do público perante o que é assistido. *Laços de Família* não mobilizou outros desejos de outras telenovelas, no aspecto positivo.

Acreditamos que pode ser este um sujeito mais passivo diante desta programação, ou menos nostálgico, a ponto de se satisfazer com o que vê. Não vimos a mesma euforia ao se depararem com a história de Naná e Gegê.

Contudo, na classificação 2 – Satisfação / Insatisfação, presenciamos uma participação maior do público. Foram 156 comentários encontrados.

Tabela 22 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de tweets</b>
Elogio para as personagens, atores e atrizes da telenovela	69
Elogio para a telenovela (história)	54
Comentários comparando com outra telenovela, atriz, ator ou personagem	16
Comentários se dirigindo ao Canal Viva	09
Elogio sobre a trilha sonora da telenovela	08
Insatisfação pela personagem, ator ou atriz	02
Comentários sobre a abertura	02
Assistindo <i>Laços de Família</i> e outra programação ou canal	02
Reprodução das falas das personagens	01
Mostrando que assiste com recurso tecnológico	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Nesta categoria, em *Cambalacho*, vimos a maioria dos telespectadores elogiar a telenovela, o enredo e a comicidade dos atores, diferente de *Laços de Família*, na qual percebemos uma manifestação maior em relação aos elogios para as atrizes e atores, por suas atuações e principalmente pela beleza física de alguns.

Dentre os intérpretes mais citados e seus respectivos personagens, estão Vera Fischer / Helena (com 17 comentários), Giovanna Antonelli / Capitu (com 10 comentários), Tony Ramos / Miguel (com 05 comentários), e Reynaldo Gianecchini / Edu (com 04 comentários). São representativos os motivos para esse tipo de interação. Em *Cambalacho*, mostramos um menor número de postagens que comentava a beleza dos atores. Isso pode ser relacionado ao fato de aquela ter sido mais antiga, sendo que a mudança física ser mais evidente. Além do que as imagens daquela época, a maquiagem e os figurinos motivaram mais as “falas” para a diversão, ao invés da beleza.

*Amo esses dois juntos!!!!!! Helena e Edu!!!!!! #LaçosdeFamília*

*O maquiador da Vera Fischer arrasava nessa época... Maquiagem bapho!!!!!! #LaçosdeFamília*

*Helena consegue ser chique até de roupão. #LaçosdeFamília*

*Sorte da Helena é que ela é gata, pq esse papinho aí... #LaçosdeFamília*

*Que maravilha esse depoimento da Vera Fischer falando sobre #LaçosdeFamília*

*ô dona Hêlena, eu kêro amarrar um pouco a sinhôra no tronco p vê como é q fica, melhor personagem dssa novela era a empregada #LaçosdeFamília*

*Vera Fischer belíssima . Que mulher #lacosdefamilia*

*@nononono: A melhor Helena de todas! #laçosdefamilianoviva #laçosdefamilia  
<https://t.co/jefOCyUIu4>*

*Vera gatésima!!!! #LaçosDeFamília*

*Vera linda #Lacosdefamilia @canalviva*

*Vera Fischer deslumbrante #LaçosDeFamília*

*Vera não cansa de ser linda. #LaçosDeFamília #LaçosDeFamíliaNoViva*

*Esse terninho tá lindo na Helena. #LaçosDeFamíliaNoVIVA #LaçosDeFamília  
#lacosdefamilia A Vera tá bem aí corpaõ linda.*

Essas foram algumas das postagens sobre a atriz Vera Fischer e a personagem Helena. Talvez o surgimento de conteúdos sobre ela tenha sido maior pelo fato de ser ela a protagonista da história e ter conquistado a audiência com a sua aparência e ou atuação.

Expressões como “arrasava”, “chique”, “gata”, “melhor”, “linda”, “corpão” e “deslumbrante” direcionam ao sentido de valorização da beleza e da atuação da personagem. A televisão funciona como um “espelho” da sociedade (WOLTON, 1996). Percebemos a importância da representação que ela oferece. A TV, como diz Wolton (1996), possui discursos convencionados e clichês, mas são aceitos pela audiência. Os padrões de beleza estão as falas.

Além disso, há um afeto diante do que é visto. Le Breton (2009) explica que as emoções inseridas em nós têm origem em normas coletivas implícitas ou nas orientações de comportamento que cada indivíduo exprime, de acordo com estilo, cultura e valores. Isso pode ser analisado na postagem “Amo esses dois juntos!!!!!! Helena e Edu!!!!!! #LaçosdeFamília”, que refere às personagens de Vera Fischer e Reynaldo Gianecchini. A afetividade apresentada pelos telespectadores pelo casal exprime os “espelhos”, como observado por Wolton (1996), juntamente por estar relacionada às normas coletivas e culturais do brasileiro diante do seu maior produto cultural televisivo, a telenovela (WOLTON, 1996).

Giovanna Antonelli também foi citada no *twitter* por sua atuação como Capitu. Além das admirações apresentadas, o público fez referência ao casal Capitu e Fred, apaixonados quando eram adolescentes, foram separados quando adultos, mas na história demonstram amor um pelo outro.

*Esse é um dos melhores personagens da @gio\_antonelli<sup>35</sup>. Que cabelo é esse, minha gente? Lindo!! #LaçosdeFamília*

*Esses dois formavam um casal lindo!! #CapitueFred #LaçosdeFamília*

*@Luigibaricceli era mto fofo nessa novela pense @lacosdefamilia*

*Capitu e fred ?????????? amando a reprise de Laços de Família #lacosdefamilia*

*Amo a Capitu e vou protege-la <3 #LaçosDeFamília*

*Adorava a Capitu, Íris #Lacosdefamilia*

---

<sup>35</sup> Não anonimizamos o perfil do ator ou atriz quando o telespectador se dirige a eles

*Mas o casal que eu mais shipava era a Capitu e o Fred!!!! #LaçosdeFamília*

Em relação ao casal, percebemos que o telespectador, ao comentar aspectos positivos, deve sentir uma aceitação e afinidade com os atores e personagens. Notamos alguns sentimentos importantes sobre eles ao analisar os verbos “amar”, “adorar”, “proteger” e “shippar”<sup>36</sup>. Esses, conjugados, transmitem um sentido afetivo e de prazer ao revê-los. Neste caso, vimos a produção de identidades coletivas, como explicado por Cádima (2006), na medida em que a TV cria e recicla mecanismos simbólicos para agenciar conteúdos com o telespectador.

O olhar para o cabelo da personagem, o valor dado ao casal e à delicadeza apresentada por Fred podem ser expressões emitidas em função dos simbolismos sociais que encontrados. O que amamos na televisão, destaca Wolton (1996), são as surpresas e satisfações proporcionadas pelas imagens recebidas. Para o autor, a decodificação não é totalmente livre, pois estamos sempre subordinados a uma convenção cultural ou social que, de certa forma, é exposta na programação. Encontramos em Orozco (2014) um complemento para essas observações. Para ele, a TV, por meio do audiovisual, apresenta um alto grau de fidelidade e verossimilhança e são pelas realidades apresentadas que, na análise deste pesquisador, fortalecem os clichês e os discursos que o meio apresenta.

Parece ser a beleza “convencionada” pela tela da televisão que motivou a interação em rede dos telespectadores de *Laços de Família*. O mesmo aconteceu com os elogios e com a aceitação de Tony Ramos e Reynaldo Gianecchini.

*até o tony ramos ainda dava um caldo nessa época #LaçosDeFamília*

*Acho o Tony Ramos bonito. Sério. #LaçosdeFamília*

*Eu amo o Miguel #LaçosdeFamília*

*Bom pra caramba #laçosdefamilia tony ramos sempre galã????*

*Esperando começar #LacosdeFamilia no @canalviva sim, adorava ver o Tony Ramos de livreiro na #DomCasmurro e ouvir o tema de #Casablanca*

*O MELHOR sempre... #reynaldogianechinni #meyanjo #laçosdefamilia ??  
<https://t.co/Iozw4bHz7c>*

*Reynaldo Gianecchini, que homem, né galera? #LaçosDeFamília*

---

<sup>36</sup> Verbo utilizado para dizer quando gostamos de um casal

*Laços de Família que começou hoje e eu já estou amando, gente o que é aquele Edu? Meu Deus do céu #lacosdefamilia*

*Reynaldo Gianecchini comentando sobre a novela #LaçosdeFamília, foi sua primeira novela tão lindo adoro*

*O que é o @RGianecchiniJR em #LaçosdeFamília ?????? Geeeente do céu!!!!!! Eduuuuuuu, vem pontear minha testa!!!!*

Refletimos que podem ser a beleza e a paixão elementos motivadores para o sucesso da programação. A TV, como observa Ferrés (1998), apresenta um reflexo das aspirações do que queremos enquanto seres sociais, sendo que as imagens se conectam aos sentimentos que possuímos.

Na análise sobre os comentários de *Cambalacho* não presenciamos manifestações com tamanha evidência. Em *Laços de Família*, aparecem a ponto de pedir para o “Edu” vir “pontear minha testa”, de expor que Tony Ramos ainda dá um “caldo” e se dirigir a Deus ao perguntar que “homem é aquele”. São expressões populares que retratam conversas da audiência entre os amigos e familiares. Parece que na rede, no sofá estendido (FECHINE, 2014), esses sentimentos ganham mais força porque há um laço social (WOLTON, 1996) que, para nós, passa a ser identificado e “amarrado” com a internet.

Os comentários podem não ter trazido recordações e lembranças, mas proporcionaram uma interação em rede, em função do que consideram de valor na telenovela. Talvez venha desses aspectos a ativação do “contar” a alguém, do laço social, ou seja, daquilo que “mexe” com um sentimento. Vimos que em *Cambalacho* os comentários na categorização positiva ocorreram por conta da história, da narrativa contada. Naquela, os elogios não foram direcionados para a beleza dos atores e atrizes, mas para um contexto geral da qualidade da trama. Talvez o fato de possuir um tempo maior de exibição, foram 29 anos, proporcionou este olhar para o passado, que pode não trazer o que é bonito, mas aciona uma percepção de um conjunto maior em relação à memória. Parece que, quanto mais antigo, mais elementos darão conta da recordação.

*Laços de Família* também apresentou *tweets* expondo a qualidade da história. Algumas expressões e verbos aparecem novamente, tais como: “Amando”, “boa”, “incrível”, “melhor”, “maravilhosos” e “não fazem mais novelas assim”, reforçando a satisfação do público ao rever o drama familiar de Helena, Camila e Edu.

*Amando a reprise de #LaçosDeFamília*

*Pense numa novela boa #LaçosdeFamília*

*incrível a direção do Ricardo com o canto na casa da Capitu até o desfecho do beijo Helena-Edu com a música de fundo #LaçosDeFamilia*

*Eu amava essa novela??? #lacosdefamilia #lacosdefamilianoviva  
<https://t.co/D4QJ5hiEmU>*

*Não fiz a lista maior, mas obviamente tenho muitas outras novelas que eu curti. Não tanto quanto #LaçosDeFamilia e #OClone mas tem*

*Como é bom rever! ? @LaçosDeFamília <https://t.co/6iVj1n4lbC>*

*Não fazem mais novelas assim ... #LaçosDeFamília ?*

*Hora da melhor novela. #LaçosDeFamilia*

*#lacosdefamilia no viva só pra quem gosta !! #amooo*

*Que dialogos maravilhosos! #lacosdefamilia*

Outra vez os telespectadores do Canal Viva expõem suas satisfações ao rever uma história. Enquanto na análise de *Cambalacho*, o público descrevia seu contentamento com adjetivos e verbos do tipo: “bom”, “gostar”, “obra-prima”, “legal”, “vontade” e “delícia”, em *Laços de Família*, as expressões utilizadas foram mais fortes do ponto de vista emocional. Percebemos um envolvimento mais afetivo com a história de Manoel Carlos.

Portanto, talvez possamos entender que nesta narrativa ocorra uma transferência afetiva maior (FÉRRES, 1998), e que o espectador transportou para si, de forma positiva, os sentimentos vivenciados na história, na comparação com o conteúdo postado sobre a obra de Silvio de Abreu. O drama potencializa a intensidade na projeção dos afetos do que a comédia. No entanto, mesmo sem identificar recordações, podemos afirmar que há uma memória teleafetiva atribuída às falas dos internautas. As expressões “amava”, “bom rever” e “não fazem mais novelas assim” confirmam que há um sentimento atribuído a algo do passado, impulsionado por uma experiência televisiva.

Algumas comparações foram feitas com outras histórias, nas quais se pode perceber a relação de lembrança do espectador de outras telenovelas, de acordo com os posts a seguir.

*#lacosdefamilia Vera bem melhor aí que em O Clone. Mas Marieta pra mim roubou a novela toda.*

*Giovanna Antonelli @gio\_antonelli divina no começo da carreira, a sequência Capitu - Jade - Bárbara foi muito destruidora <3 #lacosdefamilia*

*única coisa boa de #lacosdefamilia é a Giovanna q despontou ali e depois arrasou de Jade*

O público, ao comentar a atuação das atrizes em outras histórias, demonstra que possui recordações delas e que a telenovela *Laços de Família* serve de revisitação para esses “confrontos”. A televisão tem esta peculiaridade de vai e vem, de ir e vir das narrativas, capaz de mostrar o passado, para que possa ser comparado com outros passados e com o presente. É a TV como um lugar de arquivo para acionar memórias. Com o avanço da tecnologia, com o acesso aos dispositivos móveis e com o arquivo digital, cada vez mais isso se faz presente.

A trilha sonora, assim como em *Cambalacho*, também foi citada pelos telespectadores de *Laços de Família*. Com um número maior de comentários, mas apresentando, da mesma forma, uma satisfação ao reencontrar as músicas temas da história.

*Ai, amava essa música do Pato Fu #LaçosDeFamília*

*Tempo das boas trilhas sonoras Deborah Blando! #LaçosDeFamilia*

*Gente o @canalviva fez uma playlist com a trilha de #LaçosDeFamília no Spotify. Posso dizer? Não vou mentir, amo!*

*Gosto do Maneco pq ele entope a trilha de Bossa Nova/Tom Jobim: A M O <3 #LaçosDeFamilia*

*As melhores canções da bossa nova no folhetim que explora a cidade maravilhosa como jamais alguém ousou. #LacosDeFamilia*

*Adoro esse instrumental da volta do break, o melhor. #LacosDeFamilia*

*Adoro a trilha dessa #novela. #laçosDeFamília*

*Trilha sonora perfeita! #LaçosDeFamilia*

Percebemos que nos dois primeiros *tweets* houve um retorno ao passado pelas canções apresentadas. O verbo amar conjugado, “amava”, fez com que refletíssemos sobre uma lembrança que este telespectador obteve. Ocorreu novamente uma relação de afeto, ao estar diante da cena em que a trilha foi sentida, assim como uma relação afetiva com a memória.

O mesmo aconteceu com o usuário que disse ser aquele “o tempo das boas trilhas sonoras”, ao se referir à cantora Deborah Blando, com a música *Próprias Mentiras*, tema da personagem Iris, interpretada por Deborah Secco.

Novamente as expressões “amo”, “adoro” e “perfeita” constituem um sentimento do público. Confirmamos outra vez a explicação de Ferrés (1998), ao discutir que as pessoas se movem muito mais por seus sentimentos e temores. As canções fizeram os telespectadores se movimentarem e mostrarem que gostam dos temas escutados.

Transformações e convergências ocorrem neste tempo pós-televisão, dando lugar ao “não-lugar”, e às hibridações, segundo Cádima (1996). O fato de poder escutar uma *playlist* da trilha sonora da telenovela em outro aparelho, a hora que quiser e puder, demonstra que a tecnologia e o acionamento das recordações podem também ocorrer desta maneira. Mesmo assim, o Canal Viva proporcionou o primeiro passo para este desdobramento, quando a dispôs na internet. Podem ser estas outras discursividades (CÁDIMA, 1996) atribuídas pelo audiovisual.

Outro aspecto que consideramos necessário pontuar é que um dos telespectadores disse estar assistindo a telenovela em um dispositivo que não é a televisão.

*Mamãe tá amando assisti #lacosdefamilia pelo vivaplay*

Neste caso, o usuário na internet que postou o comentário se refere a sua mãe como telespectadora e adepta do *Viva Play*, recurso do canal que permite assistir em computadores, celulares ou *tablets*. Pertencemos à era da pós-televisão, do não-lugar, da migração de públicos, da ubiquidade (CÁDIMA, 1996, 2011) e da hipertelevisão com a fragmentação das telas (SCOLARI, 2014). Mas o contexto *televisão*<sup>37</sup> permanece. Como afirma Wolff (2015), a convergência e os dispositivos digitais levam mais televisão para a nossa televisão. É a tecnologia a favor do entretenimento, propiciando o consumo do bom e velho conteúdo televisivo.

Não só na intensidade dos termos apresentados sobre a narrativa *Laços de Família* constatamos ser diferente de *Cambalacho*. Na categoria 3 – Diversão, não houve comentários.

---

<sup>37</sup>Grifo nosso

Tabela 23 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 3 - Diversão

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de tweets</b>
Nenhum comentário encontrado nesta categoria	0

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Talvez por não ser uma história cômica, como *Cambalacho*, em *Laços de Família*, por ser um drama familiar vivido entre os protagonistas, não encontramos postagens que pudessem ser relacionadas a algum tipo de risada ou humor dentro da classificação positiva. Mesmo com alguns personagens “engraçados”, a participação do público, ao comentar sobre eles ou rir com eles em rede, não foi presenciada.

Percebemos, dessa forma, que o humor potencializa sentimentos de alegria. O drama, por sua vez, permite a intensidade do amor, da paixão, do que é belo e das produções simbólicas sociais que são convencionadas. Das duas maneiras pensamos na manifestação do laço social (WOLTON, 1996), que deixa de ser somente na TV aberta e passa a se constituir na TV fechada e na internet, de forma não anônima.

Avaliaremos as “falas” das recordações, categoria 4, na divisão 5.2.2, seguindo o mesmo procedimento metodológico da análise anterior. Assim, investigaremos outras considerações a respeito das memórias dos telespectadores.

Na classificação 5 – Informação, percebemos uma maior participação do público, em relação aos comentários sobre *Cambalacho*.

Tabela 24 - Temas abordados nos comentários positivos - Classificação 5 – Informação

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de tweets</b>
Recados e informações que tem relação com a telenovela	20
Anunciando ou convidando a assistir <i>Laços de Família</i>	10
Postagens sobre a time line com a menção <i>Laços de Família</i>	02
Comentário sobre o fato de estar “colocando em dia” os capítulos da telenovela	01
Expondo as telenovelas preferidas	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Alguns dos comentários sobre informações da telenovela podem ser lidos abaixo. Consideramos um número significativo (20 postagens) de pessoas escrevendo no *twitter* como se fosse transmitindo um “recado”, um status, relacionando a *Laços de Família*.

*Desejo de hoje: morar na novela #laçosdefamilia, @nononono, @nononono? #canalviva*

*Já decidi: Quando #AREgraDoJogo acabar, minha novela "das nove" será #LaçosDeFamília ? #LaçosDeFamíliaNoViva*

*Começa logo por favor! @canalviva #LaçosDeFamília #LaçosDeFamíliaNoViva*

*Eu já contando os segundos pra dar o horário de #Laçosdefamilia <https://t.co/XgSobznYjh>*

*Meu sonho viver no #Leblon... Quem sabe um dia, né? Kkkkkk. #LaçosdeFamília*

*serio, eu ainda nao to acreditando que #LacosDeFamilia esta sendo reprisada aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaahhh que felicidade ??*

*Mas gente! É #LaçosDeFamília, é #MulheresDeAreia... O @canalviva não quer me deixar trabalhar pelo jeito!*

Na classificação 5 – Informação, *Cambalacho* apresentou somente 5 *tweets*, uma diferença significativa, ainda mais se somarmos todas as subcategorias apresentadas nesta sessão. Percebemos o público de *Laços de Família* mais anunciativo (classificação 5 – Informação) e menos ativo (classificação 1 – Ativação) e divertido (classificação 3 – Diversão).

*Cambalacho* possibilitou mais diversão para o telespectador e o fez reivindicar seus desejos de assistir outras telenovelas. *Laços de Família* proporcionou um sujeito mais propagandista, comparativo e interessado em divulgar seu “status” na internet.

Os termos dos *tweets* descritos abaixo: “weba”, “emocionante”, “melhores”, “boah” e “favorita”, mostram um público que anuncia de forma positiva o que está assistindo.

*Daqui a pouco tem #laçosdefamilia no @canalviva ueba*

*Esperando só a hora da emocionante novela #lacosdefamilia no canal ViVA!!!! Com ele o? <https://t.co/4g39TT4AP4>*

*Assistindo uma das melhores novelas. #LaçosDeFamília*

*Ligadao aki na reprise da novela #LaçosDeFamília ??????? Oh novela boah!!! Uma das minhas? <https://t.co/x3L5YBIEfO>*

*Hoje tem #LaçosDeFamília no @canalviva. Minha novela favorita*

Estes argumentos auxiliam na divulgação do Canal Viva e fazem do telespectador uma espécie de “colaborador” da programação. Afirmamos isto por visualizamos que os sentimentos positivos expressados, o fazem divulgar a programação, juntamente pela sua opinião sobre ela. Um deles ainda a coloca em uma ordem das melhores telenovelas.

*Meu top5 de novelas: 5#AViagem 4 #SalveJorge 3 #MulheresApaixonadas 2 #OClone 1 #LaçosDeFamilia*

Outros explicam que está na hora de colocar os “capítulos em dia” e que está ansioso para comentar sobre a telenovela no *twitter*.

*Vamos botar em ordem uma das novelas que mais gosto ??? #laçosdefamilia #Alma #Iris ? <https://t.co/jFSV6Ui3ZQ>*

*ancioso pra comentarr a novela com a tag #LaçosDeFamilia*

Essas atitudes reforçam que estamos diante do “elo social do século XXI”, conforme diz Cádima (2011), visto não ficarmos mais condicionadas à velha caixa televisiva, mas atentos a novas experiências e à participação social perante o que a tecnologia proporciona. A interconectividade e a produção participativa dos conteúdos mostram isso. Nos *tweets* acima, visualizamos um telespectador que pode assistir a telenovela com os recursos *on demand* ou *on line*, posto que deseja “colocar em dia” os capítulos. Em outro, presenciemos a vontade de comentar em rede sob a tag #LaçosDeFamília.

Pontos estes confirmam que o brasileiro cada vez mais multitela (LOPES e GRECO, 2016), porque assistem TV e navegam na internet. Podemos fazer esta relação por percebermos que há um movimento do público em comentar sobre vários aspectos ao que está assistindo. Esse último deixou evidente seu prazer em comentar sobre a programação.

Concluída a análise das postagens positivas em relação *Laços de Família*, na sessão seguinte observaremos a classificação negativa sobre a telenovela.

#### 5.2.1.2 Comentários negativos

O número de comentários negativos em *Laços de Família* foi parecido ao número de *Cambalacho*. Somamos 67 *tweets* para a narrativa de Silvio de Abreu e 73 para a história de Manoel Carlos.

Tabela 25 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 1 - Ativação

Subcategorias / Temas apresentados	Número de <i>tweets</i>
Pedindo uma última personagem Helena	01
Não aceitando <i>Laços de Família</i> e pedindo outras histórias	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Diferente de *Cambalacho* que apresentou 11 insatisfações, o público de *Laços de Família* manifestou-se em duas postagens.

*#lacosdefamilia passou no @canalviva ... sofri calada. q sdd. #ManoelCarlos podia fazer uma última Helena que a gnt confiasse, né?*

*O @canalviva tem que reprisar não #LaçosdeFamília, mas umas antigas que nunca reprisaram, tipo #FeraFerida, #AViagem, #TopModel #comentários*

O primeiro *tweet* mostra uma saudade e uma relação negativa ao dizer “sofri calada”, ao mesmo tempo em que pede algo. Por isso, uma pessoa ativa na rede social. Dirige-se ao autor para pedir mais uma “Helena” que pudesse confiar. O fato de mostrar que sente saudade e que, mesmo “sofrendo”, manifesta seus desejos, percebemos que há uma relação afetiva com a recordação emitida pela personagem protagonista. Segundo Le Breton (2009), os afetos são duradouros, independente do tempo, e que a alegria, a cólera, o desejo, a surpresa e o medo se cristalizam por serem intensos. Percebemos neste comentário que a dor pode possuir também um afeto.

Observamos em Fechine (2014) a programação como sentido de presença, e em Wolton (1996) como relógio da vida cotidiana. Reforçamos que cada vez mais os telespectadores querem construir sua própria programação. O sujeito programador, diz Cádima (2011), é aquele que tem a possibilidade de ver e fazer o que quiser, quando quiser e onde quiser. O *broadcasting* dá lugar ao *egocasting*, destaca o autor. Acreditamos que a partir do momento em que um telespectador expõe o que quer na rede, nesse laço social, escolhendo o que quer ver e como quer assistir, há uma relação egocentrista.

O mesmo ocorre no último comentário desta categoria. Ele expõe o que o satisfaz. Assim como os comentários observados em *Cambalacho*, que solicitavam mais telenovelas dos anos 1980, este telespectador, num contexto negativo, também solicita outras histórias. No entanto, esse sujeito parece estar “desatento” ou assiste há pouco tempo o Canal Viva, visto que solicita três telenovelas já reexibidas na programação.

Tabela 26 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 2 - Satisfação / Insatisfação

Subcategorias / Temas apresentados	Número de tweets
Crítica à telenovela	22
Crítica a atuação do ator ou atriz	16
Crítica as ações dos personagens	10
Crítica a aparência do ator ou atriz	02
Reclamação quanto ao horário e não conseguir assistir	03
Crítica à outra telenovela	01
Insatisfação por não ter o Canal Viva	01

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Percebemos algumas insatisfações nos comentários dos telespectadores de *Laços de Família*. Alguns no mesmo direcionamento de *Cambalacho*, outros apresentando questões diferentes, mas importantes para o entendimento do que busca e deseja a audiência.

Em *Cambalacho*, as críticas foram realizadas, a maior parte, em relação à estrutura técnica da telenovela, e não ao enredo apresentado. *Laços de Família*, no entanto, não apresentou questões ligadas à qualidade da imagem ou efeitos de edição, mas sim sobre o contexto narrativo apresentado.

*A melhor parte de #lacosdefamilia no canal viva é qdo começa o comercial*

*Talvez eu esteja achando ruim #LaçosDeFamília pq hoje eu tenho um senso crítico sobre o Leblon.*

*A pessoa que montava essas fotos já aprendeu a editar de verdade? #LaçosDeFamíliaNoViva #LaçosDeFamília*

*Já que o @canalviva estica essa imagem, mudei o ratio da minha TV pra 4:3. Bem melhor! #LaçosDeFamília #LaçosDeFamíliaNoViva*

*novelinha recalçada e doentia essa #lacosdefamilia continuo achando.dá p ver as opiniões antiquadas do autor em cada personagem.*

*E pelo visto vou continuar odiando #LaçosDeFamília*

*Tinha esquecido da vizinha mala que canta. #LaçosdeFamília*

*Outra coisa sobre as novelas de Maneco: os assuntos desnecessários, que levam a nada. Tipo a decoração de Natal da livraria. #LaçosDeFamília*

O mal estar perante a programação é normal, tendo em vista a complexidade do público em se satisfazer ou não com o que é lhe oferecido. Afinal, a TV sempre frustra e decepciona (WOLTON, 1996). Mesmo reclamando, estamos diante da “boa televisão”, explica Cannito (2010), por dar voz ao telespectador, que dialoga, mesmo estabelecendo uma relação complexa entre pontos de vista. Para o autor, a má televisão é a monológica.

Mesmo sendo um canal temático, fechado, oferecido a um público específico (WOLTON, 1996), o Viva parece constituir características de um produto aberto, não segmentado. Talvez pela programação generalista e pela temática da oferta, a audiência exija mais. Novamente um efeito *egocasting* (CÁDIMA, 2011).

As telenovelas possuem mobilidades, explica Martin-Barbero (2004), que movimentam memórias e imaginários populares. Vimos, por exemplo, em alguns *tweets* a posição do telespectador ao se referir ao bairro Leblon, no Rio de Janeiro, ambiente em que a história é contada, e outro ao recordar da “vizinha mala” que canta. É esse o motor que vai e vem nas recordações e imaginários. Talvez anteriormente o sujeito que fala do Leblon não sentisse isso. Mas com o tempo, com outras percepções que adquiriu, passou a repensar fatos e situações. Nesse caso podemos relacionar ao *déjà vu* de Bergson (1999), pois, ao reencontrarmos o objeto, outro quadro se forma com interferências atuais. O Canal Viva constantemente proporciona “*déjà vus*”.

Outros pontos, como “novelinha recalçada, doentia”, “preferir o comercial”, “continuar odiando”, e achar “desnecessários os diálogos”, demonstram sentimentos de reprovação.

As críticas para a atuação de atores e atrizes foram maiores do que em *Cambalacho*.

*Deborah acertou em tudo, menos no sotaque #LaçosDeFamíliaNoVIVA  
#LaçosDeFamília*

*como o Gianecchini trabalhava mal, GRITO #laçosdefamilia*

*Quem era mais cigano ígor: Giane ou Zulu? #LaçosdeFamília*

*pavorosa essa "cantora" de ópera #lacosdefamilia*

*Essa Clara é insuportável. #LaçosdeFamília*

*Eu odiava a Ofélia cantando, me julguem #LaçosdeFamília*

*Esqueci de Ofélia chata pra caralho #lacosdefamilia*

*Giane muuuuuuito forçadão hahaha que isso #LaçosDeFamilia*

Possuímos gostos diferentes e, com isso, na experiência televisiva, nossas reações também se comportam de forma distinta. Talvez o não gostar de um ator ou atriz, da sua forma de trabalhar, perpassa por esses desdobramentos individuais de suprir ou não o que desejamos. Aprendemos a ser telespectadores (OROZCO, 2014), mas o que gostamos ou não sempre foram pautas em casa, no trabalho e na praça da cidade.

Tabela 27 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 3 - Diversão

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de tweets</b>
Nenhum comentário encontrado nesta categoria	0

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

A categoria 3 – Diversão, não apresentou nenhum comentário negativo referente à telenovela. Percebemos que, por ser uma história envolvendo doenças, prostituição, maus tratos aos idosos, talvez não tenha gerado uma interação humorística, de caráter não positivo.

No último grupo desta categoria, apresentaremos os comentários negativos dos telespectadores ao informar sobre *Laços de Família*.

Tabela 28 - Temas abordados nos comentários negativos - Classificação 5 - Informação

<b>Subcategorias / Temas apresentados</b>	<b>Número de tweets</b>
Reclamando porque não assistiu <i>Laços de Família</i>	01
Anunciando o início e o término da telenovela com comentário negativo	04

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

O primeiro *tweet* demonstra um sentimento de raiva por não ter assistido à telenovela.

*Chateado porque vocês nunca me avisam quando começa #LaçosDeFamília :/*

O interessante é ler que este sujeito reclamou por ninguém o avisar sobre o início de *Laços de Família*, o que põe fim ao distanciamento que pode ocorrer com a internet. Como se estivesse falando com alguém próximo, diz que ficou triste. Esta análise reforça a ligação, como explicado por Wolton (1996), que a televisão estabelece uma aliança entre o particular e o coletivo.

Outros dois comentários expuseram um sentido negativo para a personagem Capitu e o outro descreve estar pronto para a “lenga-lenga”.

*RT @nononono: E a Giovanna Antonelli também poderá ser vista como a sofrida Capitu #LaçosDeFamília*

*Já estou a postos para a lenga-lenga diária. #LaçosDeFamília*

Percebemos recados que direcionam um sentido ruim para a história. Como Giovanna Antonelli estava no ar com a personagem Atena, em *A Regra do Jogo*, na Rede Globo, o telespectador anuncia que ela poderá ser vista também em *Laços de Família*. Trata-se de uma classificação compartilhada por alguém. Entretanto, outro comentário expõe a história como parada, sem movimento, mas que, mesmo assim, vai assistir. Notamos que, a despeito desses pontos negativos, há uma audiência que quer ver e acompanhar a história.

Na sessão seguinte serão apresentados todos os comentários que apareceram na Classificação 4 – Recordação, visto que o principal objetivo desta tese é a análise das memórias dos telespectadores do Canal Viva.

### **5.2.2 Análise das falas da Recordação**

Esta sessão apresenta os comentários dos telespectadores de *Laços de Família*, classificados na Categoria 4 – Recordação. Como explicado, a exemplo da análise de *Cambalacho*, consideramos necessário expor separadamente estas postagens, por possibilitar um melhor detalhamento das memórias dos que assistem e comentam no site de rede social *twitter*.

Tivemos o total de 51 mensagens, sendo que, dessas, 11 foram categorizadas como negativas, 11 positivas e 29 neutras, diferente de *Cambalacho*, que apresentou um conjunto com 33 postagens. Além disso, para esta última, o público não escreveu nenhuma

recordação com aspectos negativos. Percebemos, desta forma, que para a telenovela de 1986 não foram registradas memórias ruins.

Em relação aos aspectos positivos das recordações, observamos as expressões “gostava”, “era chique” e “tornei fã” como conteúdos que direcionam alguma satisfação, mas que consistem em verbos conjugados no tempo passado, o que entendemos como referências de memórias advindas da telenovela *Laços de Família*.

*Lembro q gostava muito dessa personagem de Debora Secco nessa novela.  
#LaçosDeFamilia*

*Na época de #LacosDeFamilia era chique dirigir falando ao celular.  
#LacosDeFamiliaNoVIVA*

*@nononono @gio\_antonelli foi em #LaçosDeFamilia que me tornei fã da Gio. Eu tinha 11 anos e tb fã da @cadieckmann MUSAS*

Vimos um sujeito manifestar a lembrança pela sua preferência, ao dizer seu gosto pela atriz Deborah Secco; outro fez menção a um período em que se podia dirigir e falar ao celular ao mesmo tempo; e uma terceira pessoa estabeleceu um diálogo com um amigo ao marcar com “@” o perfil de outro usuário. Nesse, o sujeito lembrou que possuía 11 anos quando conheceu melhor as atrizes Giovana Antonelli e Carolina Dieckmann através da telenovela.

Os comentários acima expõem algumas das lembranças que o Canal Viva proporcionou. Podemos relacionar essas situações com o que Bergson (1999) destaca sobre o corpo potencializar as imagens externas e estabelecer o vínculo com o mundo. Pensamos as cenas como objetos diante do sujeito e que estabelecem uma percepção. Para Bergson (1999), as percepções estão sempre impregnadas de lembranças e fazem retomar uma memória, mesmo sendo antiga.

Novamente, percebemos que, mesmo constituindo uma atividade individual, há uma relação coletiva na memória. O fato de lembrar como era fã da atriz e que gostava de uma personagem confirma que há outras pessoas e grupos na constituição de memórias. Neste caso, o Canal Viva apresenta a função de socializar (WOLTON, 1996; FÉRRES, 1998) e impulsiona, com as reprises, recordações que são coletivas. Um dos sujeitos lembrou a idade, 11 anos, ao rever as personagens. Halbwachs (2003) diz que a memória é adquirida pela participação do indivíduo em grupos de referência. No ano 2000, quando a telenovela foi exibida pela primeira vez, esse telespectador pertencia a grupos de referências e a narrativa

das 21 horas, transmitida pela Rede Globo, provavelmente, era um deles. Em 2016, quando ele assiste novamente “aquele grupo”, as memórias aprendidas (IZQUIERDO, 2011) são recuperadas. Mesmo estando ele em outras comunidades, aquela de anos atrás é acionada. Consiste numa relação teleafetiva da memória, visto ser a TV este lugar de pulsões, que recria um laço social com a interferência do passado.

O mesmo acontece com as lembranças de uma trilha sonora.

*#LaçosDeFamília ótima trilha sonora, ótima nostalgia ??*

*Sou muito apaixonado por essa música desde pequeno e não me aguento de emoção por voltar a novela. #LaçosDeFamília <https://t.co/8OyIxoG3UI>*

Nestes comentários percebemos duas pessoas escrevendo sobre a emoção que sentem ao escutar as músicas de *Laços de Família*. O primeiro considera ótimas as canções e vem o sentimento nostálgico. O segundo se refere à paixão que sente pela música e que desperta emoção ao rever a telenovela.

Importante refletirmos sobre isso. São duas “falas” significativas, pois trazem questões emocionais fortes. Este “voltar a novela” confirma a programação do Viva como um lugar de revisitação (HALBWACHS, 2003). O telespectador volta no tempo ao estar diante do programa assistido. Para Pollak (1992), estamos constantemente diante de personagens e lugares que proporcionam um reencontro com o passado.

As trilhas sonoras das telenovelas podem ser estes “lugares”, assim como as personagens da história e outros elementos que fazem o enredo. Nos comentários abaixo, percebemos as saudades de atores e atrizes e como as reminiscências podem levar a outros objetos, não só os que estamos assistindo no momento.

*Que saudade que eu tava da Marly Bueno <3 #LaçosDeFamília*

*Ihhh...Antony e Dona Nenê!!!! Me deu uma saudade de verdades secretas!!!! #Laçosdefamilia*

*NÃO consigo lembrar a música de abertura de #LaçosdeFamília. Só me vem o "quando a luz dos olhos meus.." de Mulheres Apaixonada kkkk*

Relacionamos que a televisão pode trazer desdobramentos quando aciona recordações. As memórias evocadas, quando diante da reexibição do Canal Viva, impulsionam para outras memórias. Isso consiste na força da TV como mecanismo de recuperação de reminiscências. Os dois comentários acima lembraram outras histórias através

das imagens de *Laços de Família*. Um deles demonstra uma saudade da telenovela *Verdades Secretas*, exibida em 2015, no horário das 23 horas na Rede Globo. Nesse *tweet*, percebemos três narrativas. Antony era a personagem de Reynaldo Gianecchini e Dona Nenê foi interpretada por Marieta Severo em *A Grande Família*. Ambos os atores estão na obra de Manoel Carlos. Ele como Edu, e ela, Alma. O mesmo acontece com o “esquecimento” da música de *Laços de Família*. *Mulheres Apaixonadas*, também de Manoel Carlos, traz a personagem Helena vivendo outro drama familiar. O trecho da canção “quando a luz dos olhos meus” foi lembrado e este consistia do tema de abertura daquela outra história. Essa “mistura” de lugares revisitados num mesmo instante acontece em função dos pensamentos associativos (FERRÉS, 1998) que as imagens proporcionam.

No que se refere à memória, *Mulheres Apaixonadas* e *Verdades Secretas* podem ser referências de boas histórias e emoções sentidas, visto a lembrança delas. Ferrés (1998) explica que, num processo de transferência afetiva, há elementos positivos e negativos, tanto para coisas ou pessoas, e que isso ocorre em função dos sentimentos transportados.

*#lacosdefamilia bate uma nostalgia louca*

*Nossa, tá passando #LaçosDeFamília, e que saudade ? Primo da Talitinha nesse tempo era só o filé ??*

*Eu estou só querendo a novela que marcou minha vida #LacosDeFamilia e é no @canalviva as 23h45 <https://t.co/Rpbv0tbznV>*

Consideramos as saudades comentadas acima como positivas. Trouxe novamente a nostalgia, a lembrança de um tempo e de um período importante na vida de um dos telespectadores.

Há uma memória afetiva nesses *tweets*. A telenovela proporciona ao sujeito recordações que manifestam emoções. Como visto, Le Breton (2009) destaca que estamos emocionalmente ligados ao mundo de forma afetiva. Um dos comentários descreve uma “nostalgia louca”. Ao analisarmos o sentido da expressão, percebemos algo que é bom de sentir. O ser nostálgico, por ser um elemento afetivo, faz bem. Consideramos uma emoção positiva, de acordo com as considerações de Le Breton (2009), pois as emoções carregam traços da memória de um indivíduo que pensa e agrupa as lógicas pessoais e sociais, com base no que vê sobre os outros e sobre o mundo. Consideramos a nostalgia um sentimento que surge desta relação das pessoas e com o que está ao seu redor. A televisão auxilia nessa construção.

No entanto, as lembranças evocadas por *Laços de Família* possuem alguns aspectos negativos. Assim como vimos comentários bons sobre personagens e atores, ao classificarmos, seguindo as concepções metodológicas, percebemos algumas recordações não positivas. As expressões “insuportável”, “fugiu de uma festa a fantasia”, “não suportava”, “compartimento do inferno” demonstram isso.

*Lembrando o qt a Clara é insuportável #laçosdefamilia*

*Essa Ciça era uma personagem insuportável. Acabei de lembrar que não gostava dela. #LaçosDeFamília*

*Ciça parece que fugiu de uma festa a fantasia dos anos 80. #LaçosDeFamília*

*@canal.....nessa novela #LaçosDeFamilia não suportava o personagem de Débora secco. ...chata e nojenta!!!*

*Muito quente no Rio de Janeiro...Lembrei da Branca: Que calor é esse? Isso aqui tá parecendo o compartimento do inferno... #LaçosDeFamília*

Em todos esses *tweets*, os telespectadores descreveram lembranças ao assistir *Laços de Família*. Mesmo negativas, percebemos um sentimento descrito. Le Breton (2009) explica que o amor e a raiva estão mais propícios a enraizarem e a estar mais nas práticas vividas no dia a dia. São reflexos de emoções vivenciadas. A memória afetiva, nesse caso, é retomada por essas irritações e aversões, advindas da experiência televisiva, mesmo 16 anos depois. Ao reconstruir esses laços sociais, carregados de vibrações pelas emoções evocadas pela TV, tem-se a memória teleafetiva.

Em *Cambalacho*, não percebemos recordações desse tipo, em que o conteúdo pudesse representar sentimentos de fúria, agressividade ou frustração. Todas as recordações analisadas na história de Silvio de Abreu foram escritas com emoções mais positivas.

Afirmamos que a memória afetiva do telespectador pode ser composta por coisas que o agrada ou não, dependendo do conteúdo que a televisão mostra, e, com isso auxiliam nas evocações. Se a memória é aquisição, formação e evocação de informações (IZQUIERDO, 2011), a programação do Canal Viva rememora algo que foi adquirido tempos atrás.

A telenovela *Laços de Família* também trouxe recordações sobre algum momento triste na vida de alguns espectadores.

*2000 foi um ano muito bom eu estava crescendo feliz numa escola que eu gostava e era bem aceita depois tudo virou merda! #Lacosdefamilia*

*#Lacosdefamilia me deixou deprimida kkkkkkkk poxa eu era feliz, saudável e nem era gorda.*

*#laçosdefamilia eu que era triste descrente desse mundo... Amo*

*Gente chorei tanto com essa novela #laçosdefamilia*

Novamente percebemos memórias de afetos mais dolorosos e difíceis. Nas postagens, um telespectador descreve que, no ano 2000, era feliz, mas que agora, tempos depois, “tudo virou uma merda”. Na “fala”, presenciamos uma volta ao passado através da telenovela. Lembrou momentos naquele ano e que, para ele, eram felizes. Pareceu-nos um sentimento de perda, de insatisfação com tempo presente. O Canal Viva o fez retornar para aqueles momentos alegres.

Num outro *tweet*, vimos uma telespectadora “deprimida”, porque lembrou que não era gorda durante a primeira exibição. Sorriu com a situação, através da expressão “kkkkkkkk”, mas mostrou uma lembrança triste, que “era feliz” somente antes.

O terceiro comentário acima demonstrou que, mesmo amando a história, lembrou que “era triste e descrente desse mundo”. Novamente outro sentimento negativo, mas mostra que, talvez, no presente, não sinta mais isso. Vimos a narrativa evidenciar uma descrença que ocorria durante a primeira exibição, mas que, ainda assim, existe um amor manifestado por ela. O quarto rememora que a telenovela o fez chorar muito. Justamente por ter como tema central a luta de uma mãe e de uma filha pela cura de um câncer.

Percebemos com as análises, uma contradição em relação aos sentimentos apresentados. Enquanto uns na categoria positiva (5.2.1.1), descreveram sobre a beleza dos atores e atrizes, elementos que não apareceram em *Cambalacho*. Há ainda recordações e sentimentos de infelicidade e insatisfação, os quais também não apareceram na história analisada de 1986.

Retomamos Huyssen (2000) para explicar que estão nas recordações os nossos elos com o passado, e a forma como lembramos nos define no presente. Essas memórias afetivas ajudam a entender como estão os telespectadores hoje. Podemos relacionar esses sentimentos às experiências individuais e coletivas, proporcionadas pelo Canal Viva.

Para Pollak (1992), a memória, mesmo flutuante e mutável, permanecem invariantes. Neste sentido, estes afetos mostrados nos comentários observados, mesmo individuais, estão inseridos num contexto coletivo e contribuem para a formalização de uma

constituição individual da memória. Isso porque, de acordo com Pollak (1992), estamos constantemente diante de recordações “vivas por tabela”, que auxiliam na composição da memória. A televisão pode ser um destes mecanismos que influenciam na constituição de memórias de forma indireta. O que aconteceu com o sujeito naquele ano (pegamos como exemplo o ano 2000, período em que *Laços de Família* foi exibida na Rede Globo), está indiretamente ligado à história que ele assistia. Em 2016, ao rever as cenas, lembrou-se de fatos de sua vida individual. Foi preciso a evocação externa para rememorar as afetividades.

Nas próximas postagens, identificamos lembranças gerais da audiência.

*Sempre tive pena das lavadeiras/passadeiras/empregadas das novelas. Sempre vi minha mãe nelas. #LaçosdeFamília*

*Nunca me chamaram de piranha, xatiada #LaçosDeFamília*

*meu deus a mesa do almoço da novela durante o governo fhc eu tô passando mal #laçosdefamília*

Constituem comentários com abordagens negativas por encontrarmos palavras como “pena”, “piranha”, “xatiada” e “mal”. Novamente, para dar esses sentidos e trazer as recordações, foi preciso que esses telespectadores revisitassem um local para acionar a memória. Estes lugares (HALBWACHS, 2003) servem, segundo Bosi (1994), para refazer, reconstruir e repensar o passado. Para a autora, memória é trabalho e está à nossa disposição muitas imagens para auxiliar nesta recomposição. No entanto, ao nos depararmos com elas num tempo presente, as enxergamos diferente, justamente por possuímos outros pontos de vista. Bosi (1994) esclarece que, por mais real que possa parecer uma lembrança, ela não é a mesma quando evocada tempo depois, isso porque as pessoas mudam.

O mesmo relacionamos com o público do Canal Viva ao postar essas mensagens. Um deles lembrou a mãe, ao rever as empregadas na telenovela; outra se diz zangada por nunca terem a chamado de “piranha”; e o posterior se diz passar mal, ao ver a mesa do almoço na época em que Fernando Henrique Cardoso era presidente do Brasil.

Ao olhar tempos depois para as imagens, o público rememora com a consciência que ele possui nos tempos atuais. A televisão tem esta capacidade de trazer as recordações. As cenas reexibidas funcionam como uma espécie de fotografia a ser revelada. Assim como no processo de revelação fotográfica, à medida que o líquido químico vai penetrando no papel, a imagem surge de forma lenta até estar completa. As imagens que são reprisadas na televisão possuem um processo semelhante. Cada vez que as olhamos, nosso cérebro as reconhece e

aos poucos se formalizam através de um “revelador”, que, nesse caso, podem ser as percepções evocadas. Só evocamos porque aprendemos, destaca Izquierdo (2011), e nesse mecanismo consiste a ativação da memória.

Foram afetivas estas três últimas postagens analisadas por terem demonstrado pena das empregadas, por ver sua mãe neste cenário, por ter ficado chateada e por passar mal diante da mesa de um almoço. Evidenciamos que se trata de três telespectadores distintos, mas com recordações emocionais advindas de uma programação.

A seguir, nos comentários neutros, vimos recordações de situações, objetos e sentimentos, mas não evidenciando aspectos positivos ou negativos.

*Hora de assistir #LaçosDeFamilia ???? Que saudade dessa novela!*

*Matando a saudade... #LaçosdeFamília ?*

*Lembro q chegou uma hora q Edu e Helena lambiam até a lente da câmera, muita paixão, né? #Laçosdefamilia*

*Olha! Nem lembrava que tinha @ShaniaTwain na novela #LaçosDeFamília no @canalviva! #shaniatwain*

*Nessa época a novela ainda era gravada nas próprias ruas do bairro, algo que hoje raramente acontece. #LaçosDeFamília #LaçosDeFamíliaNoViva*

*Os takes são tão longos que até lembro de Pantanal... #LaçosDeFamíliaNoViva #LaçosDeFamília*

Vimos nestas postagens, novamente, a presença da saudade e de lembranças sobre a telenovela e até de outra, ao comparar a distribuição de tempo entre os capítulos. Há elementos na história que constituem as memórias afetivas. O amor entre os protagonistas pode ser um deles. O público deve ter ficado emocionado com o drama vivido entre eles e a filha com câncer. Como discutido em Ferrés (1998), as pessoas se movem por seus sentimentos e temores, e a televisão faz criar afetos e sentimentos de forma não consciente.

Talvez por isso, *Laços de Família* tenha apresentado muito mais intensidade e contrariedade nas manifestações afetivas da memória, do que em *Cambalacho*.

Comentamos anteriormente sobre os aspectos positivos e negativos formalizados através das lembranças com a trilha sonora. Abaixo, trata-se de conversa com um amigo e diz que “automaticamente” se lembra de *Laços de Família*.

*@nononono essa música automaticamente me lembra #laçosdefamilia sempre!!!*

O mesmo ocorre com as lembranças de personagens, atrizes e atores da história.

*Nessa época, Gianechine tava com a Gabi, né? #LaçosDeFamília*

*Xuxa Lopes, sdds #LaçosdeFamília*

*Nem lembrava que o Boaventura tava nessa novela #lacosdefamilia*

*@nononono: Paulo Zulu era o homem do momento #LaçosDeFamília  
#LaçosDeFamíliaNoViva*

*Não lembrava da Lavínia em #LaçosDeFamília! #LaçosDeFamíliaNoViva*

*@canalviva Que saudade de #FlavioSilvino . #LacosDeFamilia #CanalViva ?*

*Saudoso Fernando Torres. #LaçosDeFamília #LaçosDeFamíliaNoViva*

Nestas “falas”, assim como em algumas recordações advindas com *Cambalacho*, percebemos também as saudades de atores e atrizes. Xuxa Lopes, Flavio Silvino e Fernando Torres foram lembrados. Novamente o Canal Viva atuando não só como arquivo da televisão, mas promotor de lembranças de artistas que não atuam mais na televisão ou que já morreram. Do mesmo modo, lembraram-se de Marília Gabriela, ex-esposa de Reynaldo Gianecchini, dos atores Daniel Boaventura e Paulo Zulu e da atriz Lavínia Vlasak.

Percebemos que a telenovela cria circunstâncias, conforme explicado por Halb wachs (2003), para que as lembranças possam ser despertadas. Assim, ao rever o artista em cena, mesmo anos atrás, o público lembra-se dele e memórias afetuosas poderão surgir.

O mesmo pode acontecer com objetos. Nos *tweets* abaixo analisamos os comentários sobre o celular, o computador e o modo de se produzir e revelar fotografias na época de *Laços de Família*.

*Na época, o celular ainda estava começando a ficar popular. #LaçosDeFamília*

*No ano 2000, os celulares não tinham bina e as pessoas deixavam msg na caixa postal. #laçosdefamilia*

*Em 2000 as pessoas usavam o computador desse jeito #LacosDeFamilia  
<https://t.co/pZNBcMyDzj>*

*"Será que minha mãe ainda tem o negativo?" #saudades #LaçosDeFamília*

Verificamos que, assim como as pessoas, os objetos de cenas também mudam. Em *Cambalacho*, percebemos que o “olhar” para os atores, em alguns momentos, trouxeram comentários engraçados pela forma de se vestir ou como utilizam alguns utensílios ou produtos. No caso de *Laços de Família*, por ser um tempo menor de exibição (16 anos), os intérpretes quase não mudaram fisicamente, diferentes do celular, do processo fotográfico e do computador, que constantemente são atualizados.

Encontramos nessas postagens uma espécie de saudosismo com o objeto antigo. Talvez a saudade esteja em reencontrar estas peças, em lembrar como eram, trazendo um sentimento que faz bem para quem rememora. O público que acompanha pela primeira vez estas telenovelas do Viva acessa um tempo em que não viveram. Não só a família, mas a televisão também pode contribuir para o que Pollak (1992) chama de “memória herdada”. Consideramos este um fator relevante para o Canal: o de passar de gerações para gerações os hábitos, os costumes e as tradições de tempos atrás.

Importante avaliarmos que há sempre algum tipo de recordação se referindo ao ano em que a telenovela foi exibida. Trata-se de uma audiência que sabe o momento em que as telenovelas foram apresentadas pela primeira vez. Em *Cambalacho*, alguns *tweets* se referiam ao ano 1986, e em *Laços de Família*, como descritos a seguir, o público faz referência ao ano 2000.

*ahhhhhh os anos 2000 #lacosdefamilia*

*Reminiscências dos anos 2000 #LaçosdeFamília #MelhorNovela*

Percebemos que o início do milênio trouxe alguns sentimentos afetuosos para esses telespectadores. Ao lermos a frase “ahhhhhh os anos 2000”, analisamos que a década pode ter boas lembranças para a pessoa que escreveu. A mesma coisa, no segundo post, que utiliza a palavra “reminiscências”.

Contextualizamos com Le Breton (2009), ao relacionar que a afetividade não possui raízes fixas apenas em um momento da vida das pessoas. Os afetos se relacionam quando provocados por algum fato ou pela importância significativa dada ao tempo em que é lembrado. Assim, analisamos a memória afetiva em relação aos anos 2000 nessas falas. Por não serem presas, voltam com a evocação dada pelo Canal Viva.

O tempo da infância e da adolescência também apareceu nos comentários do público que assiste *Laços de Família*. Podemos ver a lembrança de um relógio presenteado, a turma da faculdade, a paquera com o vizinho, o desejo de ser atriz quando criança e as idades que tinham quando a telenovela foi ao ar na Rede Globo.

*Edu ganhou o relógio. Igual à realidade. Certa vez minha professora da 8ª preparou uma cesta para sorteio e ela mesma ganhou. #LaçosDeFamília*

*Última turma dos anos 90! ... .. #LaçosDeFamília ... .. Ai, gente... Eu fui a última turma dos anos 90 na facul! ? #LaçosDeFamília*

*A Iris lembra minha adolescência que ficava secando o vizinho casado. #lacosdefamilia*

*@emillydias24 mas é sério, desde mt pequena sempre quis ser atriz e #LaçosDeFamília me fez ter certeza*

*Essa novela é do ano 2000 se passaram 16 anos.. Eu tinha 4 anos ????*

*Eu tinha 8 anos na época de #lacosdefamilia ?*

Consideramos os acontecimentos relatados repletos de afetividade. Há nestas “falas” uma forte relação com as suas memórias afetivas. Para Le Breton (2009), a afetividade se constitui na mistura de acontecimentos significativos que colocamos em prática, tanto de ordem pessoal, quando coletiva.

Talvez naquele momento em que estavam vivendo as situações descritas, os telespectadores não demonstravam grande importância. Tornou-se grande na rememoração pela teleafetividade da memória.

O Canal Viva tem o indicativo de potencializar as memórias de um tempo, que foi significativo, vivido, mas que ficou para trás. Volta com a reexibição da programação. É pelo grupo de referência, diz Le Breton (2009), que a emoção é indicada. *Laços de Família* fez parte de um coletivo que vivia sua vida separadamente, mas unificado pelo laço social amarrado pela TV.

Tempos depois, o mesmo laço, como já comentado, volta num sentido dúbio. Não esquecemos o tempo em que o primeiro foi “atado”. No presente, o reconstruímos com a interferência do passado e com as experiências.

O tempo é algo que olhamos com admiração, por parecer passar tão rapidamente. Os comentários a seguir expressam este contexto: um tempo não parado e que “voa”.

*Laços de Família me fazendo voltar no tempo!!!! O tempo voa, cara! #viva #laçosdefamília*

*Assistindo: #LaçosDeFamília no @canalviva... Como o tempo voa gente!*

Foram de 16 anos o intervalo entre a primeira exibição, na Rede Globo, e a reprise no Viva. A telenovela trouxe essa sensação de velocidade com o passar dos anos. Refletimos que as horas passam da mesma forma como antes, o que muda é noção do tempo que temos.

A forma de fazer e assistir televisão alterou-se. A hipertelevisão (SCOLARI, 2014) caracteriza o aceleração da narrativa, a fragmentação das telas, a multiplicação dos programas narrativos, as histórias não sequenciais, a expansão e as narrativas em tempo real. Essas peculiaridades acompanham a evolução social.

Da mesma forma, a pós-televisão (CÁDIMA, 2001) trouxe ubiquidade, interatividade, imersão, hibridiz e mediação. Ou seja, mudanças tecnológicas nos colocam diante de um tempo mais ágil. Resta à televisão acompanhar.

O que favorece essas transfigurações é a própria interação social com a *SocialTV*, que, segundo Cádima (2014), possibilita experienciar e partilhar, em comunidade, os prazeres, o que faz bem, as memórias e a história de cada um. Conhecemos, nas postagens analisadas até o momento, esses elementos pontuados pelo autor. Deparamo-nos com as memórias, que, para nós, foram afetivas, e com certa dose de hedonismo exposto na rede.

Entretanto, após a análise desses dados, reafirmamos que há uma memória teleafetiva também nos telespectadores de *Laços de Família*, sendo ela aquela que é reformulada e recuperada por uma nova experiência ao rever na televisão, revisitando cenas de um tempo que trouxe pulsões com as recordações. O laço social foi reconstruído com as emoções e os afetos. Percebemos que, diferente de *Cambalacho*, nesta análise os telespectadores manifestaram sentimentos de dor e tristeza, o que também explica a audiência do canal. Não só de alegria e felicidade é composta a memória afetiva. Trouxe prazer e uma nostalgia ao telespectador, mesmo num sentido negativo.

A sessão seguinte apresentará a análise das relações e coocorrências dos termos estudados.

### 5.3 ANÁLISE DAS RELAÇÕES E DAS COCORRÊNCIAS

A proposta desta seção é analisarmos as relações e as coocorrências entre os dois termos pesquisados na ferramenta *twitter*: *Cambalacho e Laços de Família*

#### 5.3.1 Análise das coocorrências – classificação positiva e negativa

Percebemos que nas duas telenovelas foi registrados um menor número de comentários negativos. Foram 67 para *Cambalacho* e 73 para *Laços de Família*, sendo que os positivos totalizaram 269 e 202, respectivamente.

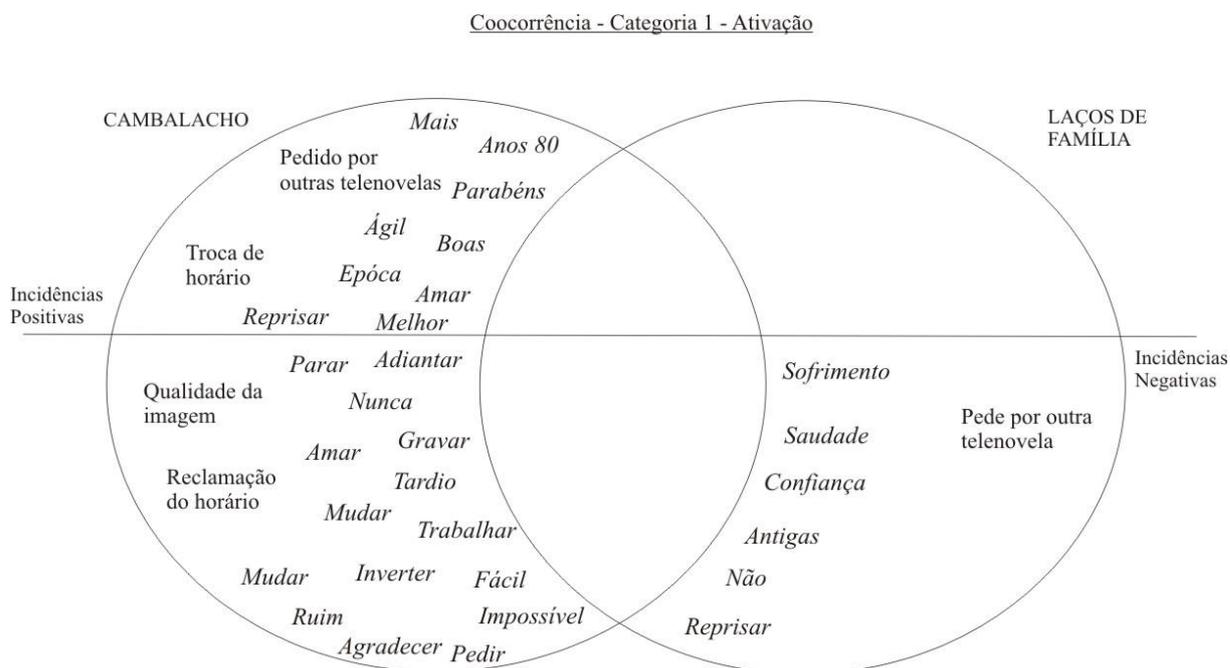
Nesta primeira coocorrência, verificamos que estrategicamente o Canal Viva possui boa aceitação do público. Há manifestações bastante favoráveis à programação. Neste primeiro indicador, há uma audiência que procura o canal, e que os números negativos são poucos em comparação com os positivos e neutros. Mesmo quando é ruim, o comentário trata de algo específico da telenovela, como vemos a seguir. Este fato demonstra que há uma satisfação do telespectador perante a programação *déjà vu*.

Como proposta metodológica, traçamos ao final da pesquisa a análise das relações e das coocorrências, com o objetivo de visualizar com as incidências, os elementos e as unidades semânticas que aparecem nas postagens sobre as telenovelas investigadas.

Nas figuras abaixo, seguindo o modelo traçado na metodologia, descrevemos os sentidos semânticos que apareceram nos comentários (apresentados nas subcategorias) e os adjetivos, os verbos, os elementos e os sentimentos expressados pelos telespectadores.

Para compreensão e leitura dos próximos dados, os sentidos semânticos são **d**escritos com as palavras em não itálico e os adjetivos, os verbos e os sentimentos estão *grifados em itálico*.

Figura 9 – Coocorrência – Categoria 1



Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

Na primeira categoria, não obtivemos elementos comuns entre as duas telenovelas. Percebemos que as atitudes dos telespectadores, os pedidos e as reclamações ao canal tendem a ser diferentes, sendo alterados conforme telenovela é exibida.

Concluimos que se trata de um público que manifesta desejos, mas que, para o Canal Viva, estas solicitações tendem a ser variadas, por ser a TV uma tecnologia de ebulição (OROZCO, 2014), visto que há sempre as expectativas do público em relação ao que é exibido. Refletimos que o Viva “atua” como a “boa televisão”, que, segundo Cannito (2010), consiste em ser dialógica.

A memória afetiva, nesta categoria, só é percebida quando solicitam telenovelas (estas lembradas a partir das que estão no ar), demonstrando uma satisfação e um desejo em querer rever. Acreditamos que, estrategicamente, para o Canal Viva, quanto mais manifestações e pedidos por outras histórias o público manifestar, melhor será visto que estará diante de um telespectador que possui memórias afetivas evocadas pela programação.

A pós-televisão pode ser entendida, ao estudar o Canal Viva, como este tempo que, além de convergente e interativo, é também ativo no sentido de que há uma participação em rede dos telespectadores, pedindo por algo que o satisfaça.

Zero foram as incidências dos termos nesta categoria, mas uma relação contrária foi percebida. Houve solicitações por outras telenovelas, tanto nas falas de *Laços de Família*, quanto nas de *Cambalacho*. No entanto, as manifestações foram classificadas em grupos diferentes. Enquanto nas de Silvio de Abreu, o público solicitou outras telenovelas dentro dos comentários positivos, elogiando o canal ou a história, o público de *Laços de Família* evidenciou estes pedidos de forma negativa, criticando a obra de Manoel Carlos.

Acreditamos que quanto mais antiga a telenovela, mais positiva é a memória afetiva do telespectador. Mesmo apresentando 12 comentários positivos e 11 negativos, os telespectadores de *Cambalacho* se mostraram mais ativos, pedindo a troca dos horários, dizendo que não é possível acompanhar e solicitando outras telenovelas da década de 1980. Mesmo nas postagens que criticam o Canal Viva, há uma manifestação afetiva pela programação. Isso foi menos visto em *Laços de Família*, ao registrar somente 2 *tweets* negativos e nenhum positivo nesta categoria.

Relacionamos que foram os 29 anos de tempo entre a exibição original e a reprise no Viva os responsáveis em ativar o telespectador. Nesta classificação, presenciamos um sujeito que pede pelos anos 80, quer acompanhar a história durante a programação, elogia, parabeniza e expõe as dificuldades em assistir por conta do horário.

Esta preferência pelo passado, talvez possamos relacionar com a observação de Huyssen (2000) de que a sociedade e os indivíduos precisam dele para sedimentar identidades e ter perspectivas sobre o futuro. O comum em todas as memórias, explica Izquierdo (1989), é a conservação do passado, pois fortalece o sentimento identitário de quem somos.

Dessa forma, os telespectadores expressaram mais desejos por obras antigas, visando a um reencontro, e à confirmação do indivíduo com as imagens e as representações expostas pelo Canal Viva.

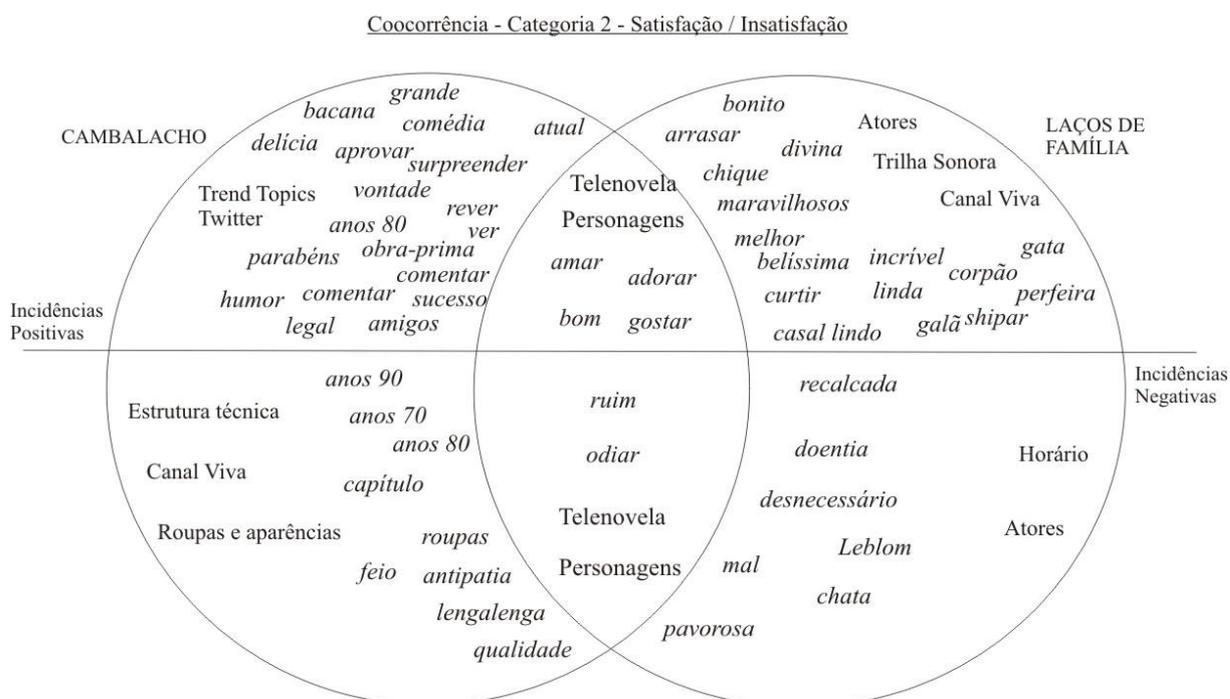
Mesmo não coocorrentes, os termos trazem algo significativo dentro desta lógica comparativa. A audiência de *Laços de Família* torna-se mais passiva.

O verbo “repreisar”, por exemplo, aparece nos comentários das duas telenovelas, só que em lados opostos. Em *Cambalacho* estabelece um sentido positivo. Elogiam a escolha do Canal Viva, pedem mais histórias de Silvio de Abreu e outras próximas àquele ano. Em *Laços de Família*, há uma relação negativa com o verbo e a história. “Falam” mal da narrativa e, por isso, pedem para reprisar obras da década de 1990. Isso demonstra o quanto o mais antigo pode ser ativador e impulsionar mais desejos no telespectador.

Nesta era pós-televisão, Cádima (2011) reforça a função do sujeito programador, que, para ele, é aquele que tem a possibilidade de ver e fazer o que quiser, quando quiser e onde quiser. O *broadcasting* dá lugar ao *egocasting*, destaca o autor.

A memória teleafetiva pode ser uma das potencializadoras desta ativação, visto que há um desejo de reconstrução, reformulação de lembranças e do laço social que foi formado tempos atrás. Mesmo de forma inconsciente, o telespectador pede por isso. A relação egocentrista aparece na pós-televisão e em função das afetividades e desejos do público que assiste o Canal Viva.

Figura 10 – Coocorrência – Categoria 2



Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

Ficou evidente na categoria 2 – Satisfação / Insatisfação, que as afetividades do público sempre serão, na maior parte, positivas. Os termos incidentes nas duas telenovelas foram os verbos “amar”, “adorar” e “gostar”, juntamente com o adjetivo “bom”. Considerações importantes para analisarmos que existem afetos nestes comentários coocorrentes, o que demonstra que a volta ao passado pelas telenovelas agrada e satisfaz uma audiência.

Mesmo apresentando aspectos negativos e críticas sobre o enredo e algumas personagens, percebemos que os comentários favoráveis são maiores. Foram registradas 193 postagens positivas para *Cambalacho* e 156 para *Laços de Família*, nesta categoria, contra 50 e 54 negativas, respectivamente.

Houve uma aceitação significativa, que demonstra um público satisfeito com o que assiste. No entanto, percebemos que as telenovelas, sempre que exibidas, irão ser elogiadas e também criticadas. Isso irá depender da preferência do público. Cada indivíduo possui suas escolhas.

As experiências do laço social (WOLTON, 1996) já havia no ambiente *off line*, nas conversas em família, nas comunidades e nos grupos de referência. Nos tempos de pós-televisão (CÁDIMA, 2001), esses efeitos saem da “sala de estar” e vão para o “sofá estendido” (FECHINE, 2014).

Se olharmos para os sentimentos e afetos de cada um, percebemos que consideram maravilhosos, bonitos, belíssimos, incríveis e bacanas o que as histórias proporcionam. Nesta categoria não presenciamos recordações, somente o que agrada ou não o público.

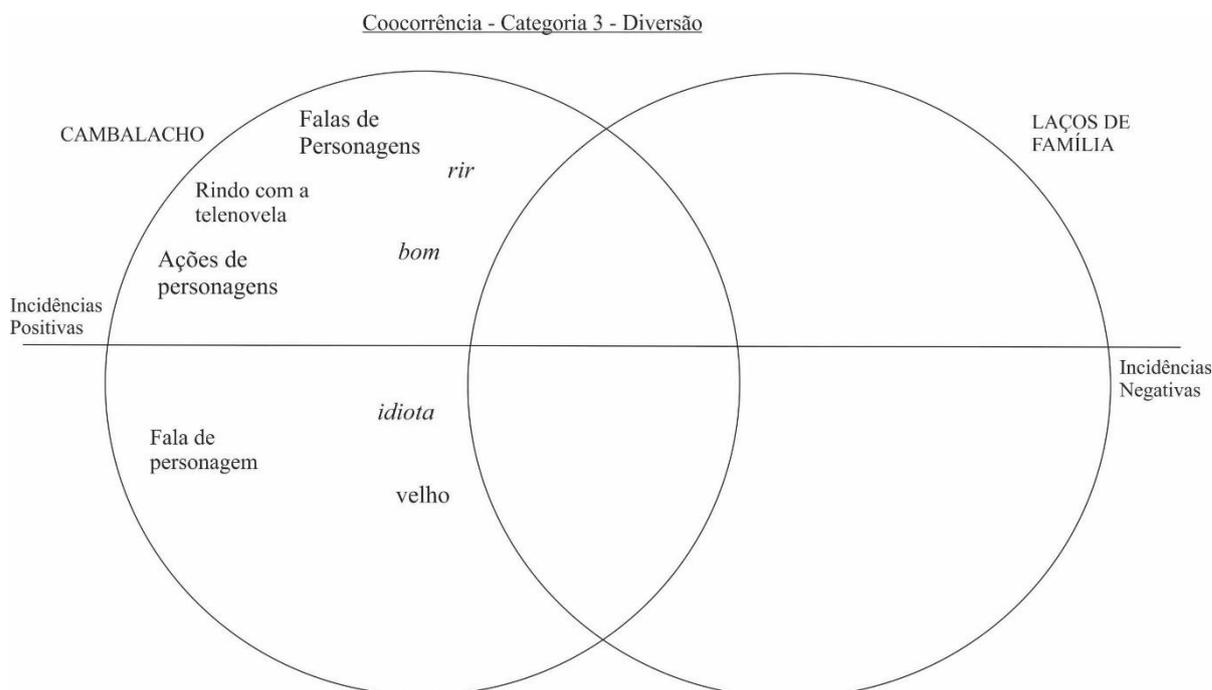
Mesmo presenciando incidências negativas, como ruim e odiar, consideramos que o público do Canal Viva sente um prazer em revisitar estas cenas. As personagens e a história contada trazem estes sentimentos de alegria e cólera, que, segundo Le Breton (2009), consiste em ser um dos mais fortes e cristalizadores nas lembranças do indivíduo. Comprovamos o que diz Ferrés (1998), ao descrever a função socializadora da TV através das emoções. No Canal Viva, com a participação na rede, evidenciamos a presença desta socialização de sentimentos.

Das duas telenovelas, a única que apresentou nas falas dos telespectadores algo relacionado ao tempo de exibição da história foi *Cambalacho*. Mesmo em sentidos contrários, “anos 80” no positivo e “anos 70, 80 e 90” no negativo, ocorreu uma referência ao passado.

Nos aspectos favoráveis, o público gostou de assistir histórias da década de 1980, como *Cambalacho*, e fez crítica ao ver a qualidade das imagens, os efeitos, ações que remeteram as outras décadas de modo pejorativo.

No entanto, manifestações assim não foram encontradas em *Laços de Família*. Mais uma vez, analisamos que quanto mais antiga, mais elementos afetivos estarão presentes. Pareceu-nos que o Canal Viva tende a impulsionar isso por acionar uma memória que é teleafetiva e associativa, visto que só ocorreram lembranças do passado por estarem diante dele na televisão.

Figura 11 – Coocorrência – Categoria 3

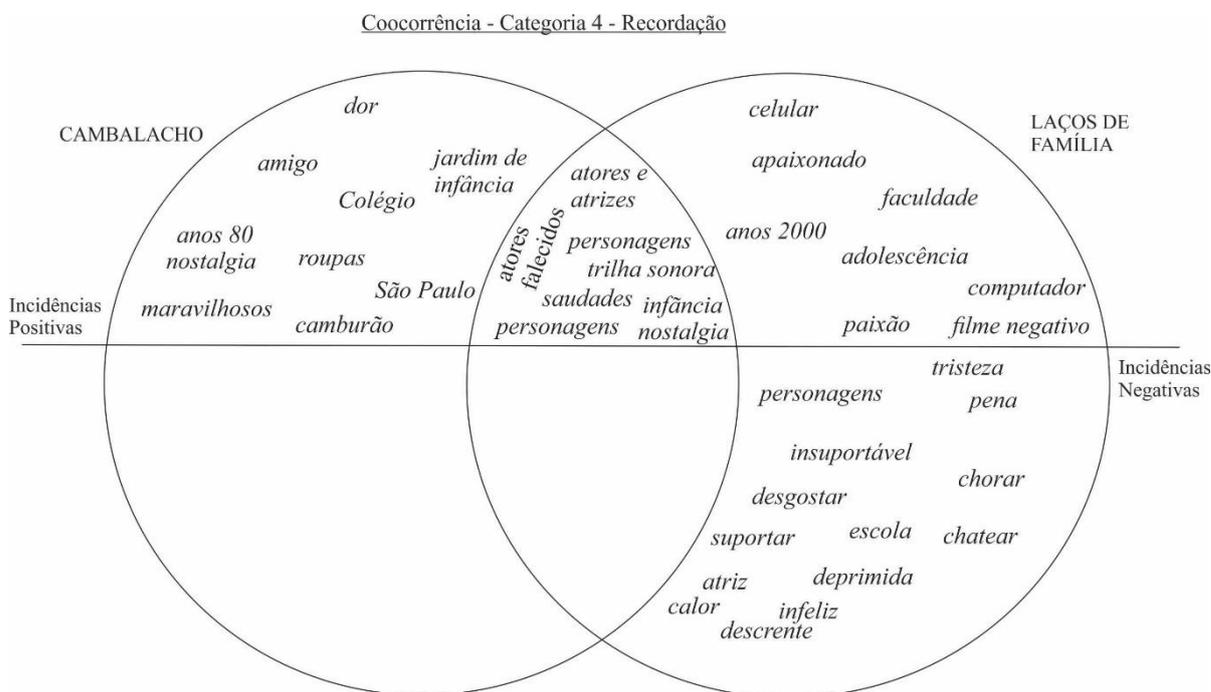


Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

Percebemos que o telespectador manifesta algum tipo de diversão, rir de alguma cena, de algum personagem, somente quando a história permiti. Em *Laços de Família*, por ser um drama familiar, não resultou em comentários classificados nesse tipo de conteúdo. No entanto, é importante que o Canal Viva pense o humor como estratégia para a conquista da audiência, visto a alegria ser um sentimento cristizador (LE BRETON, 2009) para as memórias.

Contudo, nos termos que apareceram somente em *Cambalacho*, percebemos a diversão com as personagens e com o enredo apresentado. A memória afetiva pode ser acionada com elementos que evoquem algum tipo de recordação. A felicidade é um afeto. Por isso, a consideramos dentro de uma estrutura teleafetiva. Pareceu-nos que quanto mais elementos do passado estiverem presentes, maior será a relação com a diversão. Não só o fato de ser um drama, mas *Laços de Família* não evidencia um tempo longínquo desde a sua primeira exibição. Como dito anteriormente, a aparência física, figurino, maquiagem e cenários não mudaram muito. Não trouxe este retorno ao tempo como na telenovela de 1986.

Figura 12 – Coocorrência – Categoria 4



Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

Verificamos que o Canal Viva, ao reprisar as telenovelas, traz evocações de memórias afetivas e que, com elas, o telespectador passa a recordar situações, objetos e outros elementos. Na coocorrência dos termos comuns entre *Cambalacho* e *Laços de Família*, percebemos que o público volta a lembrar do ator e da atriz que fez determinado personagem. Os que morreram também são recuperados nestas memórias.

As personagens também são peças fundamentais para a recuperação das lembranças afetivas. Com elas e outros objetos em cena, o público lembra situações, lugares e acontecimentos vividos. Averiguamos que em comum, nestas duas obras, aparecem as recordações de um tempo de infância. A audiência atual é composta também por um público que pouco acompanhou ou não assistiu as histórias, visto que eram crianças quando as telenovelas foram exibidas. Analisamos este dado ao fato de que em alguns comentários os telespectadores demonstraram que eram muito pequenos quando as telenovelas foram ao ar. Isso explica que a audiência do Viva não é composta somente por um público que deseja rever a telenovelas. Há telespectadores que assistem pela primeira vez.

Analisamos que a preferência por estar diante de uma narrativa antiga está articulada nesta relação de afetividade, visto que, quando eram menores, os grupos de

referência, que faziam parte de suas vidas, deixaram marcas ou sentidos e que são recuperados ao estarem diante “daquele tempo”. Como visto na introdução, no último trimestre, entre de outubro a dezembro de 2016, se somarmos os dados de audiência, temos 48% do público de 35 a 59 anos e 21% entre 18 e 34 anos. Além de ter um público que acompanhou, direta ou indiretamente, as duas telenovelas quando exibidas anteriormente, há dados que comprovam que jovens assistem ao canal.

Acreditamos que é a nostalgia de um tempo vivido que agrada este tipo de público, algo que deseja ser revisto na televisão.

As trilhas sonoras também foram lembradas. Pontuamos na análise que as músicas podem ser estes “lugares” (HALBWACHS, 2003) de revisitação. Não só as telenovelas funcionam como uma localidade de recuperação de lembranças, como também as canções.

Se relacionarmos que a TV propicia e recicla identidades coletivas, além de estabelecer mecanismos simbólicos comuns (CÁDIMA, 2006), temos nas trilhas sonoras uma extensão destes simbolismos e outras “discursividades” atribuídas pelo audiovisual (CÁDIMA, 1996).

A maioria das personagens possui uma música tema, que, ao ser tocada, também traz um recordar. Podemos analisar que, tanto as imagens, quanto as canções, auxiliam nos “*déjà vu*”. O sentimento de nostalgia apareceu como uma incidência entre as duas telenovelas. Ou seja, o público traz e descreve esta sensação nostálgica de forma positiva. Há prazer em sentir.

O mesmo observamos em relação à saudade. O telespectador demonstra esse sentimento ao rever as cenas. Sente uma satisfação e potencializa afetos diante dela. Le Breton (2009) explica que as afetividades configuram-se em um conjunto de acontecimentos significativos, tanto pessoal, quanto coletivo.

Dessa forma, concluímos que a memória afetiva surge em função da vontade de reviver ou lembrar ações individuais ou em grupos. Por isso, a chamamos e a confirmamos no caso do Canal Viva, de memória teleafetiva.

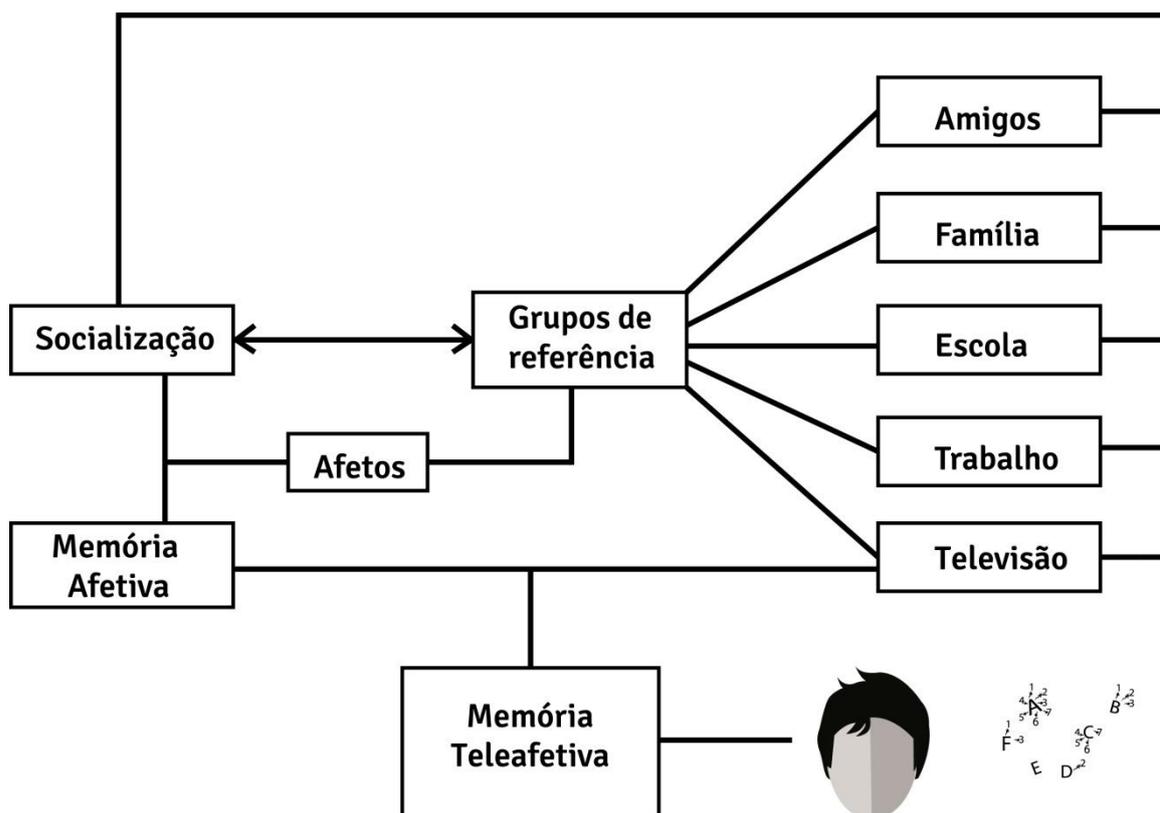
Este laço social gerado num primeiro momento, tempos atrás, é retomado e tem um sentido novo através da rememoração. Acreditamos que há uma força do sujeito em querer reconstruir este laço. A TV esteve presente na coletividade e na socialização em 1986 e em 2000, ao relacionar os objetos estudados nesta tese. Ao visitar os lugares com o Canal Viva, o laço reaparece, com outro fio, agora duplo. O primeiro configurado com aquilo que foi vivido no passado, e o segundo, no presente, com as interferências do primeiro e

“costurado” com recordações afetuosas. Lembranças que podem ser tanto alegres, quanto tristes.

Percebemos que os "quadros sociais" (HALBWACHS, 2003) contribuem para estas observações. Afinal, a memória é sempre coletiva. Os telespectadores estão constantemente em contato com grupos de convívio e de referências. Mesmo cada um possuindo memórias individuais, estas acontecem no dia a dia, no contato com as outras pessoas.

A figura a seguir demonstra visualmente como a televisão pode estar relacionada como grupo de referência do telespectador e, com isso, fazer parte do contexto vivido por ele, tanto no passado, como no presente, ao “revisitar” a programação no Canal Viva.

Figura 13 – Grupos de referência e movimentos da memória teleafetiva



Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

A coletividade da memória contribui neste movimento. Lembremos que, mesmo individual, a memória é coletiva (HALBWACHS, 2003). Os grupos de referência atuam na formação de memórias. E isso constatamos nas lembranças e afetos expressos nos

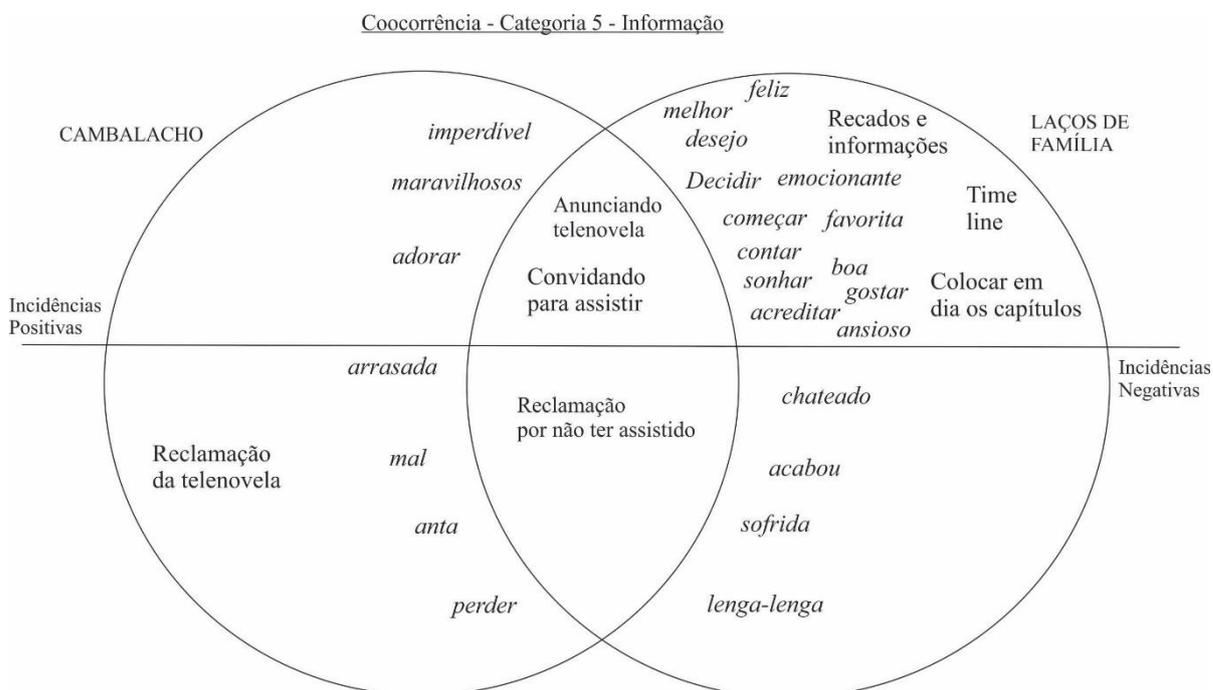
comentários de *Cambalacho* e de *Laços de Família*. Vimos como termos coocorrentes a nostalgia, a saudade, a infância, a trilha sonora, as personagens, atores e atrizes, que repercutiram em lembranças de um tempo com a família, com os amigos, na escola ou trabalho. Todos, incluindo a TV, constatamos como sendo grupos de referência do indivíduo.

Ferrés (1998) observa que a televisão é um campo vasto para as emoções e que ela hipergera os afetos. Tudo o que assistimos e ouvimos: as histórias, as personagens, as músicas e efeitos sonoros, induzem a uma excitação emotiva de valores e de comportamentos.

Acreditamos serem esses elementos os responsáveis por evocar os objetos não coocorrentes que visualizamos na análise. O colégio, a faculdade, os anos 80, as roupas, um amigo, o celular e a adolescência, por exemplo, aparecem porque foram evocados por eles.

Um fato não incidente, mas válido para ser analisado, é o fato de *Laços de Família* ter apresentado recordações no contexto negativo, diferente de *Cambalacho*. A memória afetiva também é evocada neste contexto e apresenta uma relação teleafetiva desfavorável. Não só pontos positivos são encontrados. Sentimento de tristeza e infelicidade também. No entanto, percebemos-os também como catalizadores para o sucesso do canal, que traz satisfação e prazer em assistir.

Figura 14 – Coocorrência – Categoria 5



Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

A categoria 5 – Informação foi responsável por agrupar os comentários dos telespectadores que divulgavam que a telenovela iria começar, que estava já assistindo ou qualquer outra informação, desde que não mostrasse satisfação e insatisfação pelo canal e pela telenovela.

Percebemos que o público do Canal Viva gosta e faz questão de anunciar a programação e convida, no *twitter*, outras pessoas para assistir. É a força da programação no contexto “sofá estendido” (FECHINE, 2014).

Na pós-televisão, segundo Cádima (2011), não ficamos mais condicionados somente à “velha caixa de televisão”. Segundo ele, assistimos TV e temos novas experiências e participações pela conectividade. O público do Viva está inserido nessa ambiência. Trata-se de uma experiência fora de casa e dos grupos de referências.

Dessa forma, o Viva irá sempre presenciar essas manifestações no comportamento do público na internet. Anunciam, convidam e reclamam por algo, o que é positivo para o Canal, visto que o telespectador é um “impulsionador” da programação. Mesmo quem não acompanha as telenovelas, ao ler no *twitter* estas informações, entende o que está sendo exibido.

Nesta era de pós-televisão iremos encontrar um público que participa junto com a programação ao divulgá-la, expressa neste contexto seus afetos e motiva um laço social não mais anônimo, por estar conectado. Isso faz com que outros acompanhem a programação.

Pode não ter ocorrido recordações nesta categoria, mas sentimentos foram percebidos em um contexto teleafetivo da memória. O telespectador sabe da história, da época em que foi exibida. Talvez, por isso, este maior entusiasmo em comentar os aspectos positivos e negativos das telenovelas em seu *status*.

Nos termos não incidentes, percebemos várias sensações e todas a favor da programação do Canal Viva. Se proporcionou esses desdobramentos, é porque se trata de uma programação que evidencia uma memória teleafetiva, porque fez vibrar o pensamento ao buscar nas histórias exibidas um prazer, que é exposto na rede, porque este laço social é reformulado e reconstruído com os sentimentos evocados.

O próximo capítulo apresentará as considerações finais desta tese, respondendo às questões dos problemas levantados e explicando se foram atingidos os objetivos e de que forma.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje em dia é fácil dizer que não gostamos de algo ou mostrar o que nos desagrada. Os sites de redes sociais também vêm sendo utilizados para este fim. As marcas e empresas, cada vez mais, procuram monitorar o que é postado ao seu respeito.

Entretanto, outros comportamentos fazem parte do contexto em que vivemos. Exemplos disso são as participações dos telespectadores nas redes, comentando sobre alguma programação exibida na televisão.

Como vimos, dados do OBITEL (2016), nos mostram que em 2015 a ficção televisiva ocupou o primeiro lugar no ranking dos assuntos mais comentados no *twitter*, e as telenovelas da Rede Globo, *Verdades Secretas* e *Império*, ficaram entre as 20 exibições da TV aberta com mais publicações durante o ano. Foram os títulos de ficção com maior número de *tweets* (LOPES e GRECO, 2016).

Com tamanha representatividade, a participação em rede do brasileiro permite olharmos desdobramentos sobre o consumo de televisão no país, os hábitos e expressões da audiência, frente a uma programação horizontal disponível em ambientes *off* e *online*.

Se na televisão aberta o impacto deste envolvimento do telespectador já desperta curiosidade, nos canais fechados, onde temos uma audiência mais restrita, peculiar e heterogênea, o interesse por investigações referentes a eles torna-se singular.

Esta pesquisa estudou televisão e memória no contexto transmidiático e pontuou conclusões para o entendimento das afetividades e recordações de um público que acompanha o Canal Viva. A memória, como observado, é um elemento que vem ganhando destaque em estudos, pesquisas e ações sociais. A volta dos objetos retrô e a valorização do passado trazem questões importantes a serem respondidas.

Esta tese investigou estes movimentos relacionados a uma programação televisiva que foi exibida tempos atrás. Mostrou alguns motivos que fazem do Canal Viva um dos mais vistos na TV fechada no Brasil. Acreditamos que o seu sucesso acontece por motivar nos telespectadores um movimento teleafetivo da memória. A afetividade implícita nas recordações do público dá vazão a um espaço que aciona uma relação, a qual denominamos de memória teleafetiva.

Com o término desta pesquisa, confirmamos que, além das afetividades que cada telespectador manifesta ao assistir as telenovelas no Canal Viva, há uma teleafetividade que

predomina e justifica a audiência do canal. Reforçamos que a memória teleafetiva é esta que surge das afetividades evocadas pela televisão. Nos telespectadores do Canal Viva, isso ocorre porque há vibrações emocionais que vêm com a experiência televisiva. A TV é um “lugar” de revisitação, que faz voltar no tempo.

Este fenômeno pode ser explicado, porque há um prazer em voltar ao passado com as imagens da televisão. Ela agrada, porque traz novamente um laço social, reconstruído com as reminiscências e com as experiências coletivas e individuais atuais do sujeito. Possuímos memória afetiva desde pequenos. Somos formados por sentimentos e as pessoas que estão ao nosso lado auxiliam nisso. Os grupos de referência interferem na aquisição dos sentimentos.

A TV consiste em um destes grupos, que, além de auxiliar na formação dos afetos, tem a possibilidade de atuar como objeto de evocação da memória. Por isso, a memória do telespectador não é somente afetiva e sim teleafetiva por conta da relação de uma experiência televisiva, que só ela é capaz de fazer.

No Brasil, pela historicidade e abrangência que a televisão apresenta, sua função como membro de um contexto social é evidente. Talvez por isso o seu sucesso como *SocialTV*. Passamos a viver uma era diferente no consumo televisivo. Na pós-televisão, presenciamos que o valor dado ao passado, ao sentimento de nostalgia e ao prazer que proporciona é uma característica que explica a audiência do Canal Viva por conta de uma memória teleafetiva.

A televisão tem a peculiaridade de vai e vem, de ir e vir das narrativas, capaz de mostrar o passado para que possa ser comparado com outros passados e com o presente. É a TV como um lugar de arquivo para acionar memórias. Com o avanço da tecnologia, com o acesso aos dispositivos móveis e com o arquivo digital, cada vez mais isso se faz presente.

Trata-se de um laço social que traz de volta o “estar com”. As sensações nostálgicas descritas pelos internautas foram decisivas para concluir que o sujeito sempre recorda por intermédio de outras pessoas. A coletividade e a socialização são fatores que determinam a memória e os afetos. Existem outras discursividades na pós-televisão e a relação afetiva da memória consiste em outro discurso, motivado pelas emoções particulares e coletivas.

O sentimento de identidade e de autoafirmação como indivíduo pode ser uma das razões para a valorização do passado, frente ao desejo de querer se ver como um sujeito que possuiu uma história. Vimos nas saudades sentidas, nos comentários classificados como Recordação, que houve sempre um “olhar” para trás, de se manifestar como uma pessoa que

viveu algo, que lembrou fatos e atitudes. Ou seja, esta reafirmação como ser humano explica que as memórias estão para serem (re)descobertas, e a televisão fortalece isso ao “entregar” prontas as imagens que evocam uma lembrança, que, mesmo particular, é comunitária, haja vista a relação social formada com os *tweets* no meio digital.

Consideramos que a saudade, a nostalgia, os atores, as atrizes, a infância, as personagens e a trilha sonora são elementos que podem comprovar que estamos diante de uma coletividade, tanto do passado, quanto da atualidade, e que impulsionam as vibrações nas evocações e recordações desta memória teleafetiva.

É pelo laço social reconstruído pelas reminiscências que visualizamos a teleafetividade das memórias. Por exemplo: o indivíduo que assistiu *Cambalacho* em 1986 presenciou as personagens, o contexto narrativo, os atores e a trilha sonora. Naquele momento, um laço social invisível foi realizado em função da TV aberta, da coletividade e dos grupos de referências. A televisão e a telenovela também estavam presentes neste coletivo e fizeram parte do cotidiano, do momento com amigos, na escola ou universidade, no trabalho e no ambiente familiar desse sujeito. Situações particulares, ou não, ocorreram, **na medida em que** foi um tempo vivido por ele, que, ao reassistir, no Viva, a história de *Cambalacho*, fez aquele laço social ser reconstruído, agora pelas recordações evocadas. Podemos dizer que a teia invisível que une as pessoas, descrita por Wolton (1996) através da televisão, é tão forte, que não se limita somente à “igualdade” de assistir uma programação, mas também traz marcações de momentos na vida de cada um.

A emoção e os afetos só ocorrem por conta desta socialização. Por isso, a comprovação de que só houve lembranças e sentimentos por este tempo passado, porque a televisão estava junto com o sujeito. Caso contrário, se não estivesse, não traria essas sensações. Gostamos da nostalgia porque estamos emocionalmente ligados ao mundo, e as emoções estão presentes em nossas memórias, de forma movente e também cristalizadora.

Vimos que o canal Viva deixa de ser somente um veículo para exibição de arquivos audiovisuais. A memória só acontece porque as pessoas buscam as reminiscências no que está guardado na memória. A partir deste ponto, o arquivo estabelece sentido. De nada adianta, se não houver uma memória vivida e sentida pelo telespectador. O arquivo é máquina; a memória é humana.

O Canal Viva potencializa as memórias de um tempo que foi significativo e é pelos grupos de referência que a emoção é indicada. Diante do telespectador, preenche os lugares que até então estavam vazios, abandonados. Por isso, também este desejo de assistir à programação.

Desta forma, comprovamos a tese de que, mesmo vivendo nesta fase da pós-televisão, o retorno ao passado faz bem, agrada e dá prazer, porque há um sentimento de nostalgia, de querer lembrar algo evocado com algum tipo de afeto. Isso porque, a TV recria um laço social e comprova uma relação de importância como parte de um dos grupos de referência dos brasileiros, principalmente com os conteúdos de ficção seriada.

Ao analisar o perfil do telespectador do Canal Viva, percebemos um público ativo, que solicita o que quer, sugere troca de horários e reclama do que não lhe agrada. Identificamos pedidos e manifestações para o canal, tanto positivas, quanto negativas, que descrevem um telespectador que “fala” e publica na rede os seus desejos.

Os sites de redes sociais potencializam os diálogos do público. Há um interesse da emissora em provocar as discussões. Durante a programação e nos ambientes digitais, criam estratégias para atingir o público por estas mídias. Estes pedidos tendem a ser constantes.

Concluimos que o público sempre irá desejar outras telenovelas, porque elas fizeram parte de um laço social antigo, e que deseja ser lembradas. As lembranças que o acompanha são motivadores destas demandas. Os títulos reivindicados aparecerão conforme o grau de afetividade que cada telespectador possui com o ano e o período em que as histórias foram exibidas. Além da preferência por um bom enredo, o que determina a sugestão do que deve estar na programação são os laços sociais formalizados e os sentimentos adquiridos naquele tempo.

Importante pensar que, quando elogiam a programação, tendem a pedir outras telenovelas do mesmo período, como aconteceu em *Cambalacho*. Percebemos que foram postagens positivas e que, no texto, lembraram outras da década de 1980. Diferente de *Laços de Família*, que só encontramos estes pedidos nos *tweets* negativos.

Acreditamos que, quanto mais antiga for a telenovela, mais narrativas passadas serão lembradas, e os termos que demonstram positividade e afeição serão apresentados juntos com as solicitações. Como visto na coocorrência, não presenciamos expressões comuns, mas dados não incidentes demonstraram que a trama de 1986 foi parabenizada, houve afetos e, conseqüentemente, pedidos para a reapresentação de mais telenovelas antigas.

Entender os anseios da audiência é um dos grandes desafios do meio. Ainda mais em um canal segmentado, cuja proposta é atingir uma preferência restrita. A televisão aberta é para todos. Com isso, múltiplos gostos podem surgir. No canal segmentado, ocorre o inverso.

O telespectador do canal, este que comenta em sites de redes sociais, é aquele que vive em um contexto de convergência e conectividade. Isso demonstra que houve uma adequação de um público com mais idade no uso das tecnologias. Isso foi identificado nos

comentários que expuseram suas memórias. Eram crianças ou muito jovens, quando *Cambalacho* foi ao ar em 1986. No entanto, as crianças que assistiram *Laços de Família* no ano 2000, hoje possuem mais de 17 anos, o que retrata uma geração já inserida no contexto digital.

Além disso, observamos telespectadores não atuantes na rede. Alguns comentários mostraram que o pai ou mãe acompanhavam a história. Consideramos que, em alguns casos, se trata de um público que ainda assiste televisão na companhia de alguém. Essa continua reunindo pessoas em frente de uma programação horizontal e vertical.

Mesmo nesta fase pós-televisão, em que estamos diante de uma ubiquidade, interação e remediação com os dispositivos digitais, presenciamos momentos dos “velhos” hábitos de assistir TV diante dela, numa programação que está ali, à disposição. No entanto, pareceu-nos que a individualização acontece somente nas opções de escolhas. Percebemos o interesse em estar em conjunto com outras pessoas, partilhando e comentando suas memórias e sensações, ao rever a programação no Canal Viva.

A teleafetividade é que dá impulso para as manifestações em sites de redes sociais, porque a TV tem essa função de socializar e provocar emoções. Por isso, os comentários saem da sala de estar, do quarto e de qualquer outro cômodo familiar, para serem propagados na internet.

Podemos dizer que são os sentimentos de alegria, amor, tristeza e infelicidade que contribuem para a audiência das telenovelas *Cambalacho* e *Laços de Família*. Há nestes telespectadores lembranças formadas por afetos, que puderam ser vistas nas seguintes situações:

- na infância, quando um telespectador lembrou a sua escola, a apresentação que fizeram sobre *Cambalacho*, como via São Paulo com os letreiros coloridos, a Tina Pepper, que cantava e alegrava as pessoas;
- na aquisição do primeiro disco de vinil e as reminiscências com as trilhas sonoras das telenovelas *Cambalacho* e *Laços de Família*;
- na projeção de um futuro, como no caso de pessoas que imaginaram como estaria sua vida quando adultas;
- na dor e na saudade de pessoas, ao assistir *Cambalacho*;
- na lembrança da época, quando alguns solicitaram mais histórias do anos 1980, afirmando que telenovelas boas eram produzidas naquele período;
- quando iniciou o sentimento de admiração pela atriz Giovanna Antonelli;
- no tempo da faculdade durante a exibição de *Laços de Família*;

- na adolescência, quando ficava “secando” o vizinho;
- do celular e computador, que eram utilizados no ano 2000.

Ou seja, independente da situação, percebemos que o Canal Viva proporcionou estas vivências. Constatamos nas “falas” direcionadas para as lembranças um certo tipo de alento.

Mesmo os que assistem pela primeira vez a história de *Cambalacho* e *Laços de Família*, ao olhar as cenas, seus pensamentos se manifestam sabendo que se trata de uma programação *déjà vu* e que seus grupos de referências, família ou amigos, podem fornecer elementos associativos que provoquem lembranças sobre tal narrativa. Há neste processo uma memória teleafetiva, por estabelecer vínculos com grupos de referências e por haver indícios de uma memória social e coletiva que interfere e ultrapassa gerações. Além disso, há um imaginário de uma época, um interesse em conhecer o passado.

Consideramos que esta anuência ocorre em função da curiosidade em assistir à telenovela. O público “herda” reminiscências, pois a televisão e as telenovelas estão num contexto imaginário e social. Os afetos surgem em função da relação proporcionada pela primeira exibição e do convívio com familiares, amigos e colegas. A televisão também configura um espaço de comunhão, de coabitação comum.

A memória é social e coletiva e, desta forma, é construída com os discursos e as representações. O telespectador que assiste, no Viva, pela primeira vez uma telenovela sabe que se trata de uma reexibição, que apresenta um contexto fora de sua época. No entanto, carrega consigo elementos discursivos e representativos que podem ter sido atribuídos por outras pessoas.

Acreditamos que configura uma audiência que busca este tipo de programação, que estima, na atração, uma diversão e uma satisfação distintas dos demais canais fechados, por ser a lembrança um resultado de um conjunto coletivo, que necessita estar inserido numa relação afetiva. Este grupo de referência é o responsável pela existência da reconstrução e do reconhecimento, visto que as lembranças são retomadas pelas relações sociais.

O fato de analisarmos programas de um canal de televisão segmentada nos mostrou que, mesmo com a força da internet e as possibilidades *on demand*, a função da programação como calendário, estruturação e relógio da vida cotidiana ainda são pontos a serem considerados. Identificamos os telespectadores anunciando as telenovelas, informando que estavam assistindo, convidando para acompanhar a história e ficarem chateados quando perderam o horário.

É a comprovação de que os formatos televisivos convivem e estarão convivendo com as novas tecnologias, e que na pós-televisão presenciamos uma aliança entre o individual e o coletivo. Os telespectadores, mesmo sozinhos, estão em grupos, conectados, conversando sobre a programação.

No que se refere aos elementos encontrados nas memórias dos telespectadores, em relação a *Cambalacho* e *Laços de Família*, vimos que a aceitação e a audiência podem ser justificadas por possuir uma saudade e, conseqüentemente, uma nostalgia. As pessoas sentem saudade de um período vivido, de objetos, roupas e de pessoas. Ficou evidente o quanto a televisão proporcionou este sentimento. Com as cenas exibidas, os telespectadores recordaram situações que haviam esquecido. Fez bem, para os que assistiram os primeiros capítulos, o fato de recordar e sentir prazer com essas recordações.

A divisão das “falas” dos telespectadores em Positivas, Negativas e Neutras deu o direcionamento desejado sobre a aceitação ou não do canal e da programação, atingindo alguns dos objetivos traçados. Somente desta forma foi possível verificar os motivos e o que querem do Canal.

As cinco categorias – Ativação, Satisfação / Insatisfação, Diversão, Recordação e Informação – oportunizaram o estudo dos sentidos semânticos e, com isso, compreendemos o perfil do telespectador, os elementos da recordação e os motivos pelos quais assistem as telenovelas.

Esperamos, com o término desta tese, ter contribuído para os estudos da audiência e dos processos de rememoração. Contudo, este estudo não finaliza. Pesquisas futuras poderão ser realizadas a partir da categorização apresentada e dos conceitos resultantes na análise.

Além da ficção, é possível verificar se ocorrem os mesmos afetos e recordações em outros tipos de programas, visto ser o Viva um canal temático, com uma programação generalista. Poderão ser observados, por exemplo, em humorísticos, musicais e programas de auditório.

Para este pesquisador, chegar a estas conclusões só fortalece o sentimento de que vale a pena investigar aquilo que evoca curiosidade e satisfação. Além de entender um processo que, até então, era desconhecido, permite, a partir de agora, observar com “outros olhos” a memória afetiva, as recordações e os estudos sobre televisão.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2ª reimp. da 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Márcia. Ibope da TV por assinatura aumenta 20% em 2014. Observatório da Televisão. 05 jun. 2014. Disponível em: <<http://observatoriodatelevisao.com.br/ibope-da-tv-por-assinatura-aumenta-20-em-2014/>>. Acesso em: 04 fev. 2015.
- BRESSAN JUNIOR, Mario Abel; COSTA, Cristiane Finger. Memória e televisão: a programação Déjà Vu no Canal Viva. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia - ALCAR, 2015, Porto Alegre. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <file:///C:/Users/windows/Downloads/GTMIDAV\_BRESSAN%20JUNIOR-%20Mario\_%20COSTA-%20Cristiane%20(1).pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.
- BRITTOS, Valério Cruz. **Recepção e TV a cabo**: a força da cultura local. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- BRUSCO, Ignacio, MD; GOLOMBEK, Diego, PhD; STREJILEVICH, Sergio, MD. A Memória: Entrevista com Ivan Izquierdo. **RAN – Revista Argentina de Neurociências**, abr 1998. Disponível em: < <http://www.cerebromente.org.br/n04/opiniaio/izquierdo.htm> > . Acessado em: 15 set de 2016.
- BURNAY, Catarina Duff; LOPES, Pedro; SOUSA, Marta Neves de. Portugal: a hegemonia da ficção nacional em prime time. In.: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Estratégias de Produção transmídia na ficção televisiva**: anuário Obitel 2014. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- \_\_\_\_\_. Portugal: a indústria especializada na longa duração. In.: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (Org). **Relações de gênero na ficção televisiva**: anuário Obitel 2015. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- \_\_\_\_\_. Portugal: a telenovela, produto-âncora das estações free-to-air. In.: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (Org). **(Re)invenção de gêneros e formatos da ficção televisiva**: anuário Obitel 2016. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- CÁDIMA, Francisco Rui. **História e crítica da comunicação**. Lisboa: Século XXI, 1996

\_\_\_\_\_. **A televisão 'light' rumo ao digital**. Lisboa: Rés XXI / Formalpress, 2006.

\_\_\_\_\_. **A televisão, o digital e a cultura participativa**. Lisboa: Media XXI / Formalpress, 2011.

\_\_\_\_\_. Repensar o Audiovisual e as Políticas Públicas face ao Digital. In: FAUSTINO, Paulo; CÁDIMA, Francisco Rui. **Políticas Públicas, Estado e Média**. Lisboa: Media XXI / Formalpress, 2013.

\_\_\_\_\_. **A era digital: primeiros impactos**. Lisboa: Media XXI / Formalpress, 2014.

CAIXETA, Leonardo. Desenvolvimento histórico das neurociências das emoções. In: PÔRTO, Weyler Galvão. **Emoção e Memória**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

CARLÓN, Mario. Entrevista a Mario Carlón: Televisión, Directo y Metatelevisión.

**Hipermediaciones**. 16 abr. 2013. Disponível em:

<<http://hipermediaciones.com/2013/04/16/entrevista-a-mario-carlon-television-directo-y-metatelevision/>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

CARLÓN, Mario. Repensando os debates Anglo-Saxões e Latino-Americanos sobre o “Fim da Televisão”. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

CTV AUDIÊNCIA. **“Despedida de Solteiro” coloca o canal Viva em terceiro lugar na TV Paga**. Publicado em 01 de jul. de 2015. Disponível em:

<<https://conexaotvaudiencia.wordpress.com/2015/07/10/despedita-de-solteiro-coloca-o-canal-viva-em-terceiro-lugar-na-tv-paga/comment-page-1/>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

CUNHA, Isabel Ferin. As telenovelas brasileiras em Portugal. In: **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-telenovelas-brasileiras.pdf>. Acessado em 06 de jan de 2017.

CUNHA, Isabel Ferin. Estudos de Recepção sobre Televisão: um percurso autobiográfico. IN: FREIRE FILHO, João; BORGES, Gabriela (Org). **Estudos de Televisão: diálogos Brasil-Portugal**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

CUNHA, Juliana. **'Estudos de neurociência superaram a psicanálise', diz pesquisador brasileiro**. Publicado em 18 de jun. de 2016. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2016/06/1783036-estudos-de-neurociencia-superaram-a-psicanalise-diz-pesquisador-brasileiro.shtml>>. Acessado em 10 de out. de 2016.

ECO, Umberto. **Teve: a transparência perdida**. In: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FECHINE, Yvana. Elogio à programação: repensando a televisão que não desapareceu. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

F5. **'Remake' da Escolinha faz canal Viva bater recorde de audiência**. Publicado em 04 de dez. de 2015. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2015/12/1714790-remake-da-escolinha-faz-canal-viva-bater-recorde-de-audiencia.shtml>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

GAZETA DO POVO. **As 5 novelas do Canal Viva que mais bombaram na web**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/sintonizando/as-5-novelas-do-canal-viva-que-mais-bombaram-na-web/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão**: desmassificação e o impasse das grandes redes. Rio de Janeiro: 1996.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, maio/ago. 1989. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141989000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006)>. Acesso em 10 de ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Memória**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

\_\_\_\_\_. **Memória e Recordação**: esclarecimento. Entrevistador: M. A. Bressan Junior. Porto Alegre: Inscr – Instituto do Cérebro, 2016. 1 Dispositivo móvel.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. **RTP: local ao global**. 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-erica-rtp-local-global.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco. Síntese comparativa dos países Obitel 2011. In.: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (Org). **Qualidade na ficção televisiva e participação transmidiática das audiências**: anuário Obitel 2011. Porto Alegre: Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. Síntese comparativa dos países Obitel 2013. In.: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (Org). **Estratégias de Produção transmídia na ficção televisiva**: anuário Obitel 2014. Porto Alegre: Sulina, 2014.

\_\_\_\_\_. Síntese comparativa dos países Obitel em 2014. In.: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (Org). **Relações de gênero na ficção televisiva**: anuário Obitel 2015. Porto Alegre: Sulina, 2015.

\_\_\_\_\_. Síntese comparativa dos países Obitel em 2015. In.: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco (Org). **(Re)invenção de gêneros e formatos da ficção televisiva**: anuário Obitel 2016. Porto Alegre: Sulina, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Brasil: a telenovela como fenômeno midiático. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Memória social e ficção televisiva em países ibero-americanos**: anuário Obitel. Porto Alegre: Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. Brasil: trânsito de formas e conteúdos na ficção televisiva. In.: LOPES, M. I. V. de; GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Estratégias de produção transmídia na ficção televisiva**: anuário Obitel 2014. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GRECO, Clarice. Brasil: a “TV transformada” na ficção televisiva brasileira. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GÓMEZ, Guillermo Orozco. **(Re)invenção de gêneros e formatos da ficção televisiva**: anuário Obitel 2016. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MACHADO, Arlindo; VÉLEZ, Marta Lucía. Fim da televisão? In.: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, por, desde e com a telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (Org.). **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

MEDEIROS, Lucas. **Reprise do clássico “Pai Herói” deixa o canal Viva na liderança absoluta**. Publicado em 27 de out. de 2016. Disponível em: <<http://www.otvfoco.com.br/reprise-do-classico-pai-heroi-deixa-o-canal-viva-na-lideranca-absoluta/#ixzz4XMCmvUfr>> Acesso em 31 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Canal Viva comemora sucesso na audiência de 2016**. Publicado em 06 de jan. de 2017. Disponível em: <http://www.otvfoco.com.br/canal-viva-comemora-sucesso-na-audiencia-de-2016/#ixzz4XLa6yokd>> Acesso em: 31 jan. 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Cambalacho**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/Cambalacho/trama-principal.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2015A

\_\_\_\_\_. **Laços de Família**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/lacos-de-familia/trama-principal.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2015B

OROZCO, Guillermo. Televisão: causa e efeito de si mesma. In.: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

ORTIZ, Renato. Evolução histórica da novela. In: ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela: história e produção**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROPMARK. **No Brasil, 16 milhões acessam a internet enquanto assistem TV**. Publicado em 01 de out. de 2014. Disponível em: <<http://propmark.uol.com.br/midia/50021:no-brasil-16-milhoes-acessam-web-enquanto-assistem-tv>> Acesso em: 14 fev. 2015.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIBEIRO, Rafaela Larsen; FUSO, Simone Freitas; BUENO, Orlando Francisco Amodeo. Memória emocional em indivíduos adultos. In: PÔRTO, Weyler Galvão. **Emoção e Memória**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

RTP. **Vila Faia**. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/programa/tv/p1346>>. Acesso em: 29 dez. 2015A

\_\_\_\_\_. **Lusitana Paixão**. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/programa/tv/p14021>>. Acesso em: 29 dez. 2015B

SANTOS, Flávia Heloísa dos. Memória emocional em crianças. In: PÔRTO, Weyler Galvão. **Emoção e Memória**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

SCHMIDT, Maria Luisa; MAHFOUD, Miguel. Halbwichs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**. V. 4. N. 1-2, 1993. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

SCOLARI, Carlos A. *This is the End*: As intermiáveis discussões sobre o fim da televisão. In.: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Television y vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

\_\_\_\_\_. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

TITCHENER, E. B. Affective Memory. **The Philosophical Review**, V. 4, N. 1, Jan. 1895. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2175845>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

VEJA.COM. **Novelas do canal Viva foram líderes de audiência na TV paga em 2014.**

Publicado em 16 de jan. de 2015. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/novelas-do-canal-viva-foram-lideres-de-audiencia-na-tv-paga-em-2014/>>. Acesso em: 19 abr.2015.

WOLFF, Michael. **Televisão é a nova televisão.** São Paulo: Globo, 2015

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.